



 *bolo'bolo*





## Uma grande ressaca

Viver neste planeta não é tão agradável quanto poderia ser. É óbvio que alguma coisa não deu certo na espaçonave Terra, mas o quê? Talvez um equívoco fundamental quando a natureza (ou quem quer que tenha sido) resolveu pôr em prática a idéia "Ser Humano". Ora. Por que deveria esse animal andar sobre duas pernas e começar a pensar? Mas, enfim, quanto a isso não há muita escolha - temos que aprender a lidar com esse erro da natureza, isto é, nós mesmos. Erros existem para aprendermos com eles.

Em tempos pré-históricos o negócio não parecia tão mau. Durante o Paleolítico, cinqüenta mil anos atrás, éramos muito poucos. Havia comida abundante (caça e vegetais), e sobreviver exigia só um tempinho de trabalho com esforços modestos. Catar raízes, castanhas ou amoras (não esquecer cogumelos) e matar (ou melhor, pegar na arapuca) coelhos, cangurus, peixes, pássaros ou gamos levava duas a três horas por dia. Repartíamos a carne e os vegetais com os outros e passávamos o resto do tempo dormindo, sonhando, tomando banho de mar e de cachoeira, fazendo amor ou contando histórias. Alguns de nós começaram a pintar as paredes das cavernas, a esculpir ossos e troncos, a inventar novas armadilhas e canções.

Perambulávamos pelos campos em bandos de vinte e cinco, mais ou menos, com um mínimo de bagagem e pertences. Preferíamos climas suaves, como o da África, e não havia civilização para expulsar a gente em direção aos desertos, tundras e montanhas. O Paleolítico deve ter sido mesmo um bom negócio, a se acreditar nos recentes achados antropológicos. É por isso que ficamos nele por milhares de anos - um período longo e feliz, comparado com os dois séculos do atual pesadelo industrial.

Aí alguém começou a brincar com plantas e sementes e inventou a agricultura. Parecia uma boa idéia: não tínhamos mais que andar procurando vegetais. Mas a vida ficou mais complicada e trabalhosa. Éramos obrigados a ficar no mesmo lugar por vários meses, a guardar sementes para o plantio seguinte, a planejar e executar o trabalho nos campos. E ainda precisávamos defender as roças dos nossos primos nômades, caçadores e coletores que insistiam em que tudo pertencia a todo mundo.

Começaram os conflitos entre fazendeiros, caçadores e pastores. Foi preciso explicar aos outros que havíamos trabalhado para acumular nossas provisões, e eles nem tinham uma palavra para trabalho.

O planejamento, a reserva de comida, a defesa, as cercas, a necessidade de organização e autodisciplina abriram caminho para organismos sociais

especializados como igrejas, comandos, exércitos. Criamos religiões com rituais de fertilidade para nos manter convictos da nossa nova escolha de vida. A tentação de voltar à liberdade de caçadores e coletores deve ter sido uma ameaça constante; e, fosse com patriarcado ou matriarcado, estávamos a caminho da instituição, família e propriedade.

Com o crescimento das antigas civilizações na Mesopotâmia, Índia, China e Egito, o equilíbrio entre os humanos e os recursos naturais estava definitivamente arruinado. Programou-se aí o futuro enguiço da espaçonave. Organismos, centralizadores desenvolveram sua própria dinâmica; tornamo-nos vítimas da nossa criação. Em vez de duas horas por dia, trabalhávamos dez ou mais nos campos ou nas construções dos faraós e césores. Morríamos nas guerras deles, éramos deportados como escravos quando eles resolviam, e quem tentasse voltar à liberdade anterior era torturado, mutilado, morto.

Com o início da industrialização as coisas não melhoraram. Para esmagar as rebeliões na lavoura e a crescente independência dos artesãos nas cidades, introduziu-se o sistema de fábricas. Em vez de capatazes e chicotes, usavam máquinas. Elas comandavam nosso ritmo de ação, punindo automaticamente com acidentes, mantendo-nos sob controle em vastos galpões. Mais uma vez progresso significava trabalho e mais trabalho, em condições ainda mais assassinas. A sociedade inteira, em todo o planeta, estava voltada para uma enorme Máquina do Trabalho. E essa Máquina do Trabalho era ao mesmo tempo uma Máquina da Guerra para qualquer um - de dentro ou de fora - que ousasse se opor. A guerra se tornou industrial, como o trabalho; aliás, paz e trabalho nunca foram compatíveis. Não se pode aceitar a destruição pelo trabalho e evitar que a mesma máquina mate os outros; não se pode recusar a própria liberdade sem ameaçar a liberdade alheia. A Guerra se tornou tão absoluta quanto o Trabalho.

A nova Máquina do Trabalho criou grandes ilusões sobre um futuro melhor. Afinal, se o presente era tão miserável, o futuro só podia ser melhor. Até mesmo as organizações de trabalhadores se convenceram de que a industrialização estabelecerá bases para uma sociedade mais livre, com mais tempo disponível, mais prazeres. Utopistas, socialistas e comunistas acreditaram na indústria. Marx pensou que com essa ajuda os humanos poderiam caçar, fazer poesia, gozar a vida novamente. (Pra que tanta volta?) Lenin e Stalin, Castro e Mao e todos os outros pediram Mais Sacrifício para construir a nova sociedade. Mas mesmo o socialismo não passava de um novo truque da Máquina do Trabalho, estendendo seu poder às áreas onde o capital privado não chegaria. A Máquina do Trabalho não importa ser manejada por multinacionais ou por burocracias de Estado, seu objetivo é sempre o mesmo: roubar nosso tempo para produzir aço.

A Máquina do Trabalho e da Guerra arruinou definitivamente nossa espaçonave e seu futuro natural: os móveis (selvas, bosques, lagos, mares) estão em farrapos; nossos amiguinhos (baleias, tartarugas, tigres, águias) foram exterminados ou ameaçados; o ar (fumaça, chuva ácida, resíduos industriais) é fedorento e perdeu todo o sentido de equilíbrio; as reservas (combustíveis fósseis, carvão, metais)

vão se esgotando; e está em preparo (holocausto nuclear) a completa autodestruição. Não somos capazes nem de alimentar todos os passageiros desta nave avariada. Ficamos tão nervosos e irritáveis que estamos prontos para os piores tipos de guerra: nacionalistas, raciais ou religiosas. Para muitos de nós, o holocausto nuclear não é mais uma ameaça, mas a bem-vinda libertação do medo, do tédio, da opressão e da escravidão.

Três mil anos de civilização e duzentos de acelerado progresso industrial deixaram a gente com uma enorme ressaca. A tal da economia se tornou um objetivo em si mesma, e está quase nos engolindo. Este hotel aterroriza seus hóspedes. Mesmo a gente sendo hóspede e hoteleiro ao mesmo tempo.

## A máquina planetária do trabalho

O nome do monstro que deixamos crescer e que mantém nosso planeta em suas garras é: Máquina Planetária do Trabalho. Se queremos que a nossa espaçonave volte a ser um lugar agradável, temos que dismantlar essa Máquina, consertar os estragos e fazer certos acordos básicos para um novo começo. Então, nossa primeira pergunta deve ser: como faz a Máquina Planetária do Trabalho para nos controlar? Como é organizada? Quais são seus mecanismos e como podem ser destruídos?

A Máquina é planetária: come na África, digere na Ásia e caga na Europa. É planejada e regida por companhias internacionais, sistemas bancários, circuitos de combustível, produtos não-manufaturados e outros bens. Existem montes de ilusões quanto a nações, Estados, blocos, Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto Mundos – mas estas são só subdivisões menores, partes da mesma maquinaria. Claro que diferentes engrenagens exercem pressões, tensões e fricções entre si. A Máquina é feita de suas próprias contradições: operários/capital; capital privado/capital do Estado (capitalismo/socialismo); desenvolvimento/subdesenvolvimento; miséria/desperdício; guerra/paz; mulheres/homens, etc. A Máquina não é uma estrutura homogênea; ela usa suas contradições internas para expandir seu controle e sofisticar seus instrumentos. Diferente dos sistemas fascistas ou teocráticos, ou como no 1984 de Orwell, a Máquina do Trabalho permite um nível "sadio" de resistência, inquietação, provocação e revolta. Ela digere sindicatos, partidos radicais, movimentos de protesto, manifestações e mudanças democráticas de regime. Se a democracia não funciona, ela usa a ditadura. Se a sua legitimidade entra em crise, ela tem prisões, tortura e campos de concentração de reserva. Nenhuma dessas modalidades é essencial para entender a função da Máquina.

O princípio que governa todas as atividades da Máquina é a economia. Mas o que é economia? É uma troca impessoal e indireta de tempo de vida cristalizado. Você gasta seu tempo para produzir uma peça que é usada por alguém que você

não conhece para montar uma bugiganga que é comprada por outro desconhecido para fins que você ignora. O circuito dessa sucata de vida é regulado de acordo com o tempo de trabalho que foi investido no material bruto, na sua manufatura e em você. A medida é o dinheiro. Os que produzem e trocam não têm controle sobre seu produto comum, então pode acontecer que trabalhadores revoltados sejam mortos exatamente com os revólveres que ajudaram a produzir. Cada peça de comércio é uma arma contra nós, cada supermercado um arsenal, toda fábrica um campo de batalha. Este é o mecanismo da Máquina do Trabalho: retalhar a sociedade em indivíduos isolados, chantageá-los separadamente com salários ou violência, usar seu tempo de trabalho de acordo com os planos. Economia quer dizer: expansão do controle da Máquina sobre suas partes, tornando essas partes cada vez mais dependentes da própria Máquina.

Todos somos partes da Máquina Planetária do Trabalho – nós somos a Máquina. Representamos a Máquina uns contra os outros. Desenvolvidos ou não, assalariados ou não, autônomos ou empregados, servimos à proposta dela. Onde não há indústria, "produzimos" trabalhadores virtuais e exportamos para zonas industriais. A África produziu escravos para as Américas, a Turquia produz trabalhadores para a Alemanha, o Paquistão para o Kuwait, Ghana para a Nigéria, o Marrocos para a França, o México para os Estados Unidos. Áreas virgens podem ser usadas como cenário para os negócios turísticos internacionais: índios em suas reservas, polinésios, balis, aborígenes. Os que tentam sair da Máquina preenchem as funções de pitorescos marginais (hippies, yogues, etc.). Enquanto a Máquina existir, estaremos dentro dela. Ela destruiu ou mutilou quase todas as sociedades tradicionais ou as levou a desmoralizantes situações defensivas. Se você tenta se retirar para um vale deserto e viver sossegadamente de uma agricultura de subsistência, pode crer que vai ser encontrado por um coletor de impostos, um funcionário do planejamento ou um policial. Com seus tentáculos, a Máquina pode alcançar virtualmente todos os lugares deste planeta em questão de horas. Nem nas partes mais remotas do deserto de Gobi você pode dar uma cagadinha sem ser notado.

## **Os três elementos essenciais da máquina**

Examinando a Máquina mais de perto podemos distinguir três funções essenciais, três componentes da força de trabalho internacional e três negócios que a Máquina nos oferece.

As três funções podem ser caracterizadas assim:

*informação*: planejamento design, orientação, manejo, ciência, comunicação, política, produção de idéias, ideologias, religiões, arte, etc.; o cérebro coletivo e sistema nervoso da Máquina.

*produção*: criação industrial e agrícola de produtos, execução de planos, trabalho fragmentado, circulação de energia.

*reprodução*: produção e manutenção de trabalhadores tipo A, B e C através da produção de crianças, educação, trabalhos domésticos, serviços, entretenimento, sexo, recreação, cuidados médicos, etc.

Essas três funções são igualmente essenciais para o funcionamento da Máquina. Se uma delas falha, mais cedo ou mais tarde a Máquina pára. E para realizar essas três funções a Máquina criou três tipos de trabalhadores, divididos por seus níveis salariais, privilégios, educação, status social, etc.

A – Trabalhadores técnico-intelectuais pra países (ocidentais) industrialmente avançados: muito qualificados, na maioria brancos, homens e bem pagos. Um bom exemplo: engenheiros de computação.

B – Trabalhadores industriais e empregados em áreas não muito desindustrializadas, nos países em desenvolvimento e países socialistas: pouco ou muito mal pagos, homens ou mulheres, com amplas qualificações. Por exemplo, montadores de automóveis, montadoras de aparelhos eletrônicos (mulheres).

C – Trabalhadores flutuantes, oscilando entre pequenos períodos de plantio e colheita nos campos, prestadores de serviços, donas-de-casa, desempregados, criminosos, pivetes, todos sem rendimentos regulares. Na maioria mulheres e não-brancos dos cortiços metropolitanos ou do Terceiro Mundo, essas pessoas freqüentemente vivem no limite da inanição.

Todos estes tipos de trabalhadores estão presentes em todas as partes do mundo, só que em diferentes proporções. Mas é possível distinguir três zonas com uma proporção tipicamente alta dos respectivos tipos:

Trabalhadores A – em países (ocidentais) industrialmente adiantados, nos Estados Unidos, Europa, Japão.

Trabalhadores B – em países socialistas ou em vias de industrialização: União Soviética, Polônia, Taiwan, etc.

Trabalhadores C – no Terceiro Mundo, em áreas agrícolas ou subdesenvolvidas, na África, Ásia e América do Sul, e em chiqueiros urbanos do mundo inteiro.

Os três Mundos estão presentes em toda parte. Na cidade de Nova York existem bairros que podem ser considerados parte do Terceiro Mundo. No Brasil existem importantes áreas industriais. Em países socialistas existem representantes perfeitos do tipo A. Mas ainda assim resta uma acentuada



diferença entre os Estados Unidos e a Bolívia, entre a Suécia e o Laos, e por aí afora.

O poder da Máquina, seu mecanismo de controle, é baseado no estímulo à luta entre os diferentes tipos de trabalhadores. Altos salários e privilégios são garantidos não porque a Máquina prefira determinado tipo de trabalhador, mas porque a estratificação social é usada para a manutenção do sistema como um todo. Os três tipos de trabalhadores aprendem a ter medo uns dos outros. São divididos por preconceitos, racismo, ciúmes, ideologias políticas, interesses econômicos. Os trabalhadores A e B têm medo de perder seu alto padrão de vida, seus carros, suas casas, seus empregos. Ao mesmo tempo, eles se queixam constantemente de stress e ansiedade, e invejam os comparativamente ociosos Trabalhadores C. Estes, em troca, sonham com bens de consumo, empregos estáveis e o que eles vêem como uma vida fácil. E todas essas divisões são exploradas de vários modos pela Máquina.

A Máquina nem precisa mais de uma classe dominante especial para manter seu poder. Capitalistas privados, burgueses, aristocratas, todos os chefes são meros excessos, sem nenhuma influência decisiva na execução material do poder. A Máquina pode prosseguir sem capitalistas e proprietários, a exemplo dos países socialistas e das empresas estatais do Ocidente. Esses relativamente raros tubarões não são o problema real. Os verdadeiros órgãos opressores da Máquina são todos controlados pelos próprios trabalhadores: guardas, soldados, burocratas. Somos sempre postos em confronto com metamorfoses convenientes da nossa própria espécie.

A Máquina Planetária do Trabalho é um mecanismo que consiste de pessoas postas umas contra as outras; todos nós garantimos seu funcionamento. Então, uma questão urgente é a seguinte: por que a gente topa? Por que a gente aceita viver um tipo de vida de que obviamente não gosta? Quais são as vantagens que nos fazem suportar o nosso descontentamento?

## **Três negócios em crise**

As contradições que fazem a Máquina andar são também contradições internas para todo trabalhador – são as nossas contradições. É claro que a Máquina sabe que a gente não gosta dessa vida, e que não adianta simplesmente oprimir nossos desejos. Se ela se baseasse somente em repressão, a produtividade cairia e subiriam os custos de supervisão. Foi por isso que a escravidão acabou. Na realidade, metade de nós aceita o negócio da Máquina e a outra metade está revoltada contra ela.

E a Máquina tem, sem dúvida, algo a oferecer. A gente dá parte das nossas vidas, mas não tudo. Em troca, ela dá uma certa quantidade de produtos, mas não

tanto quanto a gente queria nem exatamente o que a gente queria. Todo tipo de trabalhador tem o seu próprio negócio, e todo trabalhador faz o seu pequeno extra, dependendo das particularidades do emprego e da situação específica. Como todo mundo acha que está melhor do que alguém (sempre tem alguém que está pior), todo mundo se agarra ao seu negócio, desconfiando das mudanças. Assim a inércia interior da Máquina a protege contra reformas e revoluções.

A insatisfação e a disposição para mudar só emergem se o negócio se mostrar muito desigual. A crise atual, que é visível principalmente no plano econômico, se deve ao fato de que todos os negócios que a Máquina tem para oferecer se tornaram inaceitáveis. Trabalhadores A, B e C têm protestado recentemente, cada um à sua maneira, contra seus respectivos negócios. Não apenas os pobres, mas também os ricos estão insatisfeitos. A Máquina está finalmente perdendo a perspectiva. O mecanismo de divisão interna e repulsa mútua está entrando em colapso. A repulsa está se voltando contra a própria Máquina.

## **Negócio A: decepção na sociedade de consumo**

Em que consiste o Negócio A? Filés, bons estéreos, surf, Chivas Regal, Tai-Chi, Europa, Nouvelle Cuisine, cocaína, esqui, discos exclusivos, Alfa Romeos. Será esta a melhor oferta da Máquina?

Mas e aquelas manhãs, indo para o trabalho? Aquela súbita sensação de angústia, desgosto, desespero? A gente tenta não encarar aquele estranho vazio, mas em momentos desocupados entre o trabalho e o consumo, enquanto a gente espera, dá para entender que o tempo simplesmente não é nosso. A Máquina tem medo desses momentos. Nós também. Por isso somos mantidos o tempo todo sob tensão, ocupados, olhando lá adiante para alguma coisa. A esperança em si mesma nos conserva na linha. De manhã pensamos na tarde, durante a semana sonhamos com o fim de semana, suportamos a vida de cada dia pensando nas férias que vamos tirar dela. Nesse sentido estamos imunizados contra a realidade, entorpecidos quanto à perda das nossas energias.

Não é que o Negócio A tenha se tornado traiçoeiro (ou melhor, eficazmente traiçoeiro) porque a variedade ou quantidade de bens de consumo esteja faltando. A produção em massa nivelou a qualidade desses bens, e a fascinação pelas novidades desapareceu definitivamente. A carne ficou meio sem gosto, os vegetais crescem aguados, o leite foi transformado num simples líquido branco industrializado. A TV é um tédio mortal, dirigir não dá mais prazer, a vizinhança ou é povoada, ruidosa e insegura, ou deserta e insegura. Ao mesmo tempo, as coisas realmente boas, como a natureza, tradições, relações sociais, identidades culturais, ambientes urbanos intactos, são destruídas. Apesar do fluxo imenso de consumo, a qualidade de vida despenca. Nossa vida foi padronizada, racionalizada, despersonalizada. Eles descobrem e nos roubam cada segundo

livre, cada metro quadrado vazio. E oferecem a alguns de nós férias rápidas em lugares exóticos a milhares de quilômetros de distância, mas no dia-a-dia nosso espaço de manobra vai ficando menor, cada vez menor.

Também para os Trabalhadores A, trabalho continua sendo trabalho: perda de energia, stress, tensão nervosa, úlceras, ataques do coração, prazos, competição histórica, alcoolismo, hierarquia controladora e opressiva. Não há bens de consumo que possam preencher os buracos gerados pelo trabalho. Passividade, isolamento, inércia, vazio: isso não se cura com aparelhos eletrônicos no apartamento, viagens frenéticas, sessões de relaxamento e meditação, cursos de criatividade, trepadas rápidas, poder das pirâmides ou drogas. O Negócio A é veneno; sua vingança vem como depressão, câncer, alergias, vícios, problemas mentais e suicídio. Debaixo da maquiagem perfeita, atrás da fachada de sociedade afluyente, só existem novas formas de miséria humana.

Muitos desses "privilegiados" Trabalhadores A fogem para o campo, se refugiam em seitas, tentam iludir a Máquina com magia, hipnose, heroína, religiões orientais ou outras ilusões de poder secreto. Tentam desesperadamente repor alguma estrutura, algum sentido em suas vidas. Mas cedo ou tarde a Máquina agarra seus fugitivos e transforma exatamente as formas de rebelião em um novo impulso para seu próprio desenvolvimento. "Sentido" vira logo senso comercial.

Naturalmente, o Negócio A não significa apenas miséria. Os Trabalhadores A têm sem dúvida alguns privilégios inegáveis. Seu grupo tem acesso a todos os bens, todas as informações, todos os planos e possibilidades criativas da Máquina. Os Trabalhadores A têm a chance de usar esse poder para eles mesmos, e até contra os objetivos da Máquina. Mas se eles agem apenas como Trabalhadores A, sua rebelião é sempre parcial e defensiva. A Máquina aprende rápido. Resistência setorial sempre significa derrota.

## **Negócio B: frustração no socialismo**

O Negócio B é o clássico triângulo indústria-trabalhador-Estado. Os aspectos positivos desse negócio (do ponto de vista dos trabalhadores) são empregos garantidos, renda garantida, seguro social. Podemos chamar esse negócio de socialismo porque ele acontece em sua forma mais pura nos países socialistas ou comunistas. Mas o Negócio B também existe em muitas versões diferentes em países de capitalismo privado (Suécia, Inglaterra, França e até mesmo Estados Unidos).

No centro do Negócio B está o Estado. Comparada com a ditadura anônima do mercado e do dinheiro, a centralização do Estado aparentemente oferece mais segurança para nós. Parece representar a sociedade (isto é, nós) e os interesses

comuns, e através dessa mediação muitos Trabalhadores B consideram-se seus próprios patrões. Uma vez que o Estado assume funções essenciais em toda parte (pensões, serviços de saúde, seguro social, polícia), ele parece ser indispensável, e qualquer ataque contra ele soa como suicídio. Mas o Estado é somente uma outra face da Máquina, não a sua abolição. Assim como o mercado, ele constrói seu anonimato através de massificação e isolamento, mas nesse caso são o Partido (ou os partidos), a burocracia, o aparato administrativo, que preenchem a vaga. (Nesse contexto, não estamos falando sobre democracia ou ditadura. Um Estado socialista poderia, de fato, ser perfeitamente democrático. Não há nenhuma razão intrínseca para que o socialismo, mesmo na União Soviética, não venha a se tornar democrático um dia. Entretanto, a formação do Estado em si mesma sempre significa ditadura; tudo depende do quão democraticamente sua organização seja legitimada.)

Encaramos o Estado ("nosso" estado) como indivíduos sem poder providos de "garantias" que são só folhas de papel e não estabelecem nenhuma forma de controle social direto. Estamos sós, e nossa dependência da burocracia-de-estado é só uma expressão da nossa fraqueza real. Em períodos de crise, alguns bons amigos são muito mais importantes que os nossos cartões de seguro social ou a nossa caderneta de poupança. O Estado significa falsa segurança.

Nos países socialistas, onde o Negócio B existe em sua forma mais pura, permanece o mesmo sistema de coação – via salários e via trabalho – que existe no Ocidente. Todos nós continuamos trabalhando para os mesmos objetivos econômicos. Algo como um estilo de vida socialista, pelo qual pode fazer sentido aceitar alguns sacrifícios, ainda não emergiu por aí; nada parecido com isso está nem mesmo planejado. Os países socialistas ainda usam os mesmos sistemas de motivação dos ocidentais: sociedade industrial moderna, sociedade de consumo ocidentalizada, carros, aparelhos de TV, apartamentos individuais, famílias nucleares, chalés de verão, discos, Coca-Cola, jeans sofisticados, etc. Como o nível de produtividade desses países permanece relativamente baixo, esses objetivos só são atingidos parcialmente. O Negócio B é particularmente frustrante, já que propõe sonhos de consumo que está longe de poder realizar.

Mas é claro que socialismo não quer dizer somente frustração. Tem vantagens reais. Sua produtividade é baixa porque os trabalhadores exercem um nível relativamente alto de controle sobre o ritmo de trabalho, as condições e o padrão de qualidade. Já que não há risco de desemprego e a demissão é difícil, os Trabalhadores B vão levando a coisa com uma certa facilidade. As fábricas são superlotadas, todo dia acontece alguma sabotagem, são comuns as faltas para ir às compras, o alcoolismo, o mercado negro e outros negócios ilegais. Os trabalhadores do Negócio B também são oficialmente estimulados a irem mais devagar, já que não há bens de consumo em profusão, logo não há por que trabalhar duro. Assim o círculo da baixa produtividade se fecha. A miséria desse sistema é visível numa profunda desmoralização, numa mistura de alcoolismo com tédio, feudos familiares e carreirismo puxa-saquista.

Como os países socialistas se tornam cada vez mais integrados no mercado mundial, a baixa produtividade leva a consequências catastróficas; países do Negócio B só conseguem vender seus produtos por preços abaixo do mercado, e assim os Trabalhadores B acabam sendo explorados em colônias industriais de salários ínfimos. Seus poucos produtos valiosos vão direto para o Ocidente; sua contínua falta no próprio país é uma razão adicional para a raiva e a frustração dos Trabalhadores B.

Os recentes acontecimentos na Polônia mostraram que mais e mais Trabalhadores B estão recusando o negócio socialista. Compreensivelmente, existem grandes ilusões sobre a sociedade de consumo e sobre a possibilidade de conquistá-la através da economia de Estado. (Lech Walesa, por exemplo, ficou fascinado pelo modelo japonês.) Muita gente, nos países socialistas (por exemplo, Alemanha Oriental), começou a perceber que uma sociedade de consumo de alta produtividade é só um outro tipo de miséria, e não escapatória. Tanto as ilusões ocidentais quanto as socialistas estão à beira do colapso. A escolha verdadeira não é entre capitalismo e socialismo – ambas as alternativas são oferecidas pela única e mesma Máquina. Seria necessária uma nova solidariedade, não para construir uma sociedade industrial melhor e chegar à afluyente família consumista universal-socialista, mas para estabelecer relações diretas de trocas materiais entre fazendeiros e habitantes das cidades, para ficar livres da grande indústria e do Estado. Os Trabalhadores B, sozinhos, não conseguirão isso.

### **Negócio C: desenvolvimento da miséria**

Antes da Máquina do Trabalho industrial colonizar o atual Terceiro Mundo, existia pobreza. Pobreza: quer dizer que as pessoas possuíam poucos bens materiais e não tinham dinheiro, embora tivessem ainda o suficiente para comer e todo o resto necessário àquela forma de vida. O Poder, originalmente, era software. Não era determinado por coisas e quantidades, mas por formas: mitos, festivais, contos de fadas, maneiras, erotismo, linguagem, música, dança, teatro, etc. (Também é evidente que a maneira como os prazeres materiais são percebidos é determinada por concepções e tradições culturais.) A Máquina do Trabalho destruiu a maioria dos aspectos de poder dessa pobreza, e deixou miséria em seu lugar.

Quando a economia do dinheiro atinge a pobreza, o resultado é o desenvolvimento da miséria, ou talvez só desenvolvimento. O desenvolvimento pode ser colonialista, independente (manejado por elites nativas ou burocracias), socialista (capitalismo estatal), capitalista privado, ou uma mistura de todos. O resultado, entretanto, é sempre o mesmo: esgotamento das fontes locais de comida (monoculturas em vez de agricultura de subsistência), chantagem no mercado mundial (condições comerciais, falhas de produtividade, empréstimos), exploração, repressão, guerras civis entre panelinhas dominantes, ditaduras

militares, intervenção dos superpoderes, dependência, tortura, massacres, deportação, desaparecimentos, fome.

O elemento central do Negócio C é a violência direta. A Máquina do Trabalho desdobra seus mecanismos de controle abertamente e sem inibições. As panelinhas dominantes têm a tarefa de construir Estados centralizados que funcionem, e por essa razão todas as tendências ou movimentos tribais, tradicionalistas, autonomistas, revisionistas e reacionários devem ser esmagados. Os limites territoriais freqüentemente absurdos que eles herdaram dos poderes coloniais têm que ser transformados em Estados nacionais modernos. A Máquina Planetária do Trabalho não pode fazer nada sem partes bem definidas, normalizadas e estabilizadas. Esse é o sentido dos "ajustamentos" atuais no Terceiro Mundo, e para esse objetivo milhões devem morrer ou ser deportados.

A independência nacional não trouxe o fim da miséria e da exploração. Apenas ajustou o velho sistema colonial às novas exigências da Máquina do Trabalho. O colonialismo não era eficiente o bastante. A Máquina precisava de máscaras nacionais, promessas de progresso e modernização para obter o consentimento temporário dos Trabalhadores C. A despeito da boa vontade subjetiva de muitas elites (por exemplo N'krumah, Nyerere, etc.), o desenvolvimento apenas preparou terreno para um novo ataque da Máquina do Trabalho, desmoralizando e desiludindo as Massas C.

Para os Trabalhadores C, a família está no centro do negócio, eventualmente o clã, a vila ou a tribo. Trabalhadores C não podem contar com a economia do dinheiro, já que o trabalho assalariado é raro e mal pago. O Estado não é capaz de dar qualquer garantia social. Então a família é a única forma de conseguir um mínimo de segurança social. Porém, a própria família tem um caráter ambíguo: dá segurança entre os altos e baixos, mas ao mesmo tempo é também outro instrumento de repressão e dependência. Isso é verdadeiro para os Trabalhadores C do mundo inteiro, mesmo em países industrializados (especialmente para as mulheres). A Máquina do Trabalho destrói tradições familiares, e ao mesmo tempo as explora. A família exerce um monte de trabalho gratuito (especialmente as mulheres); a família produz mão-de-obra barata para empregos instáveis. A família é o local de trabalho do Trabalho C.

Os Trabalhadores C dos países em desenvolvimento se encontram numa situação irritante: são instados a abandonar o velho (família, aldeia), mas o novo ainda não lhes pode dar meios suficientes de sobrevivência. Então a gente vem para as cidades e tem que viver em cortiços. Ouvimos falar em novidades de consumo, mas não conseguimos ganhar o bastante para comprar. Simultaneamente nossas aldeias e lavouras decaem, e se tornam manipuladas, corrompidas e usadas pela casta dominante. Pelo menos o Negócio C tem a vantagem de uma relativa folga no cotidiano, e poucas responsabilidades novas; não estamos amarrados a empregos ou ao Estado, não somos chantageados com garantias a longo prazo (pensões, etc.), podemos aproveitar as oportunidades a qualquer hora. Nesse sentido, ainda temos algumas das liberdades que sobraram

dos velhos caçadores/coletores. As mudanças ficam mais fáceis, e a possibilidade de voltar para casa na aldeia (ou no que sobrou dela) é uma segurança real que os trabalhadores A e B não têm. Essa liberdade básica é ao mesmo tempo um peso, já que cada dia traz um desafio inteiramente novo, a vida nunca está segura, a comida é incerta, os riscos são sempre altos. Quadrilhas de bandidos, panelinhas políticas, oportunistas exploram essa situação e recrutam facilmente pivetes, traficantes e outros marginais.

Apesar da interminável propaganda comercial e desenvolvimentista, mais e mais Trabalhadores C estão percebendo que a proposta da sociedade de consumo vai ser sempre uma fada Morgana, na melhor hipótese uma recompensa só para os melhores dez por cento dos que prestam serviços à Máquina. Os modelos capitalista e socialista falharam, e a aldeia já não é uma alternativa prática. Já que só existe essa escolha entre diferentes estilos de miséria, não resta saída para os Trabalhadores C. Por outro lado, eles têm as melhores chances de uma nova vida baseada na auto-suficiência, já que as estruturas industriais e estatais estão se tornando muito fracas, e muitos problemas (como energia, habitação e até comida) são obviamente mais fáceis de resolver localmente do que em áreas metropolitanas. Mas se os Trabalhadores C, como uma classe, resolverem voltar às suas aldeias antes que a Máquina Planetária do Trabalho tenha sido desmantelada também nos outros lugares, vão ser duplamente enganados. A solução é global, ou não funciona.

## O fim da Realpolitik

Miséria no Terceiro Mundo, frustração nos países socialistas, decepção no Ocidente: as principais dinâmicas da Máquina estão reciprocamente descontentes e na base de dos males, o menor. O que podemos fazer? Políticos reformistas propõem remendar a Máquina, tentando torná-la mais humana e agradável através de seus próprios mecanismos. O realismo político nos diz para avançar passo a passo. Assim, supõe-se que a atual revolução microeletrônica possa nos fornecer meios para reformas. A miséria deve ser transformada em mobilização, a frustração em ativismo, e o desapontamento pode ser a base de uma mudança de consciência. Algumas das propostas reformistas soam muito bem: semana de vinte horas de trabalho, distribuição igualitária de trabalho para todos, salário mínimo garantido ou imposto de renda negativo, eliminação do desemprego, uso do tempo livre em atividades autônomas nas cidades ou arredores, autoajuda mútua, autogestão descentralizada em empresas e bairros, a criação de um setor autônomo com microempresas de baixa produtividade, investimento em tecnologias médias e leves (também para o Terceiro Mundo), a redução do tráfico privado, a preservação das energias não-renováveis, nada de energia nuclear, investimento na energia solar, sistemas de transporte coletivo, menos proteína animal nas nossas dietas, mais auto-suficiência para o Terceiro Mundo, reciclagem de matérias-primas, desarmamento global, etc. Essas propostas são

razoáveis, até realizáveis, e certamente não extravagantes. Elas formam mais ou menos o programa oficial ou secreto dos movimentos alternativo-socialistas-verde-pacifistas da Europa ocidental, dos Estados Unidos e outros países. Se a maioria dessas propostas fosse realizada, a Máquina do Trabalho seria bem mais suportável. Mas mesmo esses programas radicais de reforma são apenas um novo ajustamento à Máquina e não o seu fim. Enquanto a própria Máquina (o setor duro, heteronômico) existir, autogestão e autonomia servem apenas como um tipo de área de recreio para o descanso de trabalhadores esgotados. E quem pode garantir que você não vai ficar tão arrasado numa semana de vinte horas de trabalho quanto numa de quarenta? Enquanto esse monstro não for para o espaço, vai continuar nos devorando.

Tem mais, o sistema político é feito para bloquear propostas assim, ou converter reformas em um novo impulso para desenvolver ainda mais a Máquina. A melhor ilustração para esse fato são a política eleitoral e os partidos reformistas. Assim que a esquerda sobe ao poder (dê uma olhada na França, na Grécia, na Espanha, na Bolívia, etc.), fica entalada na selva de realidades e necessidades econômicas e não tem escolha senão reforçar precisamente os programas de austeridade que combateu quando a direita dominava. Em vez de Giscard, é Mitterrand quem manda a polícia contra os grevistas. Em vez de Reagan é Mondale que faz campanha contra os déficits orçamentários. Os socialistas sempre gostaram de uma boa polícia. A recuperação da economia (isto é, a Máquina do Trabalho) é a base de toda política nacional; as reformas sempre têm que provar que encorajam investimentos, criam empregos, aumentam a produtividade, etc. Quanto mais os novos movimentos entram na Realpolitik (como os Verdes na Alemanha), mais eles caem na lógica da economia saudável, ou então desaparecem. Além de destruir ilusões, aumentar a resignação e desenvolver uma apatia gera, a política reformista não leva a nada. A Máquina do Trabalho é planetária. Todas as suas partes são interligadas. Qualquer política reformista nacional só piora a competição internacional, jogando os trabalhadores de um país contra os do outro, aperfeiçoando o controle sobre todos.

É exatamente essa experiência com a Realpolitik e os reformistas que levou mais e mais eleitores a manter políticos neoconservadores como Reagan, Thatcher e Kohl. Os representantes mais cínicos da lógica econômica são preferidos em relação aos remendeiros de esquerda. A autoconfiança da Máquina está vacilante. Ninguém mais ousa acreditar plenamente em seu futuro, mas todo mundo se agarra a ela. O medo de experimentar superou a crença em promessas demagógicas. De qualquer modo, pra que reformar um sistema furado? Por que não tentar gozar os últimos e poucos aspectos positivos dos velhos negócios pessoais ou nacionais com a Máquina? Por que não eleger políticos positivos, confiantes e conservadores? Aqueles que não se metem a prometer soluções para problemas como o desemprego, a fome, a poluição, as corridas armamentistas nucleares. Eles não são eleitos para isso, mas para representar a continuidade. Para a recuperação, basta um pouco de calma, estabilidade e retórica positiva: a segurança de embolsar lucros em cima dos investimentos atuais. Nessas condições, qualquer recuperação vai ser muito mais terrível do que



a crise. Ninguém tem que acreditar realmente em Reagan ou Kohl, deve apenas continuar sorrindo com eles, esquecendo preocupações e dúvidas. A Máquina do Trabalho, numa situação como esta, suporta dúvidas muito mal, e com os regimes neoconservadores você pelo menos pode ficar sozinho até a próxima recuperação ou catástrofe. Além de agitação, mau humor e remorso, a esquerda não tem nada mais a oferecer. A Realpolitik dificilmente ainda seria realista, já que a realidade está agora em ponto de mutação.

## **Tudo ou nada**

A Máquina Planetária do Trabalho é onipresente; não pode ser desativada por políticos. Pronto. Será a Máquina nosso destino, até morrermos de câncer ou de doença cardíaca aos 65 ou 71? Terá sido esta a Nossa Vida? A gente imaginou ela assim? Será a resignação irônica nossa única saída, escondendo de nós mesmos nossa decepção pelos poucos anos de correria que nos deixaram? Talvez esteja tudo bem, e nós é que estamos dramatizando demais?

Não vamos nos iludir. Mesmo mobilizando todo o nosso espírito de sacrifício, toda a nossa coragem, não vamos conseguir nada. A Máquina é perfeitamente equipada contra kamikazes políticos, como a Facção Exército Vermelho, as Brigadas Vermelhas, os Montoneros e outros já demonstraram. Ela pode coexistir com a resistência armada e até transformar essa energia num motor para sua própria perfeição. Nossa atitude não é um problema moral, nem para nós e muito menos para a Máquina.

Quer a gente se mate, quer a gente se venda aos nossos negócios especiais, encontre uma abertura ou um refúgio, ganhe na loteria ou jogue coquetéis Molotov, junte-se aos Sparts ou ao Bhagwan, cutuque os ouvidos, tenha acessos de raiva ou ataques de delírio: estamos acabados. Esta realidade não nos oferece nada. Oportunismo não compensa. Carreiras são maus riscos; causam câncer, úlceras, psicoses, casamentos. Saltar fora significa auto-explorar-se nos guetos, mendigar nas esquinas de ruas imundas, esmagar piolhos entre as pedras do jardim da comunidade. A lucidez se tornou cansativa. A estupidez chateia.

Seria lógico perguntar a nós mesmos coisas assim: Como eu realmente gostaria de viver? Em que tipo de sociedade (ou não-sociedade) eu me sentiria mais confortável? O que realmente quero fazer comigo? Sem pensar no aspecto prático, quais são meus verdadeiros desejos e expectativas? E vamos tentar imaginar tudo isso não num futuro remoto (os reformistas sempre gostam de falar sobre a próxima geração), mas durante as nossas vidas, quando ainda estamos em boa forma, vamos dizer durante os próximos cinco anos...

Sonhos, visões ideais, utopias, aspirações, alternativas: não serão somente novas ilusões a nos seduzir novamente para participarmos do esquema do "progresso"? Não as conhecemos desde o neolítico, ou do século 17, da ficção científica e da fantasia literária de hoje? Vamos sucumbir de novo ao charme da História? Não é o Futuro o primeiro pensamento da Máquina? Será que a única saída é escolher entre o sonho da própria Máquina e a recusa de qualquer atividade?

Tem um tipo de desejo que, onde quer que surja, é censurado científica moral e politicamente. A realidade dominante tenta aniquilá-lo. Esse desejo é o sonho de uma *segunda realidade*.

Os reformistas nos dizem que é mesquinho e egoísta seguir apenas os próprios desejos. Precisamos lutar pelo futuro das nossas crianças. Precisamos renunciar ao prazer (aquele carro, férias, ar condicionado, TV) e trabalhar duro para que as crianças tenham uma vida melhor. Essa é uma lógica muito curiosa. Não foram exatamente a renúncia e o sacrifício da geração dos nossos pais, e seu trabalho duro nos anos 50 e 60, que trouxeram essa bagunça em que a gente está hoje? *Nós já somos* essas crianças, aquelas para quem houve tanto trabalho e sofrimento. Por nós, nossos pais fizeram (ou morreram em) duas guerras mundiais, incontáveis outras "menores", inumeráveis crises e falências grandes ou pequenas. Nossos pais construíram bombas nucleares para nós. Dificilmente foram egoístas: fizeram o que lhes disseram para fazer. Construíram com renúncia e sacrifício, e tudo isso apenas resultou em mais renúncia, mais sacrifício. Nossos pais, em seu tempo, superaram seu próprio egoísmo, e acham problemático respeitar o nosso.

Outros moralistas políticos poderiam objetar que dificilmente estaríamos autorizados a sonhar com utopias enquanto milhões morrem de fome, outros são torturados, desaparecem, são deportados e massacrados. É difícil fazer valer os direitos humanos mais mínimos. Enquanto a criança mimada da sociedade de consumo faz listas de desejos outras nem sabem escrever, ou não tem nem tempo para pensar em desejos. Mais, olhe um pouquinho em volta: conheceu alguém morto por heroína, alguns irmãos ou irmãs em asilos, um suicídio ou dois na família? Qual das misérias é mais grave? Dá para medir? Mesmo se não tivesse miséria, seriam nossos desejos menos reais só porque os outros estão piores, ou porque poderíamos nos imaginar piores? É precisamente quando a gente age só para prevenir o pior, ou porque outros estão pior, que a gente torna essa miséria possível, permite que ela aconteça. Nesse sentido somos sempre forçados a reagir às iniciativas da Máquina. Há sempre um escândalo ultrajante, uma incrível impertinência, uma provocação que não pode ser deixada sem resposta. E assim nossos setenta anos vão-se embora – e os anos dos outros também. A Máquina não se importa de nos manter ocupados com isso. É uma boa maneira de evitar que fiquemos conscientes desses desejos imorais. Se começássemos a agir por conta própria, aí sim haveria problemas. Enquanto apenas (re)agirmos na base das diferenças morais, seremos tão impotentes quanto rodas dentadas, simplesmente moléculas explodindo na usina do

desenvolvimento. E como já estamos fracos, a Máquina acaba conseguindo mais poder para nos explorar.

Moralismo é uma arma da Máquina, realismo é outra. A Máquina criou nossa realidade atual, nos treinou para ver segundo ela vê. Desde Descartes e Newton, ela programou nossos pensamentos, assim como a realidade. Estender deus padrão sim/não ao mundo inteiro e ao nosso espírito. Acreditamos nessa realidade, talvez por hábito. Mas enquanto aceitarmos a realidade da Máquina, seremos suas vítimas. A Máquina usa sua cultura digital para pulverizar nossos sonhos, pressentimento e idéias. Sonhos e utopias são esterilizados em novelas, filmes, música comercial. Mas essa realidade está em crise; a cada dia há mais rachas, e a alternativa sim/não é nada menos que a ameaça apocalíptica. A realidade definitiva da Máquina é sua auto destruição.

Nossa realidade, a Segunda realidade, a dos velhos e novos sonhos, não pode ser presa na trama do sim/não. Recusa ao mesmo tempo o apocalipse e o status quo. Apocalipse ou evangelho, fim do mundo ou utopia, tudo ou nada: este é o único tipo de opção que a realidade atual oferece. Podemos escolher facilmente entre esta realidade e a Segunda realidade. Meias atitudes, tipo esperança, confiança ou paciência, são ridículas e enganadoras, pura auto-sedução. Não há esperança. Temos que escolher *já*.

O Nada se tornou uma realística possibilidade, mais absoluta do que os velhos niilistas ousaram sonhar. Nesse aspecto, os méritos da Máquina precisam ser reconhecidos. Finalmente, chegamos ao Nada! Não temos que sobreviver! O Nada se tornou uma alternativa realística com sua própria filosofia (Cioran, Schopenhauer, Budismo, Glucksmann), sua moda (preta, desconfortável), música, estilo de casa, pintura, etc. Apocalípticos, niilistas, pessimistas e misantropos têm todos bons argumentos para suas atitudes. Afinal, se você transforma a vida, a natureza ou a humanidade em valores, só existem riscos totalitários, biocracia ou ecofascismo. Você sacrifica a liberdade para sobreviver; novas ideologias de renúncia emergem e contaminam todos os sonhos e desejos. Os pessimistas são os únicos realmente livres, felizes e generosos. O mundo nunca será suportável de novo sem a possibilidade de sua autodestruição, assim como a vida do indivíduo é um peso sem a possibilidade do suicídio. O Nada está aí de prova.

Por outro lado, Tudo também é muito sedutor. Claro que é muito menos provável do que o Nada, mal definido, parcamente pensado. É ridículo, megalomaníaco, pretensioso.

NADA
------

Talvez esteja aí só pra tornar o Nada mais atraente.



### ***bolo'bolo***

bolo'bolo é parte da (minha) segunda realidade. É estritamente subjetivo, já que a realidade dos sonhos nunca pode ser objetiva. Será bolo'bolo tudo ou nada? É ambos e nenhum. É uma viagem à Segunda realidade, como Yapfaz, Kwendolm, Takmas, e Ul-So. Lá tem muito espaço para sonhos. bolo'bolo é uma dessas irrealísticas, amorais e egoísticas manobras de divergência na batalha contra o pior.

bolo'bolo é também uma modesta proposta para a nova arrumação da espaçonave após o desaparecimento da Máquina. Embora tenha começado como mera coleção de desejos, muitas considerações quanto à concretização deles foram se acumulando em volta. bolo'bolo pode ser realizado no mundo inteiro em cinco anos, se começarmos agora. Garante uma aterrissagem macia na Segunda realidade. Ninguém vai morrer mais cedo nem passar mais fome e frio do que agora durante o período de transição. O risco é muito pequeno.

É claro que hoje em dia não faltam conceitos gerais sobre uma civilização pós-industrial. Cresce rapidamente a literatura ecológica ou alternativista, seja sobre a erupção da era de Aquarius, mudança de paradigmas, ecotopia, novas redes de comunicação, rizomas, estruturas descentralizadas, sociedades pacifistas, a nova pobreza, círculos pequenos ou terceiras ondas. Conspirações supostamente

pacifistas estão acontecendo, e a nova sociedade já está nascendo em comunidades seitas, ações populares, empresas alternativas, associações de moradores. Em todas essas publicações e experiências há um monte de idéias boas e viáveis, prontas para serem apropriadas e incorporadas ao bolo'bolo. Mas muitos desses futuros (ou futuríveis, como dizem os franceses: futuribles) são pouco apetitosos: cheiram a renúncia, moralismo, novas lutas, repensares penosos, modéstia e autolimitação. Claro que existem limites, mas por que limitar o prazer e a aventura? Por que a maioria dos alternativos fala somente sobre novas responsabilidades e quase nunca sobre novas possibilidades?

Um dos slogans dos alternativos é: Pense globalmente, aja localmente. Por que não pensar e agir globalmente e localmente? Existem muitos conceitos e idéias novos, mas está faltando uma proposta prática global (e local), um tipo de linguagem em comum. Tem que haver alguns acordos em questões básicas para não cairmos na próxima armadilha da Máquina. Nesse sentido, a modéstia e a (acadêmica) prudência são virtudes que podem nos desarmar. Por que sermos modestos diante da ameaça de uma catástrofe?

bolo'bolo pode não ser a proposta melhor ou mais detalhada ou naturalmente definitiva para a nova arrumação da nossa espaçonave. Mas não é tão ruim, e muita gente achou aceitável. Sou a favor de tentar primeiro e ver o que acontece depois...

## **Substrução**

Caso quiséssemos tentar bolo'bolo, a próxima questão seria: como fazer isso acontecer? Não será apenas mais uma proposta Realpolitika? Na verdade, bolo'bolo não pode ser realizado com a política; há outro canal, uma série de outros canais para chegar lá.

Se a gente negocia com a Máquina, o primeiro problema é obviamente negativo: de que forma paralisar e eliminar o controle da Máquina (isto é, a própria Máquina) de modo que bolo'bolo possa se desenvolver sem ser destruído logo de saída? Vamos chamar esse aspecto da nossa estratégia de desconstrução, ou subversão. A Máquina Planetária do Trabalho tem que ser desmantelada – cuidadosamente, porque não queremos parecer com ela. Não vamos nos esquecer de que somos partes da Máquina, de que ela é a gente. Queremos destruir a Máquina, não a nós mesmos. Só queremos destruir nossas funções na Máquina. Subversão quer dizer mudar as relações entre nós (os três tipos de trabalhadores) e as que temos com a Máquina (que vê todos os trabalhadores como um sistema integrado). É subversão mas não ataque (agressão), já que ainda estamos todos dentro da Máquina e temos que bloqueá-la de lá. A Máquina nunca vai se confrontar conosco como com um inimigo externo. Nunca vai haver frente de batalha, quartéis, fileiras, uniformes.

Subversão somente, entretanto, sempre dará em fracasso, embora com sua ajuda pudéssemos paralisar algum setor da Máquina, destruir alguma de suas capacidades; afinal, a Máquina será sempre capaz de reconquistar e dominar de novo. Por isso, todo espaço obtido inicialmente pela subversão tem que ser preenchido por nós com algo novo construtivo. Não podemos ter esperanças de primeiro eliminar a Máquina e depois – numa zona vazia – instalar bolo’bolo; estaríamos sempre chegando tarde demais. Elementos provisórios de bolo’bolo, sementes de sua estrutura, devem ocupar todas as brechinhas livres, áreas abandonadas, bases conquistadas, e prefigurar os novos relacionamentos. Construção deve combinar com subversão num só processo: *substrução* (ou "consversão", se você preferir). A construção nunca seria um pretexto para renunciar à subversão. Subversão sozinha dá somente em fogo de palha, dados históricos e heróis, mas não deixa resultados concretos. Construção e subversão, isoladamente, são meras formas de acordo tácito ou colaboração escancarada com a Máquina.

## Dysco

Lidando primeiro com a subversão, fica claro que todo tipo de trabalho, qualquer um que sirva à Máquina em qualquer parte do mundo, tem seu potencial específico para subverter. Existem formas diferentes de danificar a Máquina, e nem todos dispõem das mesmas possibilidades. Um menu para a subversão planetária poderia ser mais ou menos assim:

a) **Dysinformação:** sabotagem (de hardware ou programas), roubo de horas/máquina (para jogos ou assuntos particulares), desenhos ou planejamentos defeituosos, indiscrições (exemplo: Ellsberg e o escândalo Watergate), deserções (cientistas, oficiais), recusa de seleções (por parte de professores), orientações erradas, traições, desvios ideológicos, informações falsas aos superiores, etc. Os efeitos podem ser imediatos ou a longo prazo – segundos ou anos.

b) **Dysprodução:** não participação, baixa qualidade, artesanato, sabotagem, greves, licenças médicas, decisões de grupo, demonstrações nas fábricas, mobilidade, ocupações (por exemplo, os recentes confrontos dos trabalhadores poloneses). Os efeitos são geralmente a médio prazo – semanas ou meses.

c) **Dysrupção:** agitações, bloqueio de ruas, ações violentas, fuga, divórcio, conflitos domésticos, saques, tecnologia de guerra, armamentos, invasões de terras, incêndios (por exemplo São Paulo, Miami, Soweto, El Salvador). Os efeitos aqui são curtíssimos – horas ou dias.

É claro, todos esses atos também têm efeitos a longo prazo; estamos falando apenas sobre seu impacto direto como forma de atividade. Qualquer um desses tipos de subversão pode danificar a Máquina, pode até mesmo paralisá-la

temporariamente. Mas cada um deles pode ser neutralizado pelas duas outras formas – seu impacto é diferente conforme o tempo e o espaço. Dysinformação não adianta se não for usada na produção ou circulação física de bens e serviços; de outra forma, torna-se um simples jogo intelectual e só destrói a si mesma. Greves sempre podem ser dispersadas se ninguém, através de ações dysruptivas, impedir a intervenção da polícia. A dysrupção cessa rapidamente assim que a Máquina arranja suprimentos no setor de produção. A Máquina sabe que sempre haverá subversão contra ela, e que o negócio entre ela e os diferentes tipos de trabalhadores sempre vai ter que ser barganhado e batalhado de novo. Ela simplesmente tenta enfraquecer os ataques dos três setores de modo que eles não possam apoiar um ao outro e multiplicar-se, tornando-se uma espécie de contramáquina. Trabalhadores que acabam de vencer uma greve (dysprodução) ficam bravos com demonstrações de desempregados que bloqueiam a rua impedindo o acesso à fábrica a tempo. Uma firma vai à falência e os trabalhadores se queixam dos diretores e engenheiros. Mas e se tiver sido um substituto engenheiro que fez de propósito um mau desenho, ou um diretor que queria sabotar a firma? Os trabalhadores ainda perdem seus empregos, participam de demonstrações de desempregados, finalmente se envolvem em agitações e comícios... até que os trabalhadores-policiais cheguem e façam seu serviço. A Máquina transforma os ataques isolados de diferentes setores em movimentos lentos, porque nada é mais instrutivo do que as derrotas, nada mais perigoso do que longos períodos de calma (neste caso, a Máquina perde a capacidade de dizer o que está acontecendo dentro dos seus próprios órgãos). A Máquina não pode existir sem um certo nível de doença e dysfunção. Lutas parciais se tornam o melhor meio de controle – uma espécie de termômetro de febres – suprimindo-a de imaginação e dinamismo. Se for necessário, a Máquina pode até mesmo provocar ataques, só para testar seus instrumentos de controle.

Dysinformação, dysprodução e dysrupção têm que se encontrar a nível de massas a fim de produzir uma situação crítica para a Máquina. Essa conjuntura mortal só poderia acontecer pela superação das diferenças entre as três funções e os três tipos de trabalhadores. Deve emergir um tipo de comunicação que não seja adequado ao desenho da Máquina: dyscomunicação. O nome do jogo final contra a Máquina é, pois, ABC-dysco.

Onde podem se desenvolver esses nós ABC-dysco? Dificilmente no local de trabalho, no supermercado, no lar, ou seja, onde os trabalhadores se encontram funcionando para a Máquina. Uma fábrica é uma divisão organizada com precisão, e coisas tipo sindicatos apenas espelham essa divisão, não a superam. No trabalho, interesses diferentes são particularmente acentuados: salários, posições, hierarquias, privilégios, títulos, tudo isso ergue barreiras. Nas fábricas e escritórios os trabalhadores são isolados uns dos outros, o nível de ruído (físico, semântico, cultural) é alto, as tarefas são absorventes. ABC-dysco também não se daria melhor no centro econômico da Máquina.

Mas existem áreas da vida – para a Máquina, as mais marginais – que são propícias para dysco. A Máquina não racionalizou e digitou tudo: freqüentemente,

na verdade, lhe escapam as religiões, experiências místicas, linguagens, culturas nativas, natureza, sexualidade, desejo, todos os tipos de melancolia, fixações neuróticas ou a pura fantasia. A vida como um todo ainda consegue escorregar do padrão básico da Máquina. Naturalmente, a Máquina está consciente há muito tempo da sua insuficiência nessas áreas, e tentou encontrar funções econômicas para elas. A religião pode virar um bom negócio, a natureza pode ser explorada por esportes e turismo, o amor ao lar pode degenerar em pretexto ideológico para indústrias de armamentos, a sexualidade pode ser comercializada, etc. Basicamente, não há necessidade ou desejo que não possam ser comercializados, mas como mercadoria é claro que eles ficam diminuídos ou mutilados, e os verdadeiros desejos e necessidades se transportam para outra coisa. Certas necessidades são particularmente inadequadas para produção em massa: acima de todas, as experiências autênticas, pessoais. Aí a mercantilização se dá apenas parcialmente, e mais e mais pessoas se tornam conscientes do resto. O sucesso dos movimentos ambientais, dos movimentos pacifistas, dos movimentos étnicos ou regionalistas, de certas formas de nova religiosidade (igrejas progressistas ou pacifistas), das subculturas homossexuais, provavelmente se deve a essa insuficiência. Onde quer que sejam encontradas ou criadas identidades fora da lógica da Máquina, aí existe um nó ABC. Intelectuais, vendedores, homens e mulheres se encontram em manifestações contra a guerra. Homossexuais se aproximam sem pensar em suas identidades profissionais. Navajos, bascos ou armênios lutam juntos; um tipo de novo nacionalismo ou regionalismo supera as barreiras de educação ou trabalho. A Madona Negra de Czestochowa contribuiu para unir igualmente fazendeiros, intelectuais e trabalhadores poloneses. Não é acidental que nos últimos tempos os movimentos tenham ganho certa força graças a esse tipo de aliança. Seu poder substrutivo é baseado na multiplicação dos encontros ABC possíveis em suas estruturas. Uma das primeiras reações da Máquina sempre foi jogar os elementos desses encontros uns contra os outros, restabelecendo o velho mecanismo de repulsa mútua.

Os movimentos mencionados até aqui só produziram ABC-dyscos superficiais e efêmeros. Na maioria dos casos, os diferentes tipos apenas se tocaram em poucas ocasiões e deslizaram rumo às divisões cotidianas, como antes. Criaram mais mitologias do que realidades. Para existir por mais tempo e exercer influência substancial, eles deveriam também ser capazes de assumir tarefas cotidianas fora da Máquina, teriam que incluir também o lado construtivo da substrução. Precisariam organizar a ajuda mútua, sem intercâmbio de dinheiro, no que se refere a serviços e funções concretas de vizinhança. Nesse contexto seriam antecipação dos bolos, dos acordos de permuta, de suprimentos alimentares independentes, etc. Ideologias (ou religiões) não são suficientemente fortes para superar barreiras como renda, educação, posição. Os tipos ABC deve *comprometer-se* no cotidiano. Certos níveis de auto-suficiência, de independência do Estado e da economia, devem ser atingidos para estabilizar esses dysco-nós. Você não pode trabalhar quarenta horas por semana e ainda ter tempo e energia para iniciativas de bairro. Os nós ABC não podem ser apenas decorações culturais, têm que ser capazes de compensar ao menos uma pequena fração da



entrada de dinheiro, para que se tenha algum tempo livre. Como esses nós ABC vão parecer, isso só se saberá na prática. Podem ser associações de moradores, conspirações alimentares, intercâmbios entre artesãos e fazendeiros, comunidades de rua, bases comunais, clubes, trocas de serviços, cooperativas de energia, banhos comunitários, transporte compartilhado, etc. Todos os tipos de pontos de encontro – juntando os três tipos de trabalhadores em torno de interesses comuns – são possíveis ABC-dyscos.

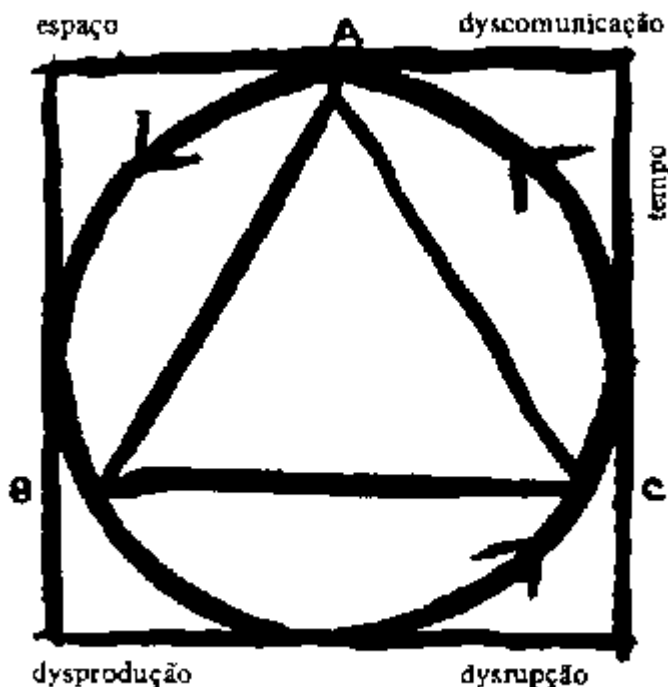
A totalidade desses nós ABC desintegra a Máquina, produzindo novas conjunturas subversivas, alimentando toda sorte de movimentos invisíveis. Diversidade, invisibilidade, flexibilidade, ausência de nomes, bandeiras ou rótulos, recusa de orgulho ou honra, o cuidado de evitar comportamentos políticos e tentações de "representatividade" podem proteger esses nós dos olhos e das mãos da Máquina. Informações, experiências e instrumentos práticos podem ser compartilhados assim. Os nós ABC-dysco podem ser laboratórios para novas, intrigantes e surpreendentes formas de ação, podem usar todas as três funções e respectivas dysfunções da Máquina. Mesmo o cérebro da Máquina não tem acesso a esse poder de informação, já que deve manter dividido o pensamento sobre si mesmo (o princípio da cisão entre responsabilidade e competência). Os nós ABC-dysco não são um partido, nem mesmo um tipo de movimento, coalizão ou organização abrangente; são apenas eles mesmos, o somatório de seus efeitos individuais. Podem se encontrar em eventuais movimentos de massa, testar sua força e a reação da Máquina, e desaparecer de novo na vida cotidiana. Eles combinam suas forças quando se encontram em tarefas práticas. Não são um movimento anti-Máquina, mas são o conteúdo e a base material para a destruição dela.

Devido à sua consciente não-organização, os nós ABC são sempre capazes de criar *surpresas*. A surpresa é vital (já que ficamos em desvantagem básica quando enfrentamos a Máquina) para impedir uma recuperação rápida, pois sempre poderíamos ser chantageados pelas constantes ameaças de morte ou suicídio vindas da Máquina Planetária. Não se vai negar que a guerra poder ser necessária como meio de subversão em certas circunstâncias (principalmente quando a Máquina já está ocupada em matar). Quanto mais nós, tramas e tecidos ABC houver, mais os instintos de morte da Máquina serão despertados. Mas já seria parte da nossa derrota termos que encarar a Máquina com heroísmo, prontos para o sacrifício. De alguma forma, vamos ter que aceitar a chantagem da Máquina. Onde ela começa a matar, temos que bater em retirada. Não devemos assustá-la; ela tem que morrer quando menos espera. Soa derrotista, mas é uma das lições que aprendemos no Chile, na Polônia, em Granada. Quando o nível da luta envolve a polícia ou os militares, estamos a ponto de perder. Ou, se vencermos, serão justamente nossas partes policiais ou militares que terão vencido, não nós; e acabaremos numa daquelas manjadas ditaduras "revolucionárias". Quando a Máquina começa a matar cruamente, é obvio que *nós* cometemos um erro. Não podemos esquecer nunca de que nós também somos quem atira. Nunca estamos enfrentando o inimigo, nós somos o inimigo. Esse fato não tem nada a ver com as ideologias de não-violência; as ideologias mais

violentas freqüentemente evitam matar. Nem, entretanto, é o caso de colocarmos florzinhas nos botões dos uniformes, ou de sairmos do caminho para ser gentis com a polícia. Eles não se deixam iludir por simbolismos embusteiros, argumentos ou ideologias – eles são como nós. Mais: talvez o guarda tenha alguns bons vizinhos, talvez o general seja gay, talvez o soldado da linha de tiro tenha ouvido a irmã dele falar de algum nó-dysco-ABC. Quando houver dyscos suficientes, a segurança da Máquina estará tão furada quanto uma peneira. Teremos que ser cuidadosos, práticos, discretos.

Quando a Máquina mata, é que não existem dyscos ABC suficientes. Muitas partes de seu organismo ainda estão com boa saúde, e ela está tentando se salvar com cirurgia preventiva. A Máquina não vai morrer devido a ataques frontais, mas poderá morrer de câncer-ABC, tomando consciência disso quando for tarde demais para operar. Estas são apenas as regras do jogo; os que não as respeitam fazem bem em sair (deixemos que sejam heróis).

Substrução como estratégia (geral) é uma forma de meditação prática. Pode ser representada pelo seguinte *yantra*, combinando substrução (o aspecto do movimento) com bolo (a futura comunidade básica):



A Máquina do Trabalho tem um caráter planetário, portanto uma estratégia bolo'bolo de sucesso tem que ser planetária desde o começo. Nós-dysco locais, regionais ou mesmo nacionais nunca serão suficientes para paralisar a Máquina como um todo. Ocidente, Oriente e Sul precisam começar simultaneamente a subverter suas respectivas funções dentro da Máquina e criar novas e construtivas antecipações. O que é verdadeiro para os três tipos de trabalhadores a nível micro também é verdadeiro para as três partes do mundo em nível macro. São necessários nós-dysco-planetários. Deve haver *tricomunicação* entre os nós-dysco: *trico*, o truque trico-planetário. Trico é dysco entre nós ABC em cada uma das três maiores partes do mundo: os países industrializados do Ocidente, os países socialistas, os países subdesenvolvidos. Um nó-trico é o encontro de três nós ABC locais a nível internacional.

Antecipações dos bolos podem ser feitas fora dos governos, longe de organizações internacionais ou grupos de ajuda ao desenvolvimento. O contato deve funcionar diretamente entre vizinhos, durante atividades cotidianas de todos os tipos. Pode haver um trico entre a Praça de São Marcos, no East Village de Nova York, o nº 7 da Nordeste, em Gdansk, Polônia, e a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro; ou então Zurich-Stauffacher, Novosibirsk Bloco A-23 e Fuma, Ilhas Fiji. Esses nós-trico podem ter origem em conhecimentos pessoais acidentais (viagens de turismo, etc.). Aí podem ser multiplicados pela atividade de tricots já existentes. O uso prático do nó-trico (e deve haver um) pode ser bem trivial no começo: a troca de bens necessários (remédios, discos, temperos, roupas, equipamentos), feita sem dinheiro, ou pelo menos tão barata quanto possível. É óbvio que as condições para a troca de bens estão longe de serem iguais entre as três partes do mundo: num trico, o parceiro do Terceiro Mundo vai precisar de um monte de matéria-prima para enfrentar a exploração do mercado mundial. Comunidades do Terceiro Mundo também vão precisar de muito material para a construção de uma infra-estrutura básica (torneiras, telefones, geradores). De toda forma, isso não significa que um trico seja apenas um tipo de ajuda ao desenvolvimento. Os parceiros estarão criando um projeto comum, o contato será pessoa-a-pessoa, a ajuda será adaptada a necessidades reais e baseada em relações pessoais. Mesmo nessas condições, a troca não será necessariamente unilateral. Trabalhadores A num nó-dysco darão um monte de bens de consumo (porque têm muitos), mas obterão muito mais em bens culturais e espirituais; vão aprender sobre estilo de vida em lugares tradicionais, sobre ambientes naturais, sobre mitologia, outras formas de relações humanas. Como já dissemos, mesmo os mais miseráveis Negócios C oferecem algumas vantagens; em vez de ameaçarmos nossos A-eus com as desvantagens dos outros negócios, vamos permutar os elementos que ainda são fortes e valiosos.

Os nós-trico permitem aos nós-dysco-ABC desmascarar as ilusões mútuas sobre seus negócios e apoiar a cessação do jogo-de-dividir da Máquina. Dyscos ocidentais vão aprender sobre o cotidiano socialista, livrando-se tanto dos vitupérios anticomunistas quanto da propaganda socialista. Os parceiros do Oriente vão se descobrir desistindo de suas fantasias impossíveis sobre o Ocidente Dourado, e ao mesmo tempo ficarão mais aptos a se imunizar contra a doutrinação oficial em seus próprios países. Os dyscos do Terceiro Mundo vão se proteger das ideologias desenvolvimentistas, demagogias socialistas e chantagem-via-miséria. E isso não vai ser impingido como um processo educativo, mas será uma consequência natural da tricomunicação. Um nó-dysco do Ocidente pode ajudar o parceiro do bloco soviético a conseguir seu estéreo japonês (necessidades são necessidades, até mesmo aquelas criadas pela estratégia de propaganda da Máquina). No processo de trico-expansão, de trocas pessoais e de crescentes estruturas de bolo'bolo, os desejos autênticos vão acabar predominando. Danças e lendas do Daomé serão mais interessantes que shows de TV, canções folclóricas da Rússia soarão melhor que os jingles da Pepsi, etc.

A substrução de todo o planeta desde o começo é um pré-requisito para o sucesso da estratégia que leva a bolo'bolo. Se bolo'bolo fica sendo só o charme de um país ou região, está perdido; vai se tornar apenas mais um impulso para o desenvolvimento. Na base da tricomunicação, essas relações planetárias serão responsáveis pela desintegração de nações-estados e blocos políticos. Como os nós-dysco, os nós-trico vão formar uma rede substrutiva que paralisará a Máquina do Trabalho. Dos tricos surgirão acordos de trocas (*fenos*), hospitalidade geral (*sila*), novas regiões culturalmente definidas (*sumi*) e um ponto de encontro planetário (*asa'dala*). A rede trico também terá que trancar por dentro as máquinas de guerra dos países independentes, provando assim ser o verdadeiro movimento de paz – simplesmente porque seu interesse prioritário não é a paz, mas porque têm um bom projeto em comum.



## Cronograma provisório

Se tudo correr bem, bolo'bolo pode estar realizado no fim de 1987. Nós mesmos somos responsáveis pelos atrasos. O roteiro seguinte pode ser útil para julgar nosso progresso:

1984 - Panfletos de bolo'bolo, selos, posters e marcas estão espalhados pelo mundo nas principais línguas. Nós-dysco-ABC se desenvolvem em muitas vizinhanças, cidades e regiões, são feitos contratos de auto-suficiência. Surgem os primeiros trico-nós. Alguns dyscos se transformam em pioneiros bolos experimentais. Em alguns bairros pessoas estudam a utilidade prédios e espaços para os bolos, centros de troca e coisas assim, e fazem outros planos provisórios. Mais e mais ruas são bloqueadas ao trânsito de automóveis. A Máquina política passa em toda parte por crises de legitimidade, e tem problemas para manter o controle. Órgãos do Estado cumprem suas funções repressivas desatentos e relaxados.

1985 - Existem redes dysco e trico, cumprindo tarefas cada vez mais práticas e cotidianas: ajuda mútua para comida, ajuda planetária, a criação de relações de troca entre fazendeiros e dyscos rurais. Em algumas regiões pequenas a Máquina perde sua influência e áreas bolo'bolo independentes crescem despercebidas. Os aparatos do Estado sofrem ataques substrutivos.

1986 - Regiões maiores se tornam independentes, entre outras, no Oregon, Tadjiquistão, Saxônia, Gales, Suíça, Austrália, Gana, Bocaina, Goiás, Nessas áreas a agricultura é modelada pela auto-suficiência, constroem-se estruturas de bolo'bolo, o intercâmbio planetário se fortalece. Até o fim do ano existe um mosaico planetário de regiões e cidades autônomas (*vudo*), bolos independentes, sucatas da Máquina, de Estados amputados e de bases militares. Estouram desordens generalizadas. A Máquina tenta esmagar os bolos militarmente, mas as tropas se amotinam. Os dois Superpoderes desistem do seu joguinho de blocos e se unem na EERU (Estados Estáveis e Repúblicas Unidas). A EERU constrói uma nova e descontaminada base industrial, Monomat, na Ásia interior.

1987 - Os sistemas internacionais de transportes e comunicação entram em colapso. Duzentas regiões autônomas promovem sua primeira convenção planetária (*asa'dala*) em Beirute. Elas concordam em restabelecer o sistema de comunicações em novas bases. A EERU fica limitada a Monomat, e o resto do mundo sai fora do seu controle. No outono haverá auto-suficiência por toda parte e sistemas planetários de ajuda mútua em emergências. A fome e o Estado são abolidos. Até o final do ano os trabalhadores de Monomat desertam e escapam para a zona bolo. A EERU desaparece sem dissolução formal e sem ter queimado a sua bandeira vermelha e branca com a estrela azul.

1988 - bolo'bolo

2345

2346 - bolo'bolo perde sua força à medida que "os brancos" (um tipo de epidemia cultural) se espalham e substituem todos os outros tipos de bolos. bolo'bolo cai numa era de caos e contemplação.

2764 - Início de Yuvuo. Todos os registros da pré-história (até 2763) foram perdidos. Tawhuac põe outro disquete no drive.

A edição original de bolo'bolo, suíça, é de 1983.

*ibu*



De fato, só existe mesmo o *ibu*, e mais nada. Mas o *ibu* é irresponsável, paradoxal, perverso. Só existe um único *ibu* e ele se comporta como se fossem quatro bilhões ou mais. O *ibu* também sabe que inventou sozinho o mundo e a realidade, mas acredita firmemente que essas alucinações são reais. Poderia Ter sonhado uma realidade agradável, sem problemas, mas insistiu em imaginar um mundo miserável, embrutecido e contraditório.<sup>1</sup>

Sonhou uma realidade na qual é constantemente atormentado por conflitos, catástrofes, crises. Fica dividido entre o êxtase e o tédio, o entusiasmo e a decepção, a serenidade e a euforia. Tem um corpo que requer 2.000 calorias por dia, que fica cansado, resfriado, doente; e expele esse corpo a cada setenta anos, mais ou menos – um monte de complicações desnecessárias.

O mundo externo do *ibu* também é um pesadelo contínuo. Perigos enervantes o mantêm entre o heroísmo e o medo. No entanto, ele poderia encerrar esse drama horrível suicidando-se e desaparecendo para sempre. Já que só existem um único *ibu* e o universo que ele criou para si mesmo, não tem que se preocupar com dependentes que sobrevivem, amigos chorosos, contas a pagar, etc. Sua morte seria completamente sem conseqüências. Natureza, humanidade, história, espaço, lógica, tudo desaparece com ele. A barra pesada do *ibu* é completamente

voluntária, e no entanto ele diz que não passa de uma peça do jogo. Para que mentir tanto assim?

Aparentemente, o ibu está apaixonado por seu tortuoso pesadelo masoquista. Ele até protegeu cientificamente esse pesadelo contra o nada: define o sonho como irreal, assim o pesadelo se torna o sonho da irrealidade de sonhar.

O ibu se trancou na armadilha da realidade.

Leis naturais, lógica, matemática, fatos científicos e responsabilidades sociais formam as paredes dessa armadilha. Enquanto o ibu insiste em sonhar sua própria impotência, o poder vem de instâncias superiores às quais ele deve obedecer: Deus, Vida, Estado, Moral, Progresso, Bem-Estar, Futuro, Produtividade. Com base nessas pretensões ele inventa o sentido da vida, que, é claro, nunca pode alcançar. Sente-se constantemente culpado, e se mantém numa tensão infeliz na qual esquece de si mesmo e de seu poder sobre o mundo.

Para se impedir de reconhecer a si mesmo e descobrir o caráter onírico da sua realidade, o ibu inventou "outros". Imagina que esses seres artificiais são iguais a ele. Como num teatro do absurdo, mantém relações com eles, amando ou odiando, até pedindo conselhos ou explicações filosóficas. Assim escapam de sua própria consciência, delegando-a aos outros para se ver livre dela. Ele concretiza os outros ibus organizando-os em instituições: casais, famílias, clubes, tribos, nações, humanidade. Inventa a sociedade para si mesmo, e a sujeita às suas regras. O pesadelo é perfeito.

O ibu só vê a si mesmo se houver brechas acidentais em seu mundo de sonho. Mas em vez de terminar essa perversa existência ele tem pena de si, morre permanecendo vivo. Esse suicídio reprimido é deslocado para fora, para a realidade, e volta para o ibu na forma de apocalipse coletivo (holocausto nuclear, catástrofe ecológica). Fraco demais para se matar, o ibu quer que a realidade faça isso por ele.

O ibu gosta de ser torturado, então imagina utopias maravilhosas, paraísos, mundos harmônicos que, evidentemente, nunca podem ser alcançados. Só servem para fixar o pesadelo, dando ao ibu esperanças natimortas e instigando-o a todos os tipos de iniciativas políticas e econômicas, agitações, revoluções e sacrifícios. O ibu sempre morde a isca dos desejos e ilusões. Não compreende a razão. Esquece que todos os mundos, todas as realidades, todos os sonhos e sua própria existência são infinitamente chatos e cansativos, e que a única solução consiste em retirar-se imediatamente para o confortável nada.



O ibu ainda está por aí, recusando o nada, esperando por um pesadelo novo, melhor. Ainda está sozinho, mas acredita que pode superar sua solidão através de alguns acordos com os outros quatro bilhões de ibus. Estarão lá fora? Nunca se pode saber...

Então, junto com 300 a 500 ibus, ele forma um bolo. O bolo é seu acordo básico com outros ibus, um contexto direto, pessoal, para viver, produzir, morrer.<sup>2</sup>

O bolo substitui o velho negócio chamado dinheiro. Dentro e em volta do bolo os ibus podem conseguir suas 2.000 calorias diárias, espaço para viver, cuidados médicos – as bases da sobrevivência. E muito mais ainda.

O ibu nasce num bolo, passa sua infância lá, é tratado quando fica doente, aprende certas coisas, faz um coisinha ou outra, é abraçado e consolado quando está triste, toma conta de outros ibus, anda à toa por aí, desaparece. Nenhum ibu pode ser expulso de um bolo. Mas é sempre livre para sair e voltar. O bolo é o lar do ibu na nossa espaçonave.

O ibu não é obrigado a juntar-se a um bolo. Ele pode ficar inteiramente só, formar pequenos grupos, fechar acordos especiais com os bolos. Se a maioria dos ibus se une em bolos, a economia monetária morre e não volta nunca mais. A auto-suficiência quase completa do bolo garante sua independência. Os bolos são o cerne de um forma nova, pessoal e direta de trocas sociais. Sem bolos, a economia monetária tem que voltar, e o ibu estará sozinho de novo com seu trabalho, com seu dinheiro, dependendo de pensões, do Estado, da polícia.

A auto-suficiência do bolo se baseia em dois elementos: construções e equipamentos para morar e trabalhar (*sibi*), e um pedaço de terra para produzir a maior parte de seus alimentos. A base agrícola pode consistir também de pastos, montanhas, áreas de caça e pesca, bosques de palmeiras, culturas de algas, áreas de coleta, etc., conforme as condições geográficas. O bolo é amplamente auto-suficiente no que se refere ao suprimento diário de comida. Pode reparar e manter suas construções e ferramentas sozinho. Para garantir a hospitalidade (*sila*), deve ser capaz de alimentar mais 30 a 50 hóspedes ou viajantes com sus próprios recursos.

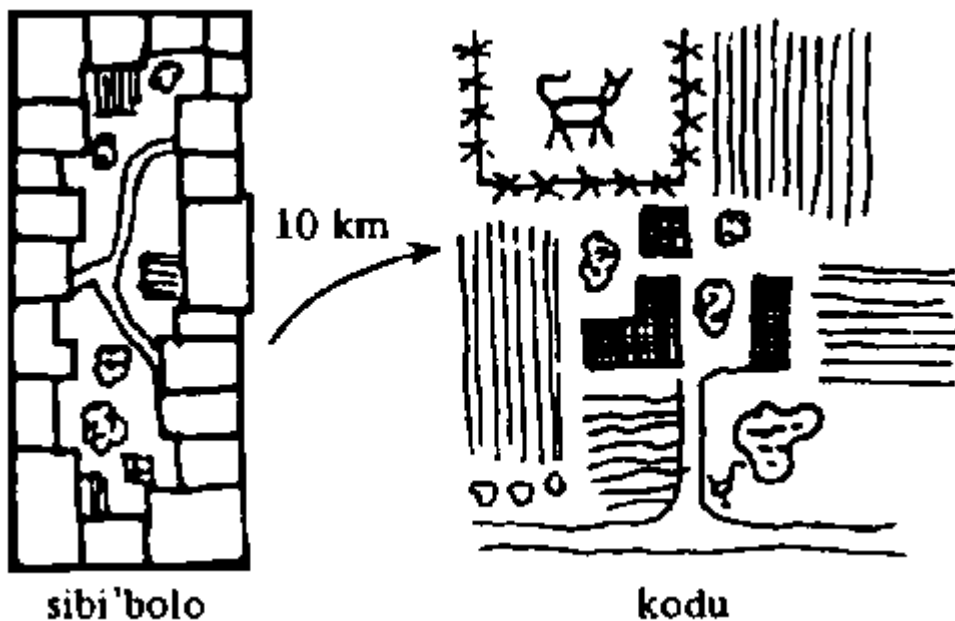
Auto-suficiência não é necessariamente isolamento ou autolimitação. Os bolos podem fazer acordos e serviços (ver *feno*). Essa cooperação é bi ou multilateral,



não planejada por uma organização central; é inteiramente voluntária. O próprio bolo pode escolher seu grau de autarquia ou independência, de acordo com sua identidade cultural (*nima*).

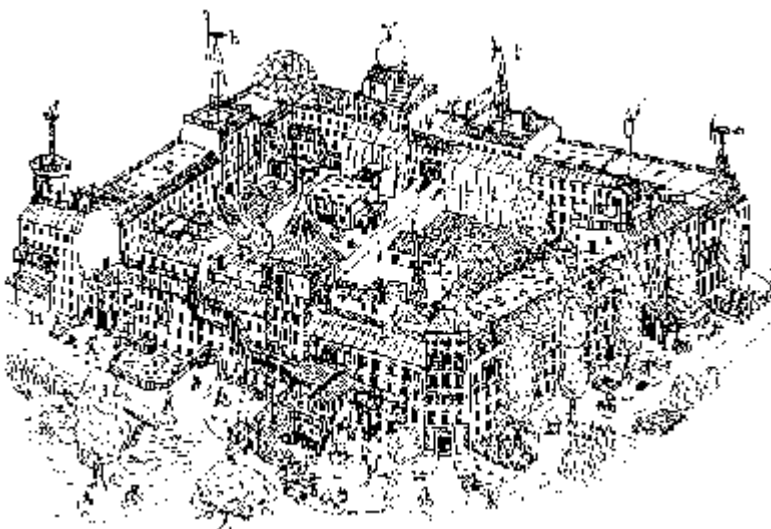
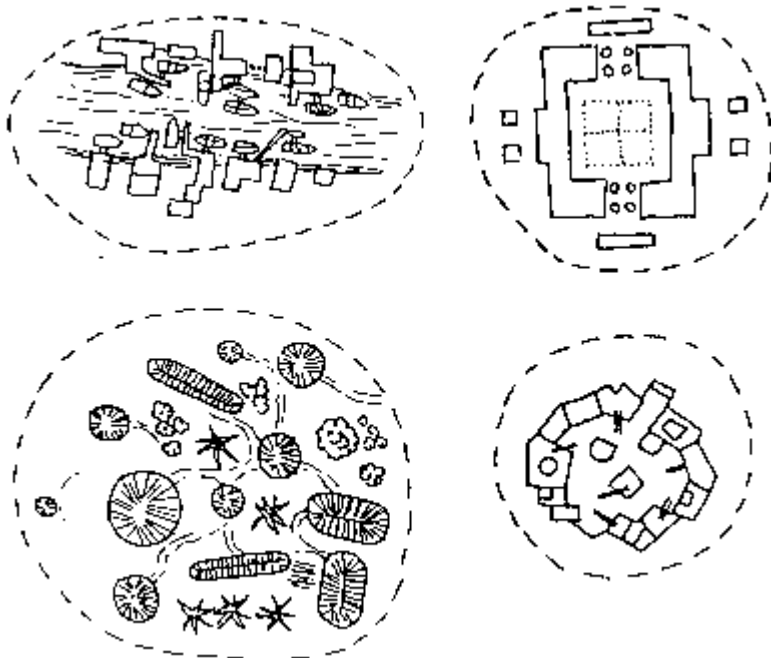
O tamanho e o número de habitantes dos bolos podem ser a grosso modo idênticos em todas as partes do mundo. Suas funções básicas e obrigações (*sila*) são as mesmas em qualquer lugar. Mas seu território, arquitetura, organização, cultura e outras formas ou valores (se é que existem) podem ser múltiplos. Nenhum bolo é igual ao outro, assim como dois ibus não são iguais. Cada ibu e cada bolo têm sua própria identidade. E bolo'bolo não é um sistema, mas uma colcha de retalhos de microsistemas.

bolos não têm que ser construídos em espaços vazios. Aproveitam as estruturas que já existem. Em cidades maiores um bolo pode consistir de um ou dois prédios, de um bairro pequeno ou de um complexo de prédios vizinhos. Você só tem que construir arcos de ligação e passarelas, usando os andares térreos como espaços comunais, abrindo passagens em certas paredes, etc. Assim, uma típica vizinhança antiga pode ser transformada num bolo como este:

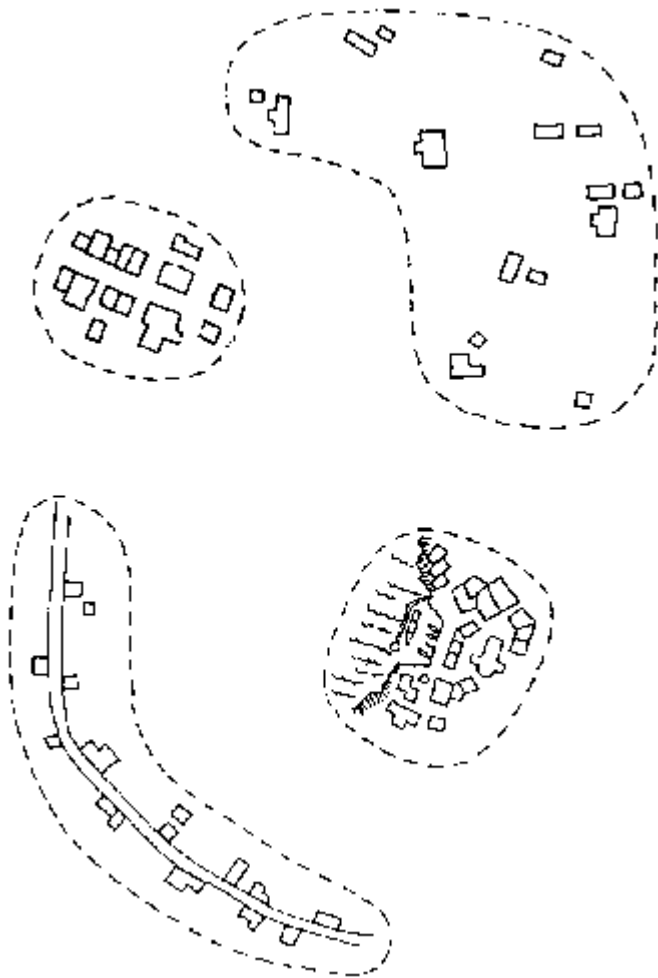


Moradias maiores e mais altas podem ser usadas como bolos verticais. No campo, um bolo corresponde a uma pequena aldeia, a um grupo de casas de fazenda, a um vale povoado. Um bolo não precisa ser unificado arquitetonicamente. No Pacífico Sul um bolo é uma ilha de coral, ou mesmo um grupo de atóis menores. No deserto, o bolo pode nem ter localização precisa; ele é a própria rota dos nômades que o integram (talvez os membros deste bolo só se encontrem todos uma ou duas vezes por ano). Em rios ou lagos, bolos podem ser formados por barcos. Podem existir bolos em antigas fábricas, palácios, adegas, navios de guerra, monastérios, sob os terminais da ponte Rio-Niterói, em museus,

zoológicos, praias, campings, pavilhões, penitenciárias, shopping centers, no Maracanã e no Maracanãzinho, na Ilha Grande, no Ibirapuera. Os bolos vão construir seus ninhos em toda parte, e as únicas regras gerais são seu tamanho e suas funções. Algumas formas possíveis de bolos:



Um típico bolo centro-europeu



*sila*



Do ponto de vista do ibu, a função do bolo é assegurar sua sobrevivência, tornar sua vida desfrutável, dar a ele um lar ou hospitalidade quando estiver viajando. O acordo entre o conjunto de bolos (bolo'bolo) e um ibu avulso é chamado *sila*. Como o ibu não tem dinheiro <sup>3</sup> (nem emprego!), nem obrigação alguma de viver num bolo, todos os bolos têm que garantir hospitalidade a qualquer ibu que chegar. Todo bolo é virtualmente um hotel, qualquer ibu um virtual hóspede não-pagante. (Somos todos hóspedes deste planeta, de qualquer modo.)

Dinheiro é um acordo social cujo cumprimento é forçado via polícia, justiça, prisões, hospitais psiquiátricos. Não é natural. Assim que essas instituições entram em colapso ou disfunção, o dinheiro perde o seu valor – ninguém consegue agarrar o ladrão, e quem não rouba é louco.<sup>4</sup>

Como o acordo do dinheiro funciona mal, e está quase arruinando o planeta e seus habitantes, há interesse em substituí-lo por um novo arranjo, *silá*, as regras da hospitalidade.<sup>5</sup>

*silá* oferece os seguintes acordos:

*taku* - Todo *ibu* recebe de seu *bolo* um baú de 50x50x100cm sobre cujo conteúdo pode dispor como quiser.

*yalu* - Todo *ibu* pode obter de qualquer *bolo* um ração diária mínima de 2.000 calorias de comida local.

*gano* - Todo *ibu* pode obter abrigo de qualquer *bolo* no mínimo por uma noite.

*bete* - Todo *ibu* tem direito a cuidados médicos apropriados em qualquer *bolo*.

*fasi* - Todo *ibu* pode viajar para qualquer lugar a qualquer momento – não há fronteiras.

*nima* - Todo *ibu* pode escolher, praticar e propagandear sua própria maneira de vida, estilo de roupas, linguagem, preferência sexual, religião, filosofia, ideologia, opiniões, etc., onde quiser e como gostar.

*yaka* - Todo *ibu* pode desafiar qualquer outro *ibu* ou uma comunidade maior para um duelo, de acordo com as regras da *yaka*.

*nugo* - Todo *ibu* tem uma cápsula com um veneno letal, e pode cometer suicídio quando quiser. Também pode pedir ajuda para esse fim.

A base real da *silá* são os *bolos*, porque os *ibus* avulsos não seriam capazes de manter esses acordos em bases permanentes. *silá* é a garantia mínima de sobrevivência oferecida pelos *bolos* a seus membros e a uma certa proporção de hóspedes. Um *bolo* pode recusar *silá* se houver mais de 10% de hóspedes. Um *bolo* deve produzir 10% mais comida, moradia, remédios, etc., do que o necessário para seus membros estáveis. Comunidades maiores (como *téga* ou *vudo*) dispõem de mais recursos, caso certos *bolos* tenham sobrecarga, ou se mais de 10% de hóspedes aparecerem.

Por que deveriam os *bolos* respeitar regras de hospitalidade? Por que trabalhariam para outros, para estranhos? *bolos* consistem de *ibus* e esses *ibus* também são potencialmente hóspedes e viajantes; todo mundo pode aproveitar a

hospitalidade. O risco de ibus em trânsito abusarem ou explorarem os ibus residentes é muito baixo. Primeiro um estilo de vida nômade tem suas próprias desvantagens, já que você nunca consegue participar da riquíssima vida interior de um bolo. Um ibu viajante tem que se adaptar a comidas e culturas novas, não pode participar de projetos a médio prazo e sempre se arrisca a entrar para a lista da ração mínima. Por outro lado, visitantes também beneficiam a comunidade visitada; viajar pode até ser considerada uma forma de trabalho. Viajantes são necessários para a circulação de notícias, modas, idéias, técnicas, histórias, produtos, etc. Hóspedes estão interessados em preencher essas funções porque podem esperar algo melhor do que hospitalidade mínima. Hospitalidade e viagens são um nível de troca social.

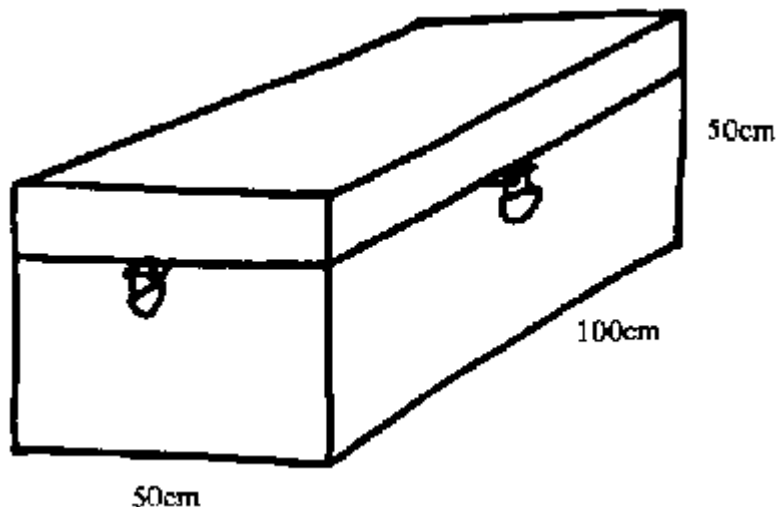
Uma certa pressão para respeitar a hospitalidade é exercida nos bolos por *munu*, honra ou reputação. As experiências dos viajantes num bolo são muito importantes, já que os ibus podem viajar para muito longe e falar deles em qualquer lugar. A reputação é crucial, porque influencia os possíveis acordos mútuos entre os bolos. Ninguém gostaria de negociar com um bolo inamistoso, com o qual não se pode contar. Já que não existe mais mediação anônima através da circulação do dinheiro, impressões pessoais e reputação são essenciais de novo. Por esta ótica, bolos são como linhagens aristocráticas, e o que forma sua imagem é a honra.

Então, junto com 300 a 500 ibus, ele forma um bolo. O bolo é seu acordo básico com outros ibus, um contexto direto, pessoal, para viver, produzir, morrer.

*taku*



O primeiro e mais notável componente da *sila* é o *taku*, uma caixa feita de folhas resistentes de metal ou madeira, mais ou menos assim:



Cada ibu ganha um taku, conforme os rituais de seu bolo. Qualquer coisa que caiba no taku é propriedade exclusiva daquele ibu – o resto do planeta é usado e mantido em comum por todos. Somente o ibu tem acesso às coisas contidas no seu taku, ninguém mais. Ele pode pôr ali dentro o que quiser. Pode carregar o taku com ele, e nenhum ibu tem qualquer direito, sob qualquer circunstância que seja, de inspecionar seu conteúdo ou pedir informações sobre ele (nem mesmo em casos de assassinato ou roubo). O taku é absolutamente indiscutível, tabu, sacrossanto, privado, exclusivo, pessoal. Mas só o taku. O ibu pode guardar lá dentro roupas sujas ou metralhadoras, drogas ou velhas cartas de amor, cobras ou camundongos de lã, diamantes ou amendoins, fitas estéreo ou coleções de selos. A gente só pode imaginar. Contanto que não tenha cheiro nem faça barulho (ou seja, que não interfira na ambiente), qualquer coisa pode estar ali.

Como o ibu pode ser muito obstinado (sendo os ibus notoriamente excêntricos e perversos), precisa de algumas propriedades. Talvez a idéia de propriedade seja apenas uma degeneração temporária causada pela civilização, mas quem sabe? O taku é a pura, absoluta e refinada forma de propriedade, mas também sua limitação. (Todos os ibus juntos podem ainda imaginar que possuem o planeta inteiro, se isso os ajuda a ficar felizes.) O taku seria importante para o ibu, ajudando a lembrar, por exemplo, que ele não é um abu, ubu, gagu ou qualquer outra coisa igualmente obscura, instável e indefinível. Na verdade, o ibu tem muitos outros meios de conseguir uma segurança mínima acerca de sua identidade: espelhos, amigos, psiquiatras, roupas, fitas, diários, cicatrizes, sinais de nascença, fotografias, souvenirs, cartas, orações, cachorros, computadores, cartazes de procura-se, etc. O ibu não precisa de objetos para não perder sua identidade num êxtase geral. Mas a perda de coisas íntimas poderia ser muito desagradável, por isso deve ser protegida. Talvez o ibu precise manter relações secretas com suas caixinhas, coleções, fetiches, livros, amuletos, jóias, troféus e relíquias para se sentir especial. Deve ter alguma coisa para mostrar aos outros ibus quando quiser provar sua confiança. Só o que é secreto e tabu pode

realmente ser mostrado. Tudo o mais é evidente, estúpido, sem charme nem glamour.

Como a propriedade ilimitada, o taku traz alguns riscos, embora estes sejam agora mais concretos e diretos. O taku pode conter armas, venenos, objetos mágicos, dinamite, quem sabe drogas desconhecidas. Mas o taku nunca poderá exercer a dominação social inconsciente e descontrolada que o dinheiro e o capital exercem hoje. Há um (limitado) perigo; por isso, a confiança, a reputação e as relações pessoais vão provar novamente sua força.

*kana*



kana pode ser a subdivisão mais freqüente e prática de um bolo, já que o bolo é provavelmente grande demais para se viver junto imediatamente.<sup>6</sup> Um kana consiste de quinze a trinta ibus, e um bolo contém perto de vinte kanas. Um kana ocupa uma casa maior numa cidade, ou duas casas adaptadas para formar uma só. Corresponde a uma vila, um grupo de caça, um grupo de parentes, uma comunidade. O kana é organizado em torno da vida doméstica (ou na cabana, na tenda, no barco) e é completamente definido pelo estilo de vida e pela identidade cultural de seu bolo. Não pode ser independente na sua provisão de comida e produtos porque é muito pequeno, e por isso muito instável (como mostram as experiências das comunidades alternativas nos anos 60).

Conforme o estilo de vida do bolo, podem surgir mais arranjos além do kana: casais, triângulos, famílias nucleares, patriarcados, matriarcados, parentes, times, etc. Um bolo também pode consistir de 500 ibus avulsos que vivem juntos, como num hotel ou monastério, cada uma na sua, cooperando apenas num nível mínimo para garantir sobrevivência e hospitalidade. O grau de coletividade ou individualismo é limitado apenas por essas necessidades básicas. Qualquer ibu pode descobrir seu bolo ou kana preferido, ou procurar outros novos.

*nima*



bolos não podem ser apenas vizinhanças ou arranjos materiais. Isso é só seu aspecto prático, externo. A motivação real dos ibus para viverem juntos é a bagagem cultural em comum, o *nima*. Todo ibu tem sua própria convicção e visão de como a vida poderia ser, mas alguns nimas só podem dar certo se ibus mentalmente semelhantes se encontrarem. Num bolo eles podem viver, transformar e completar seu nima comum. Por outro lado, os ibus cujos nimas excluem as formações sociais (eremitas, vagabundos, misantropos, yogues, loucos, anarquistas individuais, mágicos, mártires, sábios ou feiticeiras) podem ficar sozinhos e viver nos interstícios dos onipresentes, mas nunca compulsórios, bolos.

O nima contém hábitos, estilo de vida, filosofia, valores interesses, estilos de vestir, cozinha, maneiras, comportamento sexual, educação, religião, arquitetura, artesanato, arte, cores, rituais, música, dança, mitologia, pintura corporal: tudo quanto pertence a uma identidade ou tradição cultural. O nima define a vida, como o ibu a imagina, em sua forma prática de cada dia.

As fontes de nimas são múltiplas como eles. Podem ser tradições étnicas (vivas ou redescobertas), correntes filosóficas, seitas, experiências históricas, guerras ou catástrofes em comum, formas mistas ou recém-criadas. Um nima pode ser generalizado ou bem específico (como no caso de seitas ou tradições étnicas). Pode ser extremamente original ou apenas uma variação de outro nima. Pode ser bem aberto às inovações ou fechado e conservador. nimas podem aparecer como modas, espalhar-se como epidemias, e morrer. Podem ser gentis ou brutais, passivos-contemplativos ou ativos-extrovertidos.<sup>7</sup> Os nimas são o poder real dos bolos (poder = múltiplas possibilidades materiais e espirituais).

Como qualquer tipo de nima pode surgir, é também possível que panelinhas brutais, patriarcais, repressivas, estúpidas, fanáticas e terroristas possam se estabelecer em alguns bolos. Não existem leis nem regras humanistas, liberais ou democráticas acerca do conteúdo dos nimas e não há Estado para impor. Ninguém pode impedir um bolo de cometer suicídio em massa, de morrer devido a experiências com drogas, de mergulhar na loucura ou de ser infeliz sob um regime violento. bolos com um nima-bandido poderiam aterrorizar regiões inteiras ou continentes, como os hunos ou vikings fizeram. Liberdade e aventura, terrorismo generalizado, quadrilhas, ataques, guerras tribais, vendettas, pilhagens – dá de tudo.

Por outro lado, a lógica de bolo'bolo põe um limite na praticabilidade e na expansão desse tipo de comportamento e dessas tradições. Pilhagens e bandidagens têm sua própria economia. Além do mais, é absurdo transpor motivações do sistema atual de dinheiro e propriedade para bolo'bolo. Um bandido-bolo tem que ser relativamente forte e bem organizado, e precisa de uma estrutura de disciplina interna e repressão. Para a turminha dominante dentro de um bolo desses isso significaria vigilância permanente e muito trabalho com a repressão. Seus ibus poderiam deixar o bolo a qualquer momento, outros ibus poderiam aparecer e os bolos em volta estariam aptos a observar as estranhas



evoluções de um bolo assim desde o começo. Poderiam mandar hóspedes, restringir as trocas, arruinar o *munu* do bandido-bolo, ajudar os oprimidos do bolo contra a turma de cima. O suprimento de comida e de produtos, bem como de armas e equipamentos, traria problemas graves. Os ibus do bandido-bolo teriam que trabalhar, antes de mais nada, para conseguir uma base para seus ataques: daí a possibilidade de uma rebelião contra os chefões. Sem um aparato de Estado em larga escala, a repressão poderia dar trabalho demais e não seria proveitosa para os opressores. Ataques e exploração também não seriam muito proveitosos porque não há meio de preservar as coisas roubadas de uma forma fácil de transportar (não há dinheiro). Ninguém entraria em intercâmbio com um bolo desses. Então ele teria que roubar produtos em sua forma natural, o que significa um monte de trabalho para o transporte e a necessidade de repetidos ataques. Como existem poucas ruas, poucos carros e escassos meios de transporte individual, um bolo-bandido só poderia atacar seus vizinhos, e esgotaria rapidamente suas fontes. Junte a isso a resistência dos outros bolos, a possível intervenção de milícias das comunidades maiores (*tega, vudo, sumi*: veja *yaka*), e a bandidagem se torna um comportamento pouco proveitoso, marginal.

Historicamente, a conquista, o saque e a opressão entre nações sempre foram efeitos da repressão interna e de falta ou impossibilidade de comunicação. Nenhuma dessas causas pode existir em bolo'bolo: os bolos são pequenos demais para uma repressão efetiva, e ao mesmo tempo os meios de comunicação são bem desenvolvidos (redes telefônicas, redes de computadores, facilidade de viajar, etc.). Em bolos isolados a dominação não compensa, e a independência só é possível com embasamento agrícola. Bolos predatórios ainda são possíveis, mas somente como um tipo de arte pela arte, e por curtos períodos de tempo. De qualquer modo, por que começaríamos tudo isso de novo agora que temos à nossa disposição as experiências da História? E quem seriam os controladores do mundo se não fôssemos mais capazes de compreender essas lições?

Numa grande cidade poderíamos encontrar os seguintes bolos: Lítero-bolo, Sym-bolo, Sado-bolo, Maso-bolo, Vege-bolo, Gay-bolo, Franco-bolo, Ítalo-bolo, Play-bolo, Não-bolo, Retro-bolo, Sol-bolo, Blue-bolo, Rock-bolo, Paleo-bolo, Diabolo, Punk-bolo, Krishna-bolo, Tarô-bolo, Daime-bolo, Jesu-bolo, Tao-bolo, Marl-bolo, Necro-bolo, Coco-bolo, Para-bolo, Basquete-bolo, Coca-bolo, Incapa-bolo, High-Tech-bolo, Índio-bolo, Mono-bolo, Metro-bolo, Acro-bolo, Proto-bolo, Erva-bolo, Macho-bolo, Hebro-bolo, Ruivo-bolo, Freak-bolo, Careta-bolo, Pyramido-bolo, Marx-bolo, Tara-bolo, Logo-bolo, Mago-bolo, Anarco-bolo, Eco-bolo, Dada-bolo, Dígito-bolo, Subur-bolo, Bom-bolo, Super-bolo, etc. Além disso, existem também os velhos bolos normais, onde os ibus têm uma vida comum, razoável e saudável (seja isso o que for).

A diversidade de identidades culturais destrói a moderna cultura de massas e as modas comerciais, mas também a padronizada linguagem nacional. Como não há um sistema escolar centralizado, cada bolo pode falar sua própria linguagem ou dialeto. Podem ser línguas que já existem, gírias ou linguagens artificiais. Assim a linguagem oficial, que funciona como meio de controle e dominação,

decai, e daí resulta uma espécie de caos babilônico, isto é, uma ingovernabilidade através da dysinformação. Como essa desordem lingüística poderia causar alguns problemas aos viajantes, ou em emergências, existe *asa’pili* – um vocabulário artificial de alguns termos básicos que pode ser facilmente aprendido por todo mundo. *asa’pili* não é verdadeiramente uma linguagem, pois consiste de apenas algumas palavras (como: *ibu, bolo, sila, nima*, etc.), e seus respectivos sinais (para os que não podem ou não querem falar). Com a ajuda de *asa’pili*, todo *ibu* pode obter em qualquer lugar coisas básicas como comida, abrigo, tratamento médico, etc. Se quiser entender melhor um bolo de língua estrangeira, vai ter que estudar. Como o *ibu* agora tem um montão de tempo, não terá problemas. A barreira natural da linguagem também é uma proteção contra a colonização cultural. Identidades culturais não podem ser assimiladas de uma forma superficial – você realmente tem que se relacionar como todos os elementos, passar algum tempo com as pessoas.<sup>8</sup>

***kodu***



O *kodu* é a base agrícola da auto-suficiência e independência do bolo. O tipo de agricultura, a escolha do plantio e dos métodos são influenciados pela bagagem cultural de cada bolo. Um *Vege-bolo* se especializaria em vegetais, frutas, etc., em vez de criar gado. Um *Islã-bolo* nunca lidaria com porcos. Um *Franco-bolo* precisaria de um grande galinheiro, ervas frescas e muito queijo. Um *Hash-bolo* plantaria cannabis, um *Bebum-bolo*, malte e lúpulo (com uma destilaria no celeiro), um *Ítalo-bolo* precisaria de tomates, alho e orégano, um *Macrô-bolo* precisaria de arroz integral, tofu, misso, shoyu e seitan. Certos bolos dependeriam mais de trocas, por terem uma dieta muito diversificada. Outros, com uma cozinha mais monótona, poderiam contar quase que inteiramente consigo mesmos.

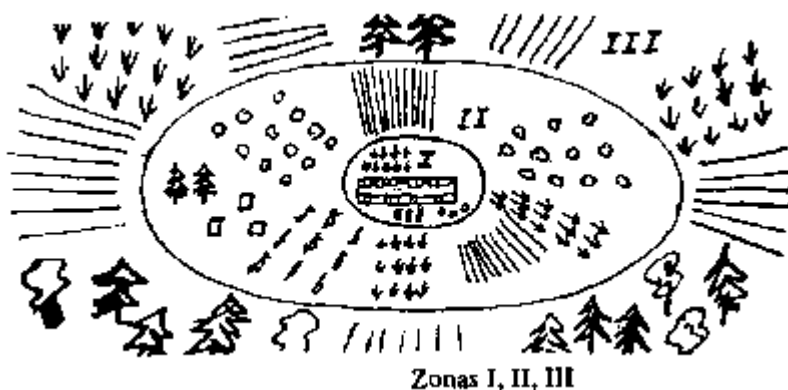
Agricultura faz parte da cultura geral de um bolo. Define a sua maneira de lidar com a natureza e a comida. Sua organização não pode ser descrita de modo geral. Podem haver bolos onde a agricultura apareça como um tipo de trabalho, porque outras ocupações, lá, seriam consideradas mais importantes. Mesmo nesse caso, o trabalho agrícola não traria limites graves à liberdade individual de cada *ibu*: seria dividido entre todos os membros do bolo. Isso talvez significasse um mês de trabalho agrícola por ano, ou 10 % do tempo ativo. Se a agricultura é um elemento central na identidade cultural de um bolo, não há problema nenhum: será um prazer. De qualquer forma, todo mundo tem que adquirir um pouco de conhecimento agrícola, mesmo os que não consideram isso crucial para sua identidade cultural, porque esta é a condição para a independência de qualquer bolo. Não existirão lojas de comida, nem supermercados, nem (infelizmente)

pechinchas importadas de países chantageados economicamente. Também não haverá qualquer distribuição centralizada por um aparato de Estado (por exemplo, sob forma de racionamento). Os bolos realmente terão que contar consigo mesmos.<sup>9</sup>

O kodu abole a separação entre produtores e consumidores no domínio mais importante da vida: a produção de comida. Mas kodu não é só isso, é o todo da relação do ibu com a natureza – ou seja, agricultura e natureza não podem ser compreendidas como duas noções distintas. A noção de natureza apareceu no mesmo momento em que perdemos nosso contato direto com ela, quando nos tornamos dependentes da agricultura, da economia e do Estado. Sem uma base agrícola para auto-suficiência, os ibus e bolos ficam praticamente expostos à chantagem – podem ter quantas garantias, direitos ou acordos quiserem, mas é tudo escrito no vento. O poder do Estado se baseia sobretudo no controle do abastecimento de comida. Somente com base num certo grau de autarquia os bolos podem participar de uma rede de trocas sem serem explorados.

Como todo bolo tem sua própria terra, a divisão entre rural e urbano não é mais tão pronunciada. O conflito de interesses entre produtores batalhando preços mais altos e consumidores exigindo comida barata não existe mais. Além disso, ninguém está interessado em desperdício, escassez artificial, deterioração, distribuição ruim ou obsolescência planejada de produtos agrícolas. Todos os ibus se interessam diretamente pela produção de comida boa e saudável, porque eles mesmos produzem e comem e são completamente responsáveis por sua própria assistência médica (ver *bete*). Cuidados com o solo, com os animais e consigo mesmos se tornam óbvios, já que cada bolo se interessa pela fertilidade a longo prazo e pela preservação dos recursos naturais.

O uso da terra ou de outros recursos e sua distribuição entre os bolos precisam ser cautelosamente discutidos e adaptados. Há um monte de soluções possíveis, conforme a situação. Para legítimos bolos rurais (agro-bolos) não tem problema, já que podem usar a terra adjacente. Para bolos urbanos seria útil ter canteirinhos em volta das casas, nos telhados, nos pátios, etc. Em torno da cidade poderia haver uma zona verde onde cada bolo tivesse uma área maior para vegetais, frutas, lagos de peixes, etc., ou seja, para produzir o que se precisa que seja fresco todos os dias. Essas plantações seriam alcançadas a pé ou de bicicleta em poucos minutos, e relativamente poucos produtos exigiriam transporte especial. A zona realmente agrícola, de grandes fazendas de mais de 80 hectares ou várias fazendas menores, poderia estar a uns 15 quilômetros da cidade-bolo. (Particularmente no caso de certas culturas que usam lagos, picos, vinhas, campos de caça, etc.) Essas bolo-fazendas se especializariam na produção em larga escala de comidas duráveis: cereais, inhames, feijões, soja, laticínios, carne, etc. O transporte se daria na escala das toneladas (de charrete, caminhão, barco, etc.). Para o kodu de cidades grandes, um sistema de três zonas poderia ser prático:<sup>10</sup>



Para facilitar o funcionamento do kodu, a despovoação de cidades com mais de 200.000 habitantes deve ser encorajada pelos bolos. Em certas áreas, isso poderia vir a dar na repopulação de aldeias desertas. Podem existir Agro-bolos puros, mas em geral o ibu não vai ter que escolher entre a vida rural e a urbana. As fazenda-bolos ou aldeias também têm a função de casas de campo, e ao mesmo tempo cada fazendeiro teria um bolo de casas na cidade. Com o sistema kodu o isolamento e a negligência cultural das regiões rurais poderiam ser compensados, de modo que o êxodo rural que hoje arruina o equilíbrio da maior parte do mundo seria paralisado e invertido. Os aspectos positivos da vida de fazenda podem ser combinados com o intenso estilo de vida urbano. As cidades se tornariam mais civilizadas, vivíveis, e os campos estariam protegidos contra a poluição vinda das auto-estradas, agroindústrias, etc. Nenhuma fazendeiro precisaria criar raízes e ser escravizado por suas vacas. Todo ser urbano teria uma casinha no campo, sem ficar confinado em colônias de férias ou hotéis monótonos.

*yalu*



Os bolos tendem a produzir sua comida tão perto quanto possível de suas construções centrais, de modo a evitar transportes e viagens longas, o que naturalmente significa perda de tempo e de energia. Por motivos semelhantes haverá muito menos importação de petróleo, forragem e fertilizantes. Métodos apropriados de cultivo, uso cuidadoso do solo, rodízios e combinação de diferentes plantios são necessários sob essas condições. O abandono da agricultura industrializada de larga escala não resulta necessariamente na redução da produção, porque pode ser compensada por métodos mais intensivos (já que existe uma força de trabalho agrícola maior) e pela preferência por calorias e proteínas vegetais. Milho, raízes, soja e outros feijões podem garantir

combinações para uma alimentação segura.<sup>11</sup> A produção animal (que consome imensas quantidades exatamente das colheitas mencionadas acima) deverá ser reduzida e descentralizada, bem como, em grau menor, a produção de laticínios. Haverá bastante carne, mas porcos, galinhas, coelhos, ovelhas e cabras serão encontrados em volta dos bolos, nos quintais, correndo pelas antigas ruas. Assim, sobras de qualquer tipo podem ser usadas de uma forma integrada para produzir carne.

Será que a comida do bolo'bolo vai ser mais monótona? Decairá a gastronomia, já que a importação exótica e produção em massa de bifés, galletos, filés e picanhas será drasticamente reduzida? Será a Idade das Trevas dos gourmets? É verdade que se pode encontrar uma grande variedade de comidas em supermercados dos Trabalhadores A – cocos no Alaska, mangas em Zurich, vegetais no inverno, todos os tipos de frutas em lata e de carnes. Mas ao mesmo tempo a comida nativa é freqüentemente preterida, apesar de sua qualidade e frescor. Onde a variedade de comida local é pouca (por motivos de baixa produção, ou porque seu cultivo é intensivo demais sob certas condições econômicas), há importações onerosas de produtos de baixa qualidade, sem gosto, defeituosos, pálidos e aguados, vindo de áreas onde a mão-de-obra é barata. É uma falsa variedade, e só por esta razão a novíssima alta cozinha francesa se tornou a *cuisine du marché*, ou seja, usa comida fresca e produzida no local. Produção massiva de comida e distribuição internacional não são apenas nonsense e razão da permanente crise de fome mundial: também não nos dão uma *boa* comida.

A verdadeira gastronomia e a qualidade da nutrição não dependem de importações exóticas e da disponibilidade de carnes. Cultivos e criações caprichados, tempo, refinamento e inventividade são muito mais importantes. O lar da família nuclear não se presta a esses requisitos: o horário das refeições é muito curto, e o equipamento muito pobre (mesmo sendo altamente mecanizado). Força a dona-de-casa ou outros membros da família a cozinha de maneira simples e rápida. Em grandes *kana* ou cozinhas de bolos, pode haver um excelente restaurante (grátis) em cada bloco, e ao mesmo tempo uma redução de trabalho, energia e desperdício. A ineficiência e a baixa qualidade culinária das pequenas casas é justamente a contrapartida da agroindustrialização.

Em muitos casos, cozinhar é um elemento essencial na identidade cultural de um bolo, e nesse contexto não é realmente trabalho, mas parte das paixões artísticas produtivas de seus membros. É exatamente a identidade cultural (*nima*) que traz mais variedade à cozinha, não o valor dos ingredientes. É por isso que muitos pratos simples (e freqüentemente sem carne) de um país ou de uma região são especialidades em outro lugar. Spaghetti, pizza, moussaka, chili, tortillas, tacos, feijoada, nasi-goreng, curry, cassoulet, sauerkaut, goulash pilaf, borsht, couscous, paella, etc. são pratos populares relativamente baratos em seus países de origem.

A possível variedade de identidades culturais nos bolos de uma determinada cidade produz a mesma variedade de cozinhas. Numa cidade há tantos bolo-restaurantes típicos quantos bolos existirem, e o acesso a todos os tipos de comidas étnicas ou outras será muito mais fácil. Hospitalidade e outras formas de troca permitem um intenso intercâmbio de comensais e cozinheiros entre os bolos. Não há razão para a qualidade desses bolo-restaurantes (eles podem ter diferentes formas e locais) não ser mais alta que a dos restaurantes de hoje, particularmente devido à redução do stress: não haverá necessidade de calcular custos, nem correrias, nem horários de almoço ou de jantar (a hora das refeições vai depender sempre da bagagem cultural de cada bolo). No geral haverá mais tempo para a produção e preparação de comida, já que isso faz parte da autodefinição de um bolo. Não existirão multinacionais de alimentos, nem supermercados, nem garçons nervosos, donas-de-casa estafadas, cozinheiros em turnos eternos...

Uma vez que o frescor dos ingredientes é crucial para a boa cozinha, as hortas perto do bolo são muito práticas (na zona 1). Os cozinheiros podem plantar muitos ingredientes pertinho da porta da cozinha, ou conseguí-los em cinco minutos de uma horta próxima. Teremos muito tempo e espaço para esses cultivos em pequena escala: ruas convertidas ou estreitadas, garagens de automóveis, tetos de laje, terraços, canteiros e parques puramente decorativos, áreas de fábricas, pátios, porões, viadutos, lotes vazios, todos estarão cheios de terra para hortas, galinheiros, ranários, lagos de peixes e patos, tocas de coelhos, morangos, culturas de cogumelos, pombais, colmeias (a melhor qualidade do ar vai ajudar muito), árvores frutíferas, plantações de cannabis, vinhas, estufas, culturas de algas, etc. Os ibus vão estar rodeados por todos os tipos de produção molecular de comida. (E é claro que cachorros também são comestíveis.)

Os ibus terão tempo bastante para coletar comida em bosques e outras áreas não cultivadas: cogumelos, amoras, camarões de água doce, mexilhões, pescados, lagostas, caracóis, castanhas, aspargos selvagens, insetos de todos os tipos, caça miúda, urtigas e outras plantas selvagens, nozes, faias, caroços de jaca, cocos de todos os tipos, bardana, bolotas de carvalho, etc. Podem servir para fazer pratos surpreendentes. Embora a dieta básica possa ser (dependendo da identidade cultural do bolo) monótona (milho, inhame, feijão, couve) pode variar com inumeráveis molhos e pratos complementares. (Mesmo que a gente assuma no momento uma puramente ecológica atitude do menor esforço.)

Outra fonte de enriquecimento da bolo-cozinha é trazida pelos ibus viajores, hóspedes ou nômades. Eles introduzem temperos novos, molhos, ingredientes e receitas de países distantes. Como esses tipos de produtos exóticos só são necessários em pequenas quantidades, não há problema de transporte e eles estarão disponíveis em maior variedade do que hoje. Outra possibilidade para o ibu conhecer cozinhas interessantes é viajar; já que recebe hospitalidade onde quer que vá, pode provar os pratos originais de graça. Em vez de transportar produtos exóticos e especialidades em massa, com a conseqüente deterioração do ambiente, é mais razoável fazer de vez em quando uma volta ao mundo

gastronômica. Como o ibu tem todo o tempo que quiser, o próprio mundo se tornou um supermercado real.

Conservar, fazer pickles, engarrafar, desidratar, defumar, curar e congelar (que são energeticamente razoáveis para uma kana inteiro ou um bolo) podem contribuir para a variedade da comida durante o ano inteiro. As despensas dos bolos vão ser muito mais interessantes do que as nossas geladeiras de hoje. Os diferentes tipos de vinho, cerveja, licor, uísque, queijo, tabaco, salsichas e drogas vão se desenvolver como especialidades de certos bolos e serão trocados entre eles. (Como era na Idade Média, quando cada monastério tinha sua especialidade.) O poder dos prazeres que foram destruídos e nivelados pela produção de massa pode ser restaurado, e redes de relações pessoais entre peritos vão se espalhar pelo planeta inteiro.

*sibi*



Um bolo não precisa só de comida, precisa de coisas. Tudo quanto diga respeito à produção, uso ou distribuição de coisas é chamado *sibi*. Portanto *sibi* inclui: edifícios, suprimento de combustíveis, eletricidade e água, produção de ferramentas e máquinas (principalmente para a agricultura), roupas, móveis, matérias-primas, utilidades de todos os tipos, transportes, artesanato, arte, equipamento eletrônico, ruas, esgotos, etc.

Como a agricultura (*kodu*), também a fabricultura (*sibi*) depende da identidade cultural de um determinado bolo. Uma parte básica do *sibi* será a mesma em todos os bolos: manutenção dos prédios, consertos simples de móveis, máquinas, roupas, encanamentos, estradas, etc. Um bolo será mais independente do que qualquer bairro ou casa atuais. Como não há interesse em produzir peças defeituosas, descartáveis ou de baixa qualidade, haverá menos consertos. Devido ao desenho sólido e simples das coisas, os consertos serão também mais fáceis, os defeitos terão conseqüências menos graves. A habilidade de exercer os ofícios básicos no próprio bolo também é uma garantia de independência e reduz a perda de tempo e de energia (eletricistas ou bombeiros hidráulicos não têm que atravessar a cidade inteira). O bolo é suficientemente grande para comportar um certo grau de especialização entre seus membros.

O conteúdo principal do *sibi* será a expressão das paixões produtivas típicas de um bolo. Por sua vez, as paixões produtivas são diretamente ligadas à identidade cultural do bolo. Podem existir pintura-bolos, sapateiro-bolos, guitarrista-bolos, roupa-bolos, couro-bolos, eletrônico-bolos, dança-bolos, xilogravura-bolos,

mecânica-bolos, aero-bolos, lítero-bolos, fotográfica-bolos, etc. Certos bolos não se especializam, fazendo muitas coisas diferentes, outros vão reduzir a um mínimo a produção e o uso de muitos produtos (Tao-bolo). Já que as pessoas não estão trabalhando para um mercado, e só secundariamente para trocas, não há mais distinção alguma entre ofícios/artes, vocação/trabalho, horário de trabalho/horário livre, inclinações/necessidade econômica (com exceção de alguns serviços básicos de manutenção). Naturalmente, haverá intercâmbio desses produtos e performances típicos entre os bolos, como no caso das especialidades agrícolas. Eles vão circular através de presentes, de acordos permanentes, de fundos comuns (*mafa*) e do mercado local, e serão comparados a outros em feiras especiais.

No contexto de um bolo ou mesmo de uma *tega* (bairros maiores, cidades), a produção dos artesãos ou de pequenas indústrias estará sob controle direto dos produtores, e eles poderão conhecer e influenciar todo o processo de produção. Objetos terão características pessoais, o usuário conhece o fabricante. Assim as peças defeituosas podem ser devolvidas, e haverá relação entre o uso e o design, permitindo a possibilidade de melhorias e aprimoramentos. Essa relação direta entre o produtor e o consumidor vai liberar um tipo diferente de tecnologia, não necessariamente menos sofisticada do que a atual tecnologia industrial de massas, mas orientada para aplicações específicas (protótipos feitos para o freguês), independência dos grandes sistemas (capacidade de intercâmbio, pequeno tamanho), baixo consumo de energia, facilidade de reparos, etc.<sup>12</sup>

Como o campo para produção e uso de coisas é múltiplo e menos sujeito a limitações naturais do que a agricultura, os bolos vão depender mais de trocas e de cooperação nesse setor. Pense em água, energia, matéria-prima, transportes, alta tecnologia, medicina, etc. Nesses assuntos os bolos têm interesse em cooperar e coordenar em níveis sociais mais altos: cidades grandes e pequenas, vales, regiões, continentes – e, para matéria-prima, o mundo todo. Essa dependência é inevitável, porque nosso planeta é simplesmente populoso demais e essas interações são necessárias. Mas nesse setor um bolo só pode ser chantageado indiretamente, em nível médio. Além disso, há a possibilidade de influenciar diretamente comunidades maiores através de seus delegados (ver *dala*).

A cooperação em certos setores também é razoável do ponto de vista da energia. Certas ferramentas, máquinas e equipamentos simplesmente não podem ser usados num bolo só. Por que cada bolo teria um moinho de cereais, uma betoneira, laboratórios médicos e caminhões? Duplicações assim custariam caro e exigiriam um monte de trabalho desnecessário. O uso comum desses equipamentos por pequenas fábricas, depósitos de material, oficinas especializadas pode ser organizado bilateralmente pelas vilas e outros organismos (ver *tega*, *vudo*, *sumi*). A mesma solução é possível para produção de bens necessários que não são ou não podem ser manufaturados num bolo (porque acontece de não haver um sapateiro-bolo na vila); então ibus de diferentes bolos podem se combinar, de acordo com suas próprias inclinações, em oficinas do



bairro ou da cidade. Se não houver ibus inclinados a fazer esse trabalho, e se ao mesmo tempo aquela comunidade insiste nessa necessidade, a última solução é o trabalho compulsório (*kene*): todo bolo é obrigado a fornecer uma certa quantidade trabalho para cumprir essas tarefas. Esse poderia ser o caso de trabalhos cruciais mas insatisfatórios, como: proteger usinas nucleares desativadas, limpar o sistema de esgotos, fazer manutenção de estradas, derrubar e remover viadutos e estruturas de concreto inúteis, etc. Já que o trabalho compulsório será excepcional e baseado em rodízios, não vai interferir demais com as preferências individuais do ibu.

*pali*



A independência de um bolo é, na verdade, determinada por seu grau de auto-suficiência no suprimento de energia. Agricultura e fabricultura podem ser consideradas duas formas de resolver esse problema.<sup>13</sup> A energia (*pali*) é necessária para a própria agricultura (tratores), para o transporte, para aquecer e congelar, para cozinhar, para aplicações mecânicas e para a produção de energia em si. bolo'bolo não é necessariamente uma civilização de baixa energia, isto é, o baixo consumo de energia não é motivado por esforços ecológicos, mas mera consequência de diversidade cultural, pequenez, prevenção de processos intensivos de trabalho, ausência de controle e de disciplina. Sistemas de alta energia comportam atenção contínua, controle dos controles, confiabilidade, já que o risco de falhas é alto, bolo'bolo vai precisar de muito menos energia, só porque é um estilo de vida diferente – ou melhor, uma variedade de estilos de vida, cada um com uma demanda diferente de energia.

Auto-suficiência local, vida comunitária em bolos, tempo em vez de velocidade, tudo isso reduz o tráfego, o consumo de combustível e todos os tipos de aplicações mecânicas. Uma grande porção de energia é necessária hoje para juntar coisas ou pessoas que foram separadas pelas funções de um sistema centralizado: casa e local de trabalho, produção e consumo, entretenimento e vida cotidiana, trabalho e lazer, cidade e campo. O consumo de energia cresce proporcionalmente ao isolamento de pessoas sós e famílias nucleares. O tamanho e a estrutura dos bolos permitem mais usos com menos consumo de energia, porque meios diferentes vão também complementar e sustentar uns aos outros. Os bolos podem aplicar os diferentes tipos de energia, cada qual da melhor maneira possível. Eletricidade para iluminação, para equipamentos eletrônicos, energia mecânica e alguns meios de transporte (trens, bondes). O suprimento básico de energia pode ser produzido pelo próprio bolo (especialmente para iluminação) por cata-ventos, células solares, pequenos geradores hidráulicos nos

rios, geradores de biogás, etc. Energia solar passiva, coletores, sistemas geotérmicos podem ser usados para aquecimento e água quente. Combustíveis só vão ser consumidos para conseguir altas temperaturas: para cozinhar (biogás, madeira, carvão, gás), para máquinas a vapor (caminhões, barcos, geradores) e para alguns motores a combustão (gasolina, diesel, querosene para ambulâncias, aviões de resgate, carros de bombeiros, veículos de emergência para todos os fins).

Um bolo é também um sistema integrado de energia, onde se pode combinar os recursos internos e externos. Nas regiões frias, a perda de calor dos fornos ou máquinas de oficina pode ser usada para aquecimento, porque em 80% dos casos a casa e o trabalho são no mesmo lugar. Muitos espaços aquecidos também podem ser usados comunalmente (por exemplo, banho, banheiras quentes, salas de visitas, saunas, restaurantes). Lixo e excrementos serão transformados em biogás (metano) em vez de poluir as águas. O tamanho dos bolos (eles são relativamente grandes para este fim) facilita a eficiência do uso e da distribuição de energia, já que as instalações e mesmo os sistemas eletrônicos de controle estão numa relação razoável com o consumo necessário. (O que não é o caso dos prédios isolados ou casas de família: a maioria das novas tecnologias alternativas aplicadas atualmente a casas avulsas é puro luxo.)

Em climas quentes um bolo pode ser mais de 90% independente quanto a energia, e de 50 a 80% em zonas moderadas e frias. Os bolos cooperam entre si e o resto é cuidado por comunidades maiores como cidades e pequenas regiões (*tega* e *vudo*). Num nível mais alto, as regiões autônomas (*sumi*) concluem acordos de importação/exportação de energia (eletricidade, carvão, petróleo). Além disso, haverá uma coordenação mundial para a distribuição de combustíveis fósseis (ver *asa'dala*).

Altos consumos de energia parecem estar ligados a conforto, alto nível de vida, mobilidade – então virão tempos difíceis quando houver uma redução drástica? De jeito nenhum. Muita energia é usada hoje para garantir o dia normal de trabalho da indústria, e não para os prazeres individuais. O ritmo desse dia de trabalho (9 às 5 ou não) determina consumo no pico, necessidade de climatização rápida e padronizada (21 graus centígrados e 55% de umidade). Como o trabalho está no centro de tudo, não há tempo para lidar diretamente com os elementos energéticos de fogo, vento, água e combustíveis. O clima, ritmo diário e sazonal que poderia trazer muita diversidade e prazer, é visto apenas como fonte de confusão, já que perturba o trabalho (neve no inverno, chuva, calor demais no verão, etc.). Então existe uma espécie de falso conforto no controle ambiental que causa um imenso gasto de esforço social, mas não atinge realmente nenhum prazer ou gozo verdadeiro com o calor e o frio.

A relação com a energia vai ser mais ligada a condições naturais. No inverno não haverá uma espécie de primavera artificial em todos os cômodos; talvez a temperatura fique apenas em torno dos 18 graus centígrados em certos ambientes, e só em alguns quartos ou salões é que vai estar mais quente. Os ibus

podem vestir mais agasalhos, viver mais juntinhos, ir para a cama mais cedo de vez em quando, comer mais gorduras – vão viver invernalmente, tal qual fazendeiros gaúchos ou turistas em estações de esqui nas montanhas. O frio em si não é realmente um transtorno: pergunte a um esquimó. Somente sob as condições do dia de trabalho padronizado é que parece impossível. O inverno também significa que há menos trabalho (a agricultura descansa), e mais tempo para lidar com fornos de pães e sistemas de aquecimento, com livros, com os outros, etc.

Alguns ibus ou bolos podem evitar problemas de inverno migrando para zonas temperadas, como certos pássaros. Já que se irão por vários meses, isso pode ser eficiente em termos de energia apesar da viagem. Os bolos também poderiam ter alguns acordos de hibernação entre si, e vice-versa para o verão. Haveria intercâmbios entre bolos escandinavos e espanhóis, canadenses e mexicanos, siberianos e chineses do sul, poloneses e gregos, japoneses e cariocas, etc.

**SUVU**



Além de comida e energia, água é um elemento crucial para a sobrevivência do ibu (se ele assim desejar). Enquanto o suprimento de água ainda é um problema não resolvido em muitas partes do mundo, a água é desperdiçada em outras partes, principalmente na limpeza e na descarga (conduzindo excrementos ou lixo). Não é usada em sua qualidade específica de água (*suvu*), mas para facilitar o transporte via esgoto.

Muito do que hoje em dia se faz lavando, limpando, enxaguando e chuveirando não tem nada a ver com o bem-estar físico ou com o desfrute do elemento *suvu*. O chuveiro de manhã não é tomado pelo prazer de sentir a água corrente, mas pelo propósito de nos acordar e nos desinfetar, aprontando nossos relutantes corpos para o trabalho. Produções em massa causam o risco de infecções em massa, e requerem higiene disciplinada. Faz parte do Trabalhador A manter a força de trabalho para a máquina-trabalho. Lavar, trocar diariamente a roupa de baixo, colarinhos brancos, tudo isso é puro ritual da disciplina do trabalho, servindo de meio de controle para os patrões determinarem a devoção dos subordinados. Não há nem mesmo uma função direta, produtiva ou higiênica, em muitas dessas atividades, é apenas o teatro da dominação. Lavagens muito freqüentes e uso prolongado de sabonetes, xampus e desodorantes podem até ser prejudiciais à saúde – danificam a pele e destroem culturas bacterianas úteis. Essa função disciplinar da limpeza é revelada quando paramos de tomar banho durante as férias, ou mudamos a roupa de baixo com menos freqüência, ou nos lavamos

menos compulsivamente. Sujeira e direito a estar sujo podem mesmo ser uma forma de luxo.

Em muitas partes deste planeta a relação com o sujo (substâncias disfuncionais) é neuroticamente atacada, principalmente por causa da nossa educação ou pela função disciplinar da limpeza. Mas a limpeza não é objetiva e sim culturalmente determinada. Limpeza externa é uma forma de repressão de problemas internos. Mas a sujeira não pode nunca ser removida deste mundo, pode apenas ser transformada ou deslocada. (Isto é particularmente verdade para as formas mais perigosas de sujeira, como resíduos químicos ou radioativos, os quais a síndrome de limpeza convenientemente ignora.) O que é removido de uma casa como sujo aparece depois na água, misturado com detergentes químicos para criar uma espécie ainda mais perigosa de sujeira, talvez um pouco menos visível do que antes. Para tanto são criadas estações de purificação que requerem a produção de enormes quantidades de concreto, aço, etc. – e de mais sujeira ainda, causada pela poluição industrial. O estrago (e o trabalho) que é causado pela limpeza exagerada não está em relação sadia com o (imaginário) ganho em conforto. O trabalho de limpeza não apenas produz sujeira sob forma de águas poluídas, mas também exaustão e frustração nos limpadores. (Na verdade, trabalho exaustivo e enfadonho é a forma mais importante de poluição ambiental – por que um corpo poluído se preocuparia com a preservação da natureza?)

Como as funções disciplinares da limpeza e a maioria dos grandes processos industriais que precisam de água vão desaparecer, os bolos podem reduzir o consumo atual de água para um terço ou menos. Comunidades e processos pequenos são limpos porque todos os seus componentes e influências podem ser cuidadosamente ajustados e todas as substâncias usadas em sua forma específica. Como o bolo é grande o bastante para fazer reciclagens fáceis e eficientes, muito da sujeira ou do lixo pode ser usado como matéria-prima para outros processos. A poluição atmosférica será baixa, a poluição pelo trabalho regular também, e há um interesse direto em evitar trabalhos de limpeza em geral, já que eles deverão ser feitos diretamente por quem os causou.

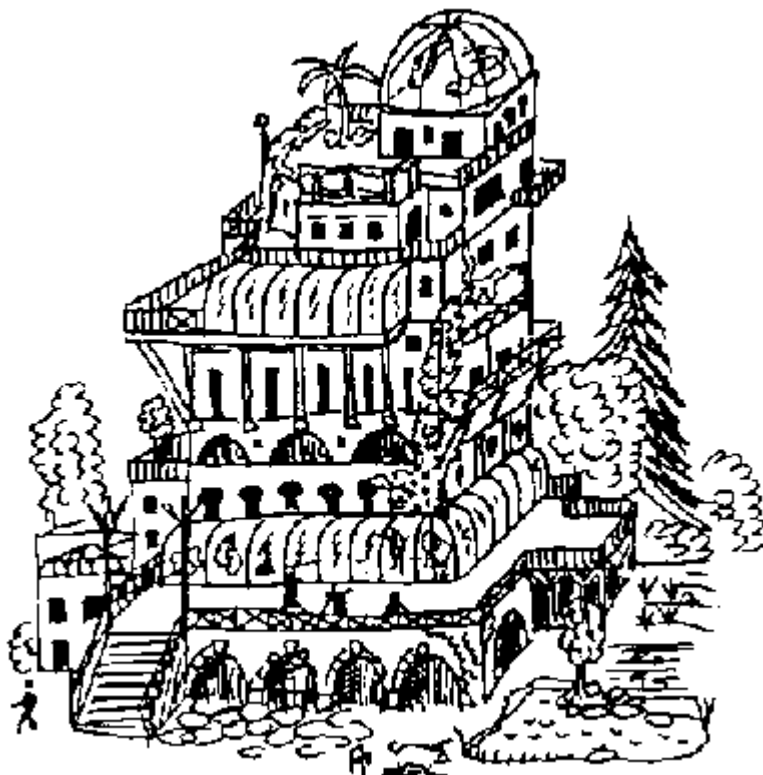
Muitos bolos poderão atingir a auto-suficiência no abastecimento de água coletando água de chuva em tanques ou usando fontes, rios, lagos, etc. Para outros, será mais conveniente organizar o abastecimento na estrutura de cidades, vales, ilhas, etc. Muitos bolos de regiões áridas vão precisar da ajuda de outros bolos (em bases bilaterais ou mundiais) para abrir poços ou construir cisternas. No passado o problema da água foi resolvido em condições extremamente difíceis (desertos, ilhas, etc.). A atual crise mundial de água é sobretudo devida a hiperurbanização, à destruição dos padrões tradicionais de agricultura e à introdução imprópria de novas tecnologias e produtos. O uso e a disponibilidade suficiente de água são ligados ao passado cultural, não apenas a questões técnicas.

*gano*

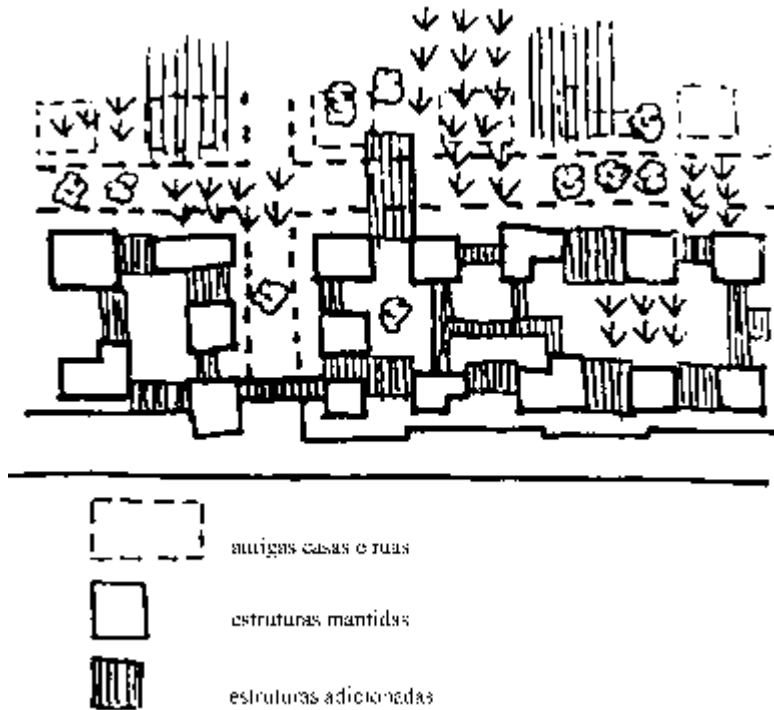


bolo'bolo é uma fórmula para o ibu ganhar mais tempo e também mais espaço (*gano*). Telhados de lojas, garagens, escritórios, depósitos, muitas ruas e quarteirões, edifícios de fábricas, tudo ficará disponível para nova utilização pelos bolos e ibus. Já que não teremos mais propriedades nem leis para construções, todos os tipos de restrições privadas, especulações e sub ou superutilizações desaparecem. Os bolos podem usar seus prédios como quiserem, podem transformar, conectar, pintar, subdividir, tudo conforme sua bagagem cultural (*nima*). Claro que vão surgir problemas, conflitos sobre qual bolo fica com qual prédio e espaço em geral. Esses problemas podem ser discutidos e resolvidos na estruturação de comunidades maiores (bairros, cidades e até regiões), onde cada bolo é representado por seus delegados (ver *tega*, *vudo*, *sumi*). Mesmo havendo graves disputas, ninguém pode reclamar o controle sobre prédios que não esteja ocupando. Ao contrário do sistema atual de propriedade, isso pode evitar a maioria dos abusos.

Os bolos não estarão primariamente interessados em construir novas estruturas, mas em usar as que já existem de novas formas, e em reusar todo o material de construção que foi abundantemente acumulado em muitos lugares. Os bolos vão preferir materiais locais, já que o transporte requer energia e trabalho valiosos. Nesse contexto, métodos esquecidos podem ser muito úteis e deveriam reviver: construções de barro, adobe, folhas de palmeira, madeira, bambu, etc. Os métodos de construção também estão ligados ao sistema de energia de um determinado bolo, por exemplo, para energia solar passiva, zonas de insolação, estufas, aquecimento e refrigeração. O estilo arquitetônico internacional de aço, vidro e concreto consome energia demais e é impróprio para a maioria dos climas. O mesmo vale para casas individuais padronizadas, particularmente aquelas que formam ridículas e perdulárias espreguiçadeiras suburbanas tão carente de função comunitária ou cultural. Novas utilizações dessas casas ou bairros por bolos são problemáticas, mas ainda possíveis através de certas adaptações e modificações. Prédios grandes podem ser parcialmente cobertos por terra para plantar e providos de estufas de vidro para reduzir a perda de energia. Os lados mais frios podem ser fechados durante temporadas de inverno, ou usados como depósitos ou oficinas (aquecer despenderia muita energia). Escadas poderiam ser construídas entre andares de prédios adjacentes para conectar os cômodos a casas maiores (*kana*).



Casas unifamiliares de subúrbio podem ser ligadas por arcadas, prédios intermediários, halls comuns e oficinas, e condensarem-se em bolos. Outras casas vão ser derrubadas para dar espaço a jardins e para fornecer o material de construção necessário ao local:



Como todos os botos podem expressar sua identidade cultural na arquitetura, a atual monotonia de muitos bairros vai desaparecer. As áreas urbanas serão vivas e múltiplas de novo, acima de tudo porque não haverá divisão entre áreas centrais e suburbanas, entre os bairros culturais e os meramente reprodutivos. A qualquer hora, inclusive à noite e aos domingos (alguns botos talvez se agarrem a perversidades tais como semanas, meses, anos), haverá ibus nas ruas, nas esquinas, nos quintais. Com o fim do dia de trabalho regular, desaparecem também os períodos de descanso geral. Não há lojas (exceto pelo mercado do bairro: ver *sadi*) e assim não há hora de fechar ou ruas vazias. Os botos estão sempre abertos.

Os acomodatamentos, a variedade, a necessidade de permanentes adaptações e transformações para mudar as identidades culturais vão dar às cidades uma imagem meio caótica, medieval ou oriental (vamos lembrar dos tempos quando eles eram mais animados). Improvisações, estruturas transitórias de todos os tipos, ampla diversidade de materiais e estilos vão caracterizar a arquitetura. Tendias, cabanas, arcadas, passarelas, pontes, torres, túneis, ruínas, corredores, etc., tudo vai ser muito comum, já que se precisa ter acesso a diferentes partes do boto sem se expor ao tempo. Botos adjacentes podem optar por instituições comuns. Andar vai ser a forma mais freqüente de viajar.

No total vai haver mais espaço para os ibus do que o presente permite. Imensos depósitos e instalações comerciais estarão disponíveis. Todo ibu vai ter lugar para sua oficina, atelier, estúdio, sala de exercícios, biblioteca, laboratório. A distribuição do espaço de viver não pode ser regulada por leis (por exemplo, "todo

ibu tem direito a quarenta metros quadrados"), já que as necessidades são determinadas por cargas culturais. Certos estilos de vida requerem dormitórios, outros requerem celas individuais, quartos coletivos, capelas, redes de dormir, torres, porões, refeitórios, muitas paredes, poucas paredes, tetos altos, arcos cruzados, casas compridas, telhados abruptos, etc.

Embora as causas reais de muitas formas de violência social (brigas, estupros, assaltos) não sejam exclusivamente devidas ao anonimato da vizinhança de hoje, a animação permanente dos espaços públicos e privados pelos ibus locais pode ser uma contribuição eficiente para tornar tais atos impossíveis. Os bolos são também a condição para um tipo de controle social espontâneo, uma espécie de polícia passiva... A desvantagem de um sistema baseado em contatos pessoais consiste em que se é conhecido por praticamente todo mundo, ou imediatamente reconhecido como um estranho. Você não pode arcar facilmente com a ruína da sua reputação... Por outro lado, todo bolo terá seu próprio padrão moral.

*bete*



Rigorosamente falando, é impossível definir os cuidados de saúde, *bete*, como um assunto separado. Doença ou saúde não dependem só de intervenções médicas, mas muito mais de fatores sociais, da qualidade de vida como um todo. bolo'bolo em si mesmo é a contribuição mais importante para a saúde, já que elimina uma série de doenças que são efeitos diretos ou indiretos da sociedade industrial: acidentes de trânsito, stress e doenças induzidas pelo ambiente, muitos riscos e acidentes do trabalho, problemas psicológicos e psicossomáticos. O trabalho e o stress são a causa de muitas doenças, e sua redução é o melhor remédio.

Os próprios bolos vão decidir sobre a definição de saúde e doença (exceto em caso de epidemias). Como beleza, moralidade, verdade, etc., a definição de bem-estar varia com o arquétipo cultural. Se alguns ibus escolherem mutilações rituais ou cicatrizes de beleza, ninguém vai tentar impedi-los. Distinções generalizadas entre normais e loucos serão impossíveis. Os bolos vão decidir também que tipo de remédio eles acham mais apropriado para o contexto de suas próprias vidas.<sup>14</sup>

Todo bolo estará apto a tratar ferimentos simples e doenças comuns. Pode fazer sua própria bolo-clínica e arranjar um time permanente de ibus experientes que atendam aos chamados. Devem existir cômodos especiais para assistência médica, uma farmácia contendo os aproximadamente duzentos remédios mais freqüentes, algumas camas, kits de emergência e meios especiais de transporte.



No final a ajuda médica vai ser melhor e mais rápida do que agora, porque ninguém é deixado sozinho e esquecido.

Num bolo os ibus sadios e os doentes não vivem vidas separados (todos os ibus são mais ou menos doentes e sadios). Pacientes acamados, velinhos, parturientes, pessoas crônica ou mentalmente doentes, inválidos, retardados, aleijados, etc. podem ficar em seu bolo e não precisam ser isolados em instituições. A concentração e o isolamento de pessoas inaptas para o trabalho (essa tem sido a nossa definição operacional de doença) em hospitais, asilos de velhos, hospitais psiquiátricos, reformatórios, etc. são outro aspecto da fragilidade da família nuclear, que racionaliza a distinção entre trabalho e casa. Até as crianças se tornam um problema para ela.

Também é possível que certos bolos transformem uma doença ou um defeito em elemento de sua identidade cultural. A cegueira pode se tornar um estilo de vida num bolo onde tudo é especialmente arrumado para pessoas cegas. Cego-bolos e aleijado-bolos podiam combinar também, ou talvez existiriam surdo-mudo-bolos onde todos se comunicassem através da linguagem de sinais. Talvez surjam louco-bolos, diabético-bolos, epilético-bolos, hemofílico-bolos, etc. Talvez não.

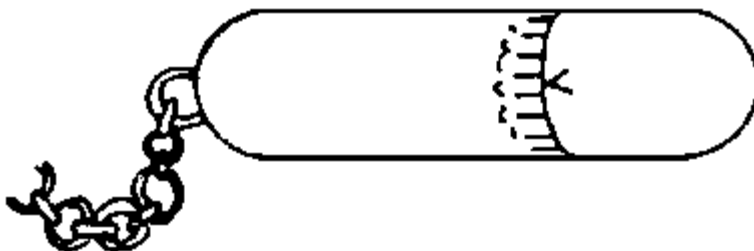
Embora os bolos possam ser auto-suficientes em cuidados básicos de saúde, precisam de instituições mais sofisticadas para casos especiais. Em emergências, acidentes graves, doenças complicadas e prevenção de epidemias haverá um sistema médico graduado com acesso às mais avançadas técnicas médicas. A nível das cidades (*vudo*) ou regiões (*sumi*) os ibus poderão ter tratamentos sofisticados. Os gastos gerais com assistência, entretanto, serão muito mais baixos que os de hoje. Nos raros casos de emergência, ambulâncias, helicópteros e aviões serão mais rápidos que no sistema atual, e não há razão para não usá-los.

Existem boas chances de que os ibus estejam em melhor estado de saúde do que estamos hoje. Mas não haverá uma definição médica oficial de saúde, e a longevidade não será um valor generalizado. (Hoje, a longevidade é simplesmente um valor oficial porque significa habilidade para o trabalho e longo uso pela Máquina do Trabalho.) Existem tribos onde a vida é relativamente curta mas muito interessante noutros aspectos, e outras culturas onde vidas longas são um importante valor cultural. São simplesmente concepções diferentes de vida, cálculos diferentes quanto a aventura e extensão. Alguns estão mais interessados em risco, outros em tranquilidade. Podem existir bolos para todos.

*nugo*



*nugo* é uma cápsula metálica de 4 cm de comprimento e 1,5 cm de diâmetro, garantida por um fecho de combinação giratória cujos sete números são conhecidos somente pelo seu portador:



Essa cápsula metálica contém uma pílula de uma substância que mata instantaneamente. Todo ibu recebe um *nugo* de seu bolo, como é o caso do *taku*. Ele pode carregar o *nugo* junto com as chaves de seu próprio baú numa corrente em volta do pescoço, de forma que fique sempre ao alcance da mão. Caso o ibu seja incapaz de abrir a cápsula e engolir a pílula mortal (devido a paralisia, ferimento, etc.), os outros ibus são obrigados a ajudar (ver *sila*).

Se o ibu enjoar de bolo'bolo, de si mesmo, de *taku*, *sila*, *nima*, *yaka*, *fasi*, etc., sempre pode sentir-se livre para sair do jogo definitivamente e escapar do seu (melhorado, reformado) pesadelo. A vida não devia ser um pretexto para justificar sua responsabilidade para com bolo'bolo, a sociedade, o futuro ou outras ilusões.

O *nugo* lembra ao ibu que bolo'bolo finalmente não faz sentido, que ninguém e nenhuma forma de organização social podem ajudar o ibu em sua solidão e desespero. Se a vida é levada muito a sério, vira um inferno. Todo ibu vem equipado com uma passagem de volta.

*pili*



Se o ibu resolve ficar, vai entrar numa variedade de formas de comunicação e trocas com seus (substitutos) companheiros-ibus. Vai piscar para eles, falar com eles, tocá-los, fazer amor com eles, trabalhar com eles, contar a eles sobre suas experiências e conhecimentos. Todas essas são formas de *pili*, comunicação, educação, troca de informação, expressão de pensamentos, sentimentos, desejos.

O processo de transmissão e desenvolvimento do conhecimento e das identidades culturais é em si mesmo parte da carga cultural (*nima*). Toda cultura é ao mesmo tempo sua própria pedagogia. A função da transmissão cultural foi usurpada por instituições especializadas como escolas, universidades, prisões, etc. Nos bolos não haverá tais instituições; aprender e ensinar vão ser um elemento integrado da vida mesma. Todo mundo vai ser estudante e professor ao mesmo tempo. Como os jovens ibus vão estar em volta dos velhos nas bolo-oficinas, cozinhas, fazendas, bibliotecas, laboratórios, etc., podem aprender diretamente de situações práticas. A transmissão de sabedoria, know-how, teorias, estilos, vai sempre acompanhar todo processo produtivo ou reflexivo. Tudo vai ser perturbado pela aprendizagem.

Com exceção dos termos básicos de bolo'bolo (*asa'pili*), ninguém tem obrigação de ser alfabetizado e de saber regra de três. Os bolos certamente podem ensinar os jovens ibus a ler, escrever e fazer contas se acharem isso necessário à sua cultura. Pode ser que certos bolos desenvolvam habilidades e paixões pedagógicas especiais, de forma que jovens ibus de outros bolos possam ir lá e aprender certas matérias. Ou, se houver consenso bastante num bairro ou cidade (*tega, vudo*), um tipo de sistema escolar pode ser organizado. Mas tudo isso será completamente voluntário e diferente de lugar para lugar. Não haverá padronização dos sistemas escolares nem programas oficiais.

A nível de empreendimentos maiores e mais especializados (hospitais regionais, estradas de ferro, usinas de energia elétrica, pequenas fábricas, laboratórios, centros de computação, etc.), o conhecimento pode ser adquirido no trabalho. Cada engenheiro, médico ou especialista vai ter alguns aprendizes e lidar com eles a nível pessoal. Claro que podem combinar cursos especiais para eles ou mandá-los para outros mestres ou bolos especializados. O conhecimento vai circular livremente e numa base prática, pessoal, voluntária. Não existirão seleções, graus, diplomas e títulos padronizados. (Qualquer pessoa pode se autodenominar doutor ou professor se assim lhe aprover.)

Para facilitar a circulação de conhecimentos e técnicas, vizinhos das comunidades maiores podem organizar centros de intercâmbio cultural, mercados de conhecimento. Nessas academias recíprocas todo mundo poderia oferecer aulas ou cursos e atender aos outros. Antigos prédios escolares ou sótãos poderiam ser usados para essas propostas, adaptados através da adição de arcadas, colunatas, banheiros, bares, etc. Nos prédios haveria teatros, cinemas, cafés, bibliotecas, etc. O programa dessas academias também poderia ser parte do acervo local de informação computadorizada para que cada ibu pudesse descobrir onde encontrar tal ou tal tipo de treinamento ou instrução.

Como os ibus têm um monte de tempo disponível, a científica, mágica, prática e lúdica transmissão de capacidades vai aumentar consideravelmente. A expansão de seus horizontes culturais será provavelmente a atividade principal do ibu, mas sem nenhum caráter formal. O desaparecimento dos sistemas centralizados, de alta energia e alta tecnologia, vai tornar também supérflua a ciência centralizada, burocrática, acadêmica. Mas não há perigo de uma nova idade das trevas. Haverá mais possibilidades de informação e pesquisa; a ciência estará ao alcance de todos, e os tradicionais métodos analíticos serão possíveis, entre outros, sem ter o status privilegiado que têm hoje. Os ibus evitarão cuidadosamente depender de especialistas e usarão processos que eles mesmos controlem.

Como acontece com outras especialidades, existirão certos bolos ou academias (*nima'sadi*) famosos pelo conhecimento que pode obter lá, e que serão visitados por ibus de todo o mundo. Mestres, gurus, feiticeiras, mágicos, sábios, professores de todos os tipos e de grande reputação (*munu*) em suas áreas vão viver cercados de estudantes. As regras mundiais de hospitalidade (*sila*) encorajam esse tipo de turismo científico muito mais do que pode ser feito sob as concessões atuais. A universidade vai virar universal.

A comunicação em si terá um caráter diferente nas condições de bolo'bolo. Hoje ela é funcional e centralizada, raramente voltada para a compreensão mútua, os contatos horizontais, as trocas. Os centros de informação (TV, rádio, editoras, bancos eletrônicos de dados) decidem o que a gente precisa para ajustar o comportamento às funções da Máquina do Trabalho. Como o sistema atual é baseado em especialização, isolamento e centralização, a informação é necessária para prevenir um colapso. As notícias se originam do fato de ninguém ter tempo para se importar com os acontecimentos de sua própria comunidade. Você tem que ouvir o rádio para saber o que está acontecendo na esquina. Quanto menos tempo temos para dar atenção aos fatos, mais precisamos de informações. À medida que perdemos contato com o mundo real passamos a depender da realidade falsa e substituta que é produzida pela comunicação de massa. Ao mesmo tempo perdemos a habilidade de perceber nosso meio ambiente imediato.

Graças a suas intensivas interações internas e trocas recíprocas, bolo'bolo reduz a quantidade de eventos não-experenciados e assim a necessidade de informação. Notícias locais não têm que ser transmitidas por jornais ou sistemas eletrônicos, porque os ibus têm tempo e oportunidades suficientes para fazer isso pessoalmente por via oral. Tagarelar e fazer fofoca nas esquinas, nos mercados, nas oficinas, etc., é tão bom quanto qualquer jornal local. O tipo de notícia vai mudar, de qualquer modo: nada de política, nem de escândalos políticos, nada de guerras, corrupção, atividades estatais ou multinacionais. Já que não existirão acontecimentos centralizados, não haverá mais notícias sobre eles. Poucas coisas vão "acontecer", isto é, o palco das novidades de cada dia se desloca da abstrata máquina de comunicação para a bolo-cozinha.

A primeira vítima dessa nova situação será a grande imprensa. Esse meio não somente permite pouquíssima comunicação recíproca (cartas ao editor são meros álibis), mas causa uma enorme perda de madeira, água e energia. A informação impressa será limitada a boletins de todos os tipos, atas de assembleias de bairro ou da cidade (*dala*) e comunicados. A "liberdade de imprensa" será devolvida aos usuários. Podem surgir muito mais publicações irregulares de todos os tipos de organismos, bolos, coletivos de escritores, indivíduos, etc.

A função e o uso dos livros também vão mudar. A produção em massa de livros será drasticamente reduzida, uma vez que poucas cópias bastam para suprir as bolo-bibliotecas. Mesmo que se imprimissem livros em escalas de cem, o acesso dos ibus aos livros seria melhor. Com as bolo-bibliotecas evita-se um imenso desperdício de madeira, trabalho e tempo. O livro em si será de qualidade melhor e com maior valor de estima. Será mais do que apenas uma fonte de informação descartável, como os jornais quase sempre são. Informações puramente técnicas ou científicas que precisam estar disponíveis instantaneamente em qualquer lugar podem ser estocadas em computadores eletrônicos e impressoras quando for necessário. O livro enquanto objeto voltará a ser uma obra de arte, como na Idade Média. Em certos bolos, estúdios caligráficos, farão cópias iluminadas e manuscritos que, como outras especialidades, poderão ser trocados como presentes ou transados no mercado.

bolo'bolo não será uma civilização eletrônica – computadores são típicos de um sistema centralizado, impessoal. Os bolos podem ser completamente independentes da eletrônica, já que sua autarquia em muitos setores não requer tanta troca de informação. Por outro lado, o material e a tecnologia que já existem poderiam ser úteis aos bolos para certas coisas. Rádio, televisão, centrais e redes de informática são energeticamente eficientes e permitem um contato horizontal melhor entre os usuários do que os outros meios. Redes locais de TV por cabo, estações de rádio, videotecas, etc., podem ser instaladas por organismos locais (ver *tega*, *vudo*) e permanecer sob controle dos usuários.

Quando a eletrônica é usada pelos bolos, pouquíssimo material é suficiente; haverá poucos casos semelhantes aos dos subutilizados computadores domésticos de hoje. Poucas fábricas (uma ou duas por continente) poderiam produzir o equipamento necessário e tratar da reposição de peças. Neste momento já existe um terminal de computador para cada bolo do planeta – não é preciso produzir mais. A rede telefônica também poderia ser completada de modo que cada bolo pudesse ter ao menos uma central. Isso quer dizer que ela poderia ser conectada com processadoras ou bancos de dados regionais ou planetários. Naturalmente, cada bolo teria que decidir, com base em seu passado cultural, se iria precisar ou não desses meios de comunicação.

Como geralmente o transporte físico seria mais lento, menos freqüente e de capacidade menor que o de hoje (ver *fasi*), uma rede eletrônica de comunicação ajudaria bastante. Se você quer contactar um bolo basta telefonar – assim todo ibu pode alcançar virtualmente qualquer outro ibu. Uma rede de comunicação

horizontal seria o complemento ideal para a auto-suficiência. Independência não precisa ser sinônimo de isolamento. Para os bolos há um risco mínimo de depender de tecnologia e de especialistas; eles sempre podem recorrer a suas próprias aptidões e aos contatos pessoais. (Sem bolos e autarquias relativas, a tecnologia da informática é apenas um meio de controle para a máquina central.)

Informações rápidas e extensivas podem trazer um poder adicional aos bolos, isto é, acesso a uma variedade mais ampla de possibilidades. Cada bolo pode pesquisar diferentes programas num banco de dados e assim saber onde conseguir certos produtos, serviços ou técnicas a uma distância razoável e com a quantidade desejada. Assim os presentes, os contratos permanentes de troca, as viagens, etc., tudo poderia ser facilmente arranjado sem a menor necessidade de dinheiro.

*kene*



Nos contatos com outros ibus ou bolos, podem surgir certos acordos quanto a iniciativas conjuntas, não apenas troca de informações mas também a organização do trabalho em comum. A participação de cada bolo seria voluntária, mas é claro que os bolos que preferissem não cooperar não teriam direito a participar automaticamente e se beneficiar do acordo. A organização social é uma armadilha; em bolo'bolo, o preço de ser pego nessa armadilha pode ser *kene*, o trabalho externo compulsório.

Empresas comunitárias como hospitais, suprimento de energia elétrica e de água, tecnologias de ponta, preservação do ambiente, transportes, meios de comunicação, mineração, produção em massa de produtos selecionados, refinarias, siderúrgicas, centrais de tratamento de água, estaleiros, indústria aeronáutica, etc., requerem um certo número de ibus dispostos a trabalhar. É provável que a maioria se apresente voluntariamente, ou seja, eles podem até realizar suas paixões produtivas em empresas assim. Por outro lado, esse setor será drasticamente redimensionado e inteiramente determinado pela vontade das comunidades participantes. (Navios não *têm* que ser construídos; o ritmo e qualidade do trabalho serão definidos por aqueles que o fizerem; não há salários nem patrões; não há pressa nem lucratividade.) A atividade industrial dos bolos, cidades ou regiões (sem nada a ver com a iniciativa privada) será relativamente mansa, inofensiva e de baixa produtividade, e nunca mais tão repulsiva para os ibus envolvidos com ela. De qualquer modo, é razoável organizar algumas fábricas ou instituições centralizadoras em escala maior: uma usina siderúrgica de

tamanho médio, cuidadosamente planejada e ecologicamente equipada polui muito menos do que uma fundição no quintal de cada bolo.

Assim, se um certo número de bolos ou outras comunidades decidissem levar adiante essas empresas médias, e não fosse possível encontrar ibus suficientes com inclinação para tais trabalhos, o que poderia ser feito? Deveria haver um apoio, e este serviço de apoio (*kene*) seria distribuído entre as comunidades participantes e declarado compulsório. Em troca, elas receberiam grátis os bens ou serviços produzidos.

A quantidade de *kene* (trabalho social ou externo) depende da situação. As sociedades mais tradicionais conhecem esse sistema, e em tempo de crise, ou quando o sistema econômico entra em colapso, elas voltam espontaneamente a ele se não forem tolhidas por intervenção estatal ou limite de propriedade. É imaginável que um bolo poderia dar 10% de seu tempo ativo (isto é, 50 ibus por dia durante algumas horas) para mutirões no município. Essa comunidade (*tega*) poderia repassar 10% de seu trabalho para a cidade (*vudo*), e assim por diante até atingir instituições planetárias. Dentro do bolo existiria um sistema de rodízio, ou outros métodos, dependendo dos hábitos e da estrutura. O resto do trabalho seria constituído de tarefas basicamente não-qualificadas e bobas, mas necessárias, embora provavelmente não satisfizessem nenhuma vocação pessoal. Para o ibu, individualmente, nem mesmo o trabalho que ele consente em fazer pode ser compulsório; ele sempre é livre para sair, mudar de bolo ou tentar tirar seu bolo desses acordos. Tudo isso será uma questão de reputação – *munu*. (Quer dizer, trabalhar compulsoriamente poderia arruinar a reputação de alguém.)

*tega*



Com base na comunicação (*pili*) e na atividade comunitária (*kene*), é possível existirem comunidades maiores que os bolos. A forma dessas confederações, coordenações ou outros cachos de bolos será diferente de região para região e de continente para continente. Os bolos também podem existir sozinhos (na selva) ou em grupos de dois ou três. Podem ter acordos maleáveis ou trabalhar estreitamente unidos, como num estado. Podem ocorrer justaposições, acordos temporários, enclaves e exclaves, etc.

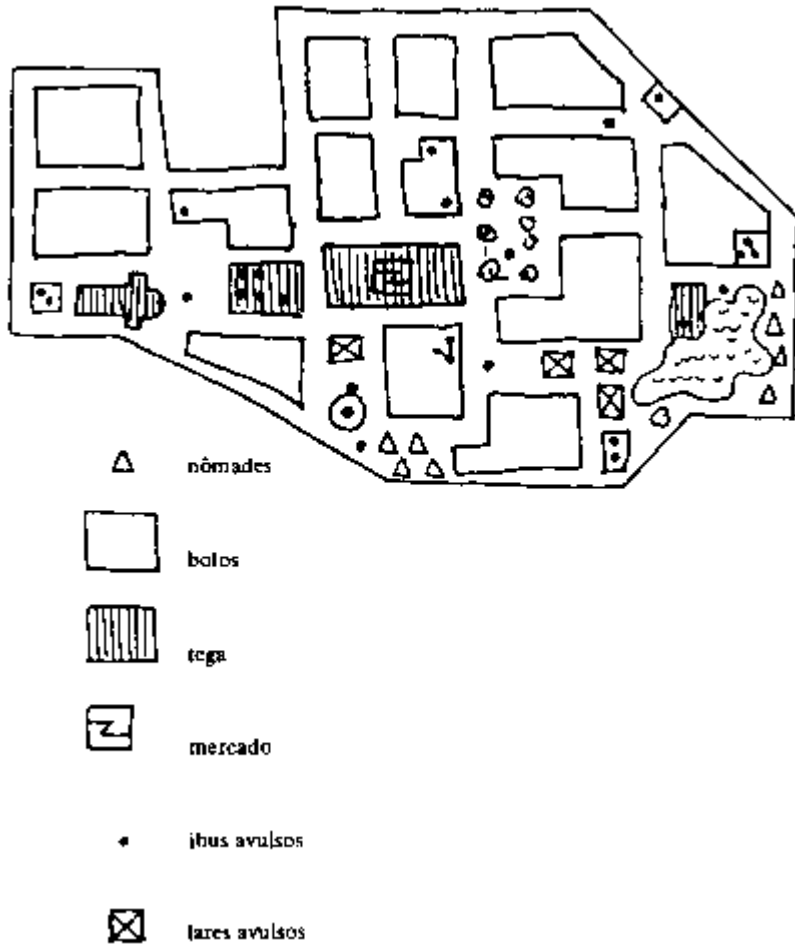
Uma possibilidade básica para dez ou vinte bolos (6.000 a 10.000 ibus) é formar uma *tega* – um vila, aldeia, bairro, um vale, pequena área rural, etc. A *tega* pode ser determinada por conveniência geográfica, organização urbana, fatores históricos e culturais ou simples predileção. Uma *tega* (vamos chamá-la de bairro)

satisfaz certas necessidades de seus membros: ruas, canais, água, usinas de energia, pequenas fábricas e oficinas, transporte público, hospital, florestas e águas, depósitos de material de todos os tipos, construções, bombeiros, regulação de mercado (*sadi*), socorros em geral e reservas para emergências. Mais ou menos, os bolos organizam um tipo de autogestão a nível local. A grande diferença com relação a fórmulas semelhantes nas sociedades atuais (associações de moradores, comitês de quarteirão, soviets, municípios, etc.) é que elas vêm de baixo (não são canais administrativos de regimes centralizadores) e que os próprios bolos, com sua forte independência, limitam o poder e possibilidade de tais "governos".

O bairro também pode assumir (se os bolos quiserem) funções sociais. Pode ter organismos para lidar com conflitos entre bolos, supervisionar duelos (ver *yaka*), encontrar ou dissolver bolos desabitados, organizar bolos (para ibus que não conseguem encontrar um estilo de vida em comum, mas assim mesmo querem viver num bolo...). Na estrutura do bairro, a vida pública deve se dar de forma tal que diferentes estilos de vida possam coexistir e que os conflitos continuem possíveis, mas não excessivamente irritantes. Nos bairros, outras formas de vida além dos bolos podem encontrar seu espaço: eremitas, ninhos de famílias nucleares, nômades, vagabundos, comunidades, avulsos. O bairro terá a tarefa de arranjar a sobrevivência dessas pessoas, ajudando a fazer acordos com bolos quanto a comida, trabalho, atividades sociais, recursos, etc. O bairro organiza tantas instituições comunitárias quantas os bolos participantes quiserem: piscinas, pistas de gelo, miniteatros e óperas, portos, restaurantes, festivais, festas, pistas de corrida, feiras, abatedouros, etc. Poderiam também existir fazendas de bairro baseadas em trabalho comunitário (*kene*). Nisso tudo, os bolos vão tomar cuidado para não perder muito de sua auto-suficiência para o bairro – o primeiro passo para um Estado central é sempre o mais inofensivo e insuspeito...



Planta esquemática de um bairro urbano (tega):



*dala*





Um dos problemas das instituições sociais – mesmo quando elas preenchem as melhores e mais inocentes funções – é que tendem a desenvolver uma dinâmica própria em direção à centralização e à independência de seus próprios constituintes. A sociedade sempre traz o risco do retorno ao Estado, ao poder e à política. A melhor limitação dessas tendências é a auto-suficiência dos bolos. Sem isso, todos os outros métodos democráticos falharão, mesmo o princípio da delegação pelas bases, sistemas de rodízio nos cargos, controles e balanços, publicidade, o direito à informação plena, delegação por sorteio, etc. Nenhum sistema democrático pode ser mais democrático do que a independência material e existencial de seus membros. Não há democracia para pessoas exploradas, chantageadas e economicamente fracas.

Dada a autarquia dos bolos, podem ser feitas algumas propostas para minimizar os riscos de estatização. Dentro dos bolos não podem existir regras, já que sua organização interna é determinada por um estilo de vida e uma identidade cultural. Mas a nível de bairro (e em todos os níveis mais "altos"), os procedimentos seguintes poderiam ser razoáveis (naturalmente, os bolos de cada bairro encontrariam seu próprio sistema).

Os assuntos do bairro são discutidos e providenciados por uma assembléia (*dala*) à qual cada bolo manda dois delegados. Existirão ainda dois delegados externos (*dudis*) de outras assembléias (veja a seguir). Os bolo-delegados são tirados por sorteio, e metade dos delegados deve ser do sexo masculino (de modo que não haja super-representação de mulheres, que são a maioria natural). Todo mundo participa desse sorteio, mesmo as crianças. Claro que ninguém precisaria fiscalizar ou forçar um sistema assim; ele só existiria por acordo entre os bolos.

A assembléia do bairro (*dala*) escolhe dois *dudis* entre seus membros, também por sorteio. Esses delegados externos serão mandados por outro sistema de sorteio para outras assembléias (outros bairros, comarcas, regiões) de outro nível e outra área. Assim, um bairro do Rio de Janeiro mandaria seus observadores à assembléia da região (ver *vudo*) de Brasília, a assembléia de Cacurucaia enviaria olheiros a uma assembléia de bairro em Pelotas, a região Chihuahua, México, despacharia seus *dudis* a uma assembléia de comarca em Nova York, etc. Esses observadores ou delegados teria direito integral de voto e não seriam obrigados à discrição – na verdade, estariam ali justamente para serem indiscretos e interferentes nos assuntos externos.

Tais observadores poderiam destruir a corrupção local e introduzir opiniões e atitudes completamente estranhas – perturbariam as sessões, de modo a evitar que as assembléias desenvolvessem tendências isolacionistas e egoísmos regionais.

Além disso, as assembléias de todos os níveis poderiam ser limitadas pelo tempo (eleição para um ano somente), pelo princípio de reuniões abertas, pelas transmissões via TV, pelo direito de todos serem ouvidos durante as sessões, etc.

Os delegados dos bolos teriam status diferentes e seriam mais ou menos independentes das instruções de seus bolos. Seus mandatos também seriam mais ou menos imperativos – dependendo do tipo de bolo que representassem, se mais liberal ou mais socializado. Seriam responsáveis também pela execução de suas decisões (esta é outra limitação de suas tendências burocráticas) e sua atividade pode ser considerada uma espécie de trabalho compulsório (*kene*).

As dalas de qualquer nível não podem ser comparadas com parlamentos, governos ou mesmo órgãos de autogestão. Elas apenas organizam alguns interstícios sociais e acordos entre os bolos. Sua legitimidade é fraca (por sorteio), sua independência é pouca, suas tarefas limitadas ao local e meramente práticas. Poderiam ser comparadas a senados ou câmara dos lordes, ou seja, encontros de representantes de unidades independentes, um tipo de democracia feudal. Não são nem mesmo confederações. Os bolos sempre podem boicotar suas decisões ou convocar assembléias populares gerais...

**vudo**



Os bolos vão resolver a maior parte de seus problemas sozinhos ou em seus bairros (*tegas*). Mas ao mesmo tempo a maioria dos bolos terá fazendas ou outros recursos além dos limites do bairro. Para acomodar essas coisas, uma coordenação mais ampla poderia ser conveniente em muitos casos. Dez a vinte bairros poderiam organizar certas tarefas numa estrutura de *vudo* (pequena região, cidade, comarca, cantão, vale).

O tamanho de uma comarca assim teria que ser muito flexível, dependendo das condições geográficas e das estruturas existentes. Representaria uma área funcional para aproximadamente duzentos mil ibus, ou quatrocentos bolos. Pouquíssimo transporte iria além de um vudo. A agricultura e as fábricas deveriam ser geograficamente unidas nesse nível, 90% auto-suficientes ou mais. Dentro de uma comarca seria possível a todo ibu viajar para algum lugar e voltar no mesmo

dia (e ainda ter tempo para fazer alguma coisa). Em áreas densamente populadas a superfície poderia ser de 50 x 50 km, assim qualquer ibu daria a volta de bicicleta.

Uma comarca teria o mesmo tipo de tarefas de um bairro, só que numa escala maior: energia, meios de transporte, alta tecnologia, um hospital de emergências, organização de mercados e feiras, fábricas, etc. Um serviço específico das comarcas seria cuidar de florestas, rio, áreas montanhosas, pântanos, desertos – áreas que não pertencem a bolo nenhum, são usadas comunitariamente e precisam ser protegidas contra danos de todos os tipos. Uma comarca teria mais deveres no campo agrícola, especialmente quando lidasse com conflitos entre bolos (quem ganharia qual terra?).

Ela poderia ser organizada em torno de uma assembléia de comarca (*vudo'dala*). Toda assembléia de bairro mandaria dois delegados (um macho, uma fêmea) escolhidos por sorteio (ver *dala*, *dudi*).

Algumas comarcas teriam que ser maiores, para lidar com cidades de vários milhões de habitantes. Essas megalópolis colocam um problema especial, pois seus bolos urbanos (formados com facilidade) terão dificuldade de se tornar auto-suficientes em comida. Muitas serão as abordagens desse problema. Primeiro, as grandes cidades teriam que emagrecer, de modo a formarem unidades de não mais de quinhentas mil pessoas. Em certos casos, e em cidades historicamente interessantes (Nova York, Londres, Roma, Paris, Rio de Janeiro, etc.), isso não poderia ser feito sem estragar sua imagem típica. Aí essas supercomarcas precisariam concluir acordos especiais com comarcas ou regiões periféricas quanto à troca de comida por certos serviços culturais (teatros, galerias, museus, cinemas, etc.) para várias regiões. Por outro lado, os bairros adjacentes a tais cidades poderiam atingir uma plena auto-suficiência, e as áreas emagrecidas garantiriam pelo menos um suprimento parcial de comida para os centros urbanos.<sup>15</sup>

*sumi*



A região autônoma (*sumi*) é a maior unidade prática para bolos e ibus. Uma região assim pode abranger um número indefinido de bolos, bairros e comarcas, talvez vinte ou trinta comarcas, ou vários milhões de pessoas. Em casos especiais podem ser mais, ou mesmo apenas alguns milhares – como no caso de comunidades isoladas em ilhas, em montanhas, no gelo ou no deserto. Existem várias centenas de regiões no planeta; a maioria está dentro dos continentes.

Uma região é principalmente uma unidade geográfica: uma área montanhosa, um trecho entre dois rios largos ou duas cadeias de montanhas, uma grande ilha ou península, uma costa, planície, floresta, arquipélago, etc. É uma unidade, sobretudo no que concerne a transportes e viagens, e deve ter recursos bastantes para ser auto-suficiente. A maioria das trocas e da comunicação entre os bolos acontece nos limites da região. É uma unidade mais prática e cotidiana do que administrativa. Em certos casos corresponde aos atuais estados (EUA) ou repúblicas (URSS), a ducados, províncias, regiões oficiais (Itália, França), Länder (Alemanha), etc. Mas em muitos destes casos, as áreas são puramente administrativas e pouco práticas; algumas foram mesmo criadas para dividir ou anular regiões baseadas em identidades culturais, históricas ou outras.

Na verdade, as regiões não são apenas áreas geográficas (em alguns casos isso poderia ser suficiente), são unidades culturais, como os bolos. Pode haver uma linguagem ou um dialeto em comum, uma história de batalhas conjuntas, derrotas ou vitórias, estilos de vida semelhantes, estilo arquitetônico (relacionado ao clima ou à topografia), religiões, instituições, comidas, etc. Tudo isso e mais alguns acidentes podem formar um tipo de identidade regional. Com base nessa identidade, uma série de lutas aconteceram ao redor do mundo neste século e antes dele: os irlandeses, os índios americanos, bascos, corsos, ibos, palestinos, curdos, armênios, etc. A identidade cultural de uma região inteira poderia ser mais diversificada e menos típica que a de um bolo mas ainda assim nítida o suficiente para fortalecer a comunidade. Naturalmente, a identidade regional nunca pode ser um pretexto para suprimir os bolos e sua identidade. Nenhuma região elimina um bolo, e todo bolo adjacente é livre para escolher sua região. A História demonstra que regiões autônomas às quais não se nega sua própria independência cultural são muito tolerantes quanto a outras culturas também. De fato, a auto-suficiência de seus bolos é a verdadeira força de uma região autônoma. Perdendo bolos ou distritos e ganhando outros, uma região pode se adaptar continuamente a situações novas; não existem limites fixos que sempre causam conflitos e guerras desnecessários. Uma região não é um território, mas uma área viva mudando com a vida. Toda região tem embaixadas em outras regiões na forma de bolos típicos (bolos irlandeses em Nova York, Ceará-bolos em Paris, Sicília-bolos em Burgundy, Panamá-bolos na Andaluzia, etc.).

Essas regiões flexíveis também são uma chance de resolver todos os problemas causados por limites nacionais absurdos: as nações formadas com finalidades de controle e dominação se diluem na massa de regiões flexíveis.<sup>16</sup>

Tarefas práticas específicas das assembleias regionais: proteger usinas nucleares desativadas ou depósitos (campos minados, arames farpados, torre de metralhadores, etc., por várias dezenas de milhares de anos), manter algumas estradas de ferro, linhas de navegação, linhas aéreas, centros de computação, laboratórios, importação e exportação de energia, socorro de emergência, ajuda para bolos e distritos, mediação de conflitos, participação em atividades e instituições continentais e planetárias. Recursos e pessoal para isto podem ser liberados na forma de trabalho comunitário (*kene*) por comarcas, bolos ou bairros.

As assembléias regionais podem ter as formas mais diversas. Uma solução conveniente poderia ser a seguinte: dois delegados de cada comarca, quarenta delegados de vinte bolos escolhidos por sorteio – cerca de sessenta membros. Esse sistema preveniria a discriminação das culturas minoritárias (e também as culturas que não são típicas da região estariam representadas). Ainda haveria dois observadores-delegados (*dudis*) de outra assembléia, e dois delegados de cada região adjacente. Assim, na assembléia regional da cidade do Rio de Janeiro haveria delegados plenamente participantes de Nova Iguaçu, Caxias, Niterói, etc. (e vice-versa). Através dessa representação horizontal, a cooperação e o intercâmbio de informações entre as regiões seriam encorajados, e todas seriam menos dependentes dos níveis superiores. Várias regiões poderiam também formar cooperativas ou alianças, especialmente quanto a transporte e matéria-prima.

Na Europa (num amplo sentido geográfico) poderiam existir umas 100 regiões, nas Américas 150, na África 100, na Ásia 300 e no resto do mundo 100, o que dá umas 750 regiões ao todo.



**asa**



*asa* é o nome da espaçonave Terra. As regiões autônomas podem ser consideradas como os diferentes ambientes dessa espaçonave, e a maioria delas pode estar interessada em comparecer à assembléia planetária, *asa'dala*. Para

isso toda região vai mandar dois delegados (um macho, uma fêmea) às reuniões, que ocorrem alternadamente a cada ano em Quito ou Beirut. A assembléia planetária é o fórum das regiões para contatos, bate-papos, encontros, trocas de presentes e de insultos, conclusão de novos acordos, aprendizado de línguas, festas e festivais, danças, disputas, etc. Uma assembléia planetária assim ou comitês especializados poderiam cuidar de assuntos planetários como o uso do mar, a distribuição de recursos fósseis, a exploração do espaço, telecomunicações, proteção de depósitos perigosos, ferrovias intercontinentais, linhas aéreas, navegação, programas de pesquisa, controle de epidemias, serviços postais, meteorologia, dicionários de uma linguagem planetária auxiliar (*asa'pili*), etc. As reuniões da assembléia seriam transmitidas para o mundo inteiro, para todas as regiões saberem o que seus delegados, ou os outros, falassem em Beirut ou em Quito. (É claro que alguém deve perguntar a essas duas cidades se gostariam de hospedar tal multidão.)

Uma assembléia planetária e seus organismos só pode fazer o que as regiões participantes deixam. Se elas participam ou não, isso depende de seus próprios interesses. Qualquer região pode sair dos organismos planetários e se virar sem seus serviços. A base única do funcionamento de empreendimentos planetários são os interesses e paixões das regiões. Quando os acordos não são possíveis, surgem os problemas. Mas, devido às múltiplas redes de auto-suficiência, a situação nunca ficaria perigosa para uma região dissidente. Desse ponto de vista, fatores como a reputação de uma região, suas ligações históricas, sua identidade cultural e as relações pessoais se tornam tão importantes quanto as deliberações práticas. (Ninguém sabe o que prática quer realmente dizer.)

As instituições planetárias terão pouquíssima influência na vida cotidiana de bolos e regiões. Vão lidar com uma certa quantidade de excedentes que não possam ser manejados pelas comunidades locais ou que não digam respeito a uma única região somente (oceanos, áreas polares, a atmosfera, etc.). Sem uma auto-suficiência regional fortemente estabelecida, uma confederação mundial assim seria uma experiência arriscada, e poderia tornar-se uma nova forma de dominação, uma nova Máquina-do-Trabalho-e-do-Poder.

*buni*



A forma de troca mais freqüente e comum entre os ibus e as comunidades são presentes – *buni*. Coisas ou tempo (para ajuda mútua, serviços) não serão propriamente escassos, e a melhor maneira de lidar com essa abundância é

desperdiçá-la na forma de presentes. Já que os contatos diários serão intensivos, haverá muitas ocasiões para presentear.

Presentes têm muitas vantagens tanto para quem recebe quanto para quem dá. Como quem dá alguma coisa determina sua forma e qualidade, é uma espécie de propaganda cultural pessoal, uma expansão da identidade da pessoa em direção às outras. Um presente fará quem ganha lembrar-se de quem deu, beneficiando assim a presença social, a reputação e a influência do doador. A troca de presentes reduz o trabalho investido no processo de intercâmbio: já que são independentes de seu valor, não há necessidade de fazer cálculos (trabalho-tempo). Você pode dar espontaneamente, não precisa de tempo para barganhas complicadas ou acordos de retorno. A circulação de presentes pode ser comparada às regras de hospitalidade: presentear traz vantagens a longo prazo, muito mais do que os rápidos e impessoais atos de comprar ou vender (porque você se esquece rapidamente da cara da moça do supermercado, então não há vantagem social nessa transação). Num ambiente relativamente restrito, local e personalizado, presentes são a forma ideal de trocar coisas. (Isso poderia ser estendido a todo o processo de comunicação: palavras também são presentes... Mas, claro, algumas pessoas contam as palavras!)

A importância dos presentes vai depender da situação local. Já que eles tendem a ser espontâneos, irregulares, imprevisíveis, os bolos que exigirem segurança e estabilidade devem usar outras formas mais convencionais (veja adiante). Alguns passados culturais são mais compatíveis com flutuações, outros são menos.

*mafa*



*mafa* é um sistema de presentes socialmente organizado. Sua idéia básica é de que um fundo comum de reservas e recursos pode dar aos participantes individuais e às comunidades mais segurança em caso de emergências, catástrofes, recessos. Esse fundo pode ser organizado por bairros, comarcas, etc., para ajudar os bolos em momentos de crise. Um bairro (*tega*) teria depósitos de alimentos básicos (cereais, óleo, feijões, etc.), combustíveis, remédios, peças de reposição, roupas, etc. Qualquer bolo poderia conseguir esses produtos quando precisasse, independentemente de suas próprias contribuições. Fundos comuns são uma espécie de teia que segura os bolos no caso da auto-suficiência falhar.

Esse tipo de reserva comum distribuída de acordo com as necessidades é de fato similar aos sistemas atuais de seguro social, pensões, previdência, etc. Então



a mafa é a face socialista de bolo'bolo. Esses sistemas correm o risco de criar dependência das burocracias centrais e assim enfraquecerem as comunidades. Mas no caso de mafa, a ajuda social mútua seria diretamente organizada pelos interessados; estaria sob controle local e seu tamanho seria determinado por bolos, distritos, etc. Qualquer abuso seria impossível, já que a ajuda é sempre dada de forma material, jamais em dinheiro.

Recursos de fundos comuns serão particularmente importantes nos primeiros tempos de bolo'bolo, enquanto os estragos do passado (nosso presente) estiverem sendo consertados. Em primeiro lugar haverá muitos bolos com problemas, já que mal terão começado a construir sua auto-suficiência. Aí a ajuda material gratuita pode auxiliar a resolver a fase de transição, principalmente no Terceiro Mundo.

*feno*



Muitos bolos vão desejar ou precisar de uma grande variedade de produtos que não podem obter sozinhos. Alguns desses bens (ou serviços) podem mesmo ser necessários regularmente, a longo prazo, e por isso os presentes ou a ajuda de fundos comuns não seria apropriada. Para esse tipo de intercâmbio regular, permanente e recíproco, os bolos concluirão acordos de troca (*feno*).

Acordos de troca complementam a auto-suficiência e reduzem o trabalho, desde que se passa a precisar de menos especialização dentro do bolo e também porque certas unidades de produção em larga escala são mais eficientes e até mesmo menos poluidoras do meio natural. Serão usados para a troca de bens básicos e permanentes necessários, como alimentos, têxteis, consertos, matérias-primas, etc.<sup>17</sup>

O número, importância e tipo desses acordos vão variar conforme a organização interna e o passado cultural de um bolo. Relações pessoais, culturais ou outras vão determinar a escolha de um parceiro muito mais do que as características puramente objetivas (como os termos de troca, qualidade, distância, etc.).

Para dar mais flexibilidade ao sistema de acordos de troca pode-se usar uma rede de computação. Ofertas seriam estocadas em centrais de informação que seriam consultadas por quem estivesse procurando um certo produto. Quantidade, qualidade e adequação de transporte seriam calculados automaticamente. Esses acordos de troca locais ou regionais ajudariam a evitar o superávit ou déficit

temporário de produção. Com a ajuda de programas mais sofisticados, o computador poderia também fazer prognósticos e prever crises de abastecimento – tornaria possível um planejamento. Mas é claro que os bolos ou outras comunidades participantes ainda decidiriam sozinhos a questão de conectar-se ou não a tal sistema, e também se aceitariam ou não as recomendações do computador.

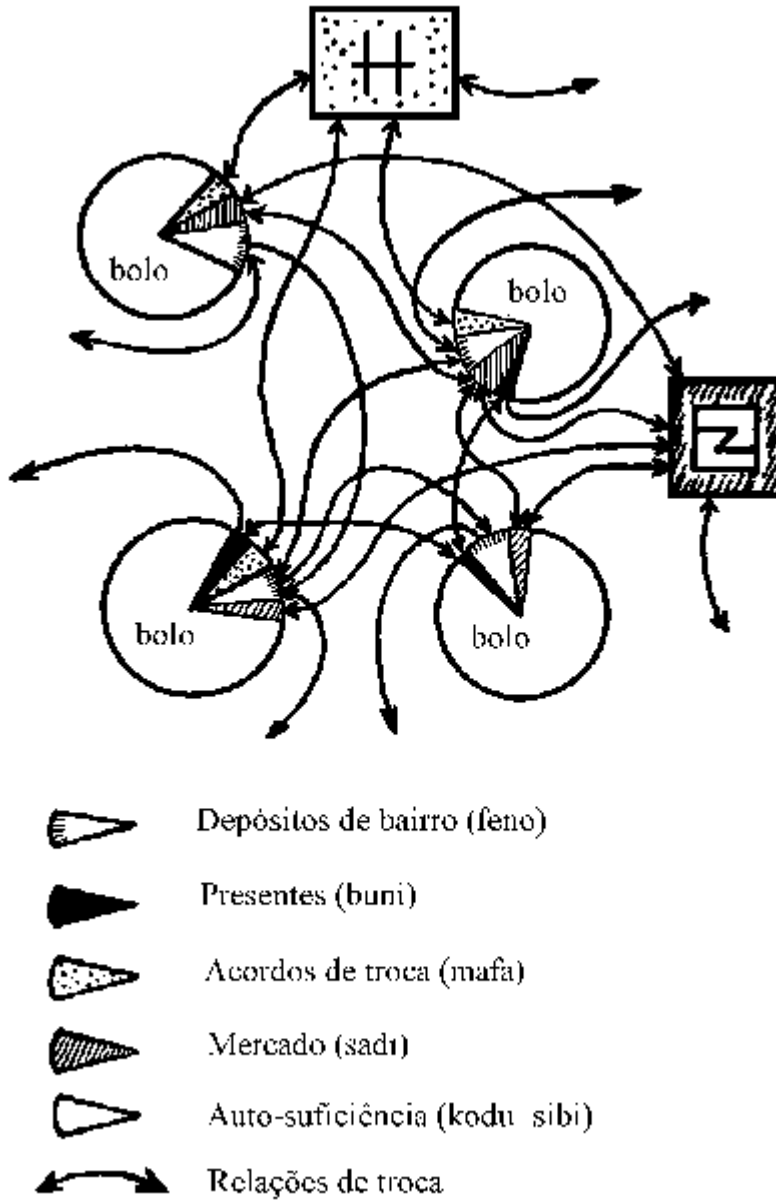
Com o tempo, os acordos de troca vão formar uma trama bem urdida, equilibrada e confiável de intercâmbios que também podem ser continuamente adaptadas às circunstâncias. Para minimizar os gastos de transporte (esta é uma das principais limitações do sistema), trocas freqüentes ou de grandes quantidades serão feitas por bolos entre bolos próximos. Se um bolo tem 500 acordos de troca, 300 podem ser com bolos adjacentes ou do mesmo distrito. Bolos vizinhos também podem ser tão intensamente ligados que formem bi-bolos, tri-bolos ou bolos-em-penca. Quanto mais distante estiver um bolo-parceiro, mais refinados, leves e eventuais serão os bens trocados. Com bolos muito distantes só se vai trocar especialidades locais típicas (por exemplo, caviar de Odessa, chá de Sri Lanka, castanha de caju do Ceará, goiabada de Minas, etc.).

Acordos de troca também podem existir entre bairros, comarcas e mesmo regiões, e também podem existir acordos verticais entre bolos e bairros, etc. Acordos fora do distrito devem ser organizados para evitar transporte paralelo de produtos idênticos.

Do livro de feno do bolo Nova Fenícia, tega de Grumari, vudo Big Marambaia, sumi Rio Geral

bolo	tega	vudo	sumi	fornece a Nova Fenícia	recebe de Nova Fenícia
Casinh a	Grumari	Big Marambaia	Rio Geral	300kg milho	300 massagens de pés
Casinh a	Grumari	Big Marambaia	Rio Geral	reparo bicicletas	de 100kg bananas
Casinh a	Grumari	Big Marambaia	Rio Geral	corte e pintura de cabelos	música para 3 festas
Jamaic a	Cidadeus	Big Marambaia	Rio Geral	500kg de feijão	500kg farinha de trigo
Paulotr an	Paraty	Big Marambaia	Rio Geral	500kg manteiga	de 3 cabritos
Robrei	Urca	Guanabay	Rio Geral	conserto	de 20kg cajus

				encanamentos	
Samba	Madame	Guarujá	Gransampa	40 casacos de algodão	catalogação da biblioteca
Nyingma	Embu	Itapecerica	Gransampa	pinturas e escultura	relógio de sol
Caiçara	Luís XV	Garça Pequena	Baixo Paraná	equipamento para sauna	5 canoas
Parafina	Nova Potala	Campos	Paraíba do Sul	20m de seda	40 l vinho de caju
Multiver	Rio Acima	Caxambu	Sul Minas	de 500kg farinha de mandioca	mosaico para piscina
Jambalaya	Casa do Chapéu	Agulhas Negras	Sul Minas	de 30kg doce de pequi	100kg bananas
Bem-te-vi	Santarém	Brasília	Goiás Médio	grande laje de mármore	50kg cajus
Orellana	Matão	Guarabira	São Chico	carranca para barco	50kg queijo de cabra
Ubu	Mamede	Florêncio Jr	Caruaru	1,5kg cogumelos	25 l vinho de caju
Kanela	Porquinhos	Barra do Croda	Maranhão	75 cantos indígenas	75 partidos altos
Karaokê	Educandos	Manaus	Negro/Solimões	usina solar	10000 ovos de paturi
Pura	Jambilar	Tumkui	Karnataka	10kg ganja	80 l vinho de caju
Peredelkino	Solidarnoszoz	Moscou	Sovietaya	50 l vodka, 5kg caviar	500kg banana seca
Cielito	Roca Blanca	Churubusco	México Verde	50kg chiles	instrumentos musicais
Rosebud	Beverly Hills	Los Angeles	Sunnifornia	vts de musicais antigos	5 cintos prata e turquesa



Presentes, fundos comuns e acordos de trocas, combinados com auto-suficiência, reduzem drasticamente a necessidade de câmbios econômicos, isto é,

de valor calculado. A diversidade das identidades culturais destrói o pedestal da produção de massa, e assim também a sua comercialização. O investimento em tempo-trabalho será difícil de comparar, e a medida exata do valor de troca (através do dinheiro) será praticamente impossível. Mas assim mesmo pode ocorrer que certos ibus (eles ainda têm seu baú particular, o *taku*) ou bolos se interessem nesse tipo de trocas calculadas, para determinados fins. Essa é a função dos mercados locais, *sadi*. Esses mercados complementam as possibilidades de troca, determinando uma pequena parte da base existencial dos bolos.

Sob essas condições a circulação de dinheiro deixa de ser perigosa e não pode desenvolver seus efeitos infecciosos – o dinheiro vai ser um meio muito restrito.

A maioria dos bairros e comarcas (cidades) organiza feiras diárias, semanais ou mensais; as regiões mantêm feiras periódicas. Bairros ou cidades estabelecem locais especiais (antigos galpões de fábricas, grandes lojas, hangares, etc.) para seus mercados, de forma que possam funcionar também no inverno ou quando chove. Em torno dos mercados podem florescer inúmeras atividades sociais como bares, teatros, cafés, bilhares, salas de show, etc. Os mercados, como os bazares, serão pontos de encontro, espaços para a vida social e o entretenimento. Ao mesmo tempo, são pretextos para centros de comunicação.

Os mercados serão organizados e supervisionados por comitês (*sadi'dala*). Esses comitês vão determinar, de acordo com a decisão das respectivas assembléias, quais produtos podem ser trazidos para o mercado e em que condições. Mercados são ideais para produtos não-essenciais, fáceis de transportar, raros, duráveis e altamente sofisticados. Tais produtos terão freqüentemente características únicas, serão construções individuais, especialidades, delicadezas, drogas, joalheria, roupas, programas, etc. Se você precisa de tais itens não pode depender de presentes, e eles também não são próprios para acordos de troca a longo prazo. Se houver um banco de dados, é possível conseguí-los usando o mercado eletrônico.

Como não vão existir cédulas ou moedas internacionais, o mercado local vai ter seu próprio dinheiro não-conversível, ou talvez fichas como as de cassino. Os compradores e vendedores entram num mercado desses sem dinheiro algum e abrem uma conta de crédito no escritório do comitê do mercado (novamente, uma coisa simples de fazer por computação). Aí recebem 100 ou 1.000 cruzados, cruzeiros, shillings, florins, pennies, dólares, ecus, pesos, rublos, etc., que ficam devendo ao banco do mercado. Com esse dinheiro eles podem comprar e vender até o mercado fechar, no fim da tarde. Então eles devolvem as cédulas ou moedas, e um saldo positivo ou negativo é registrado sob seus nomes até o dia seguinte, etc. Essas contas não podem ser transferidas para outros mercados. A acumulação de contas muito grandes (fortunas) poderia ser dificultada pela programação de um dado misterioso no computador que cancelasse de repente todas as contas após períodos de, digamos, seis meses a dois anos. Já que não há aparato policial para punir quebras contratuais, qualquer tipo de negócio seria

muito arriscado. Nada disso bane completamente a circulação do dinheiro, porque os ibus ainda poderiam se refugiar no ouro e na prata. Em distritos isolados, a moeda local poderia circular sem problema algum. A auto-suficiência e as outras formas de troca são o que mantêm o dinheiro dentro de certos limites (como acontecia na Idade Média).<sup>18</sup>

*fasi*



O ibu é um ser nômade ou sedentário? Em sua (imaginária) história ele aparece como cavaleiro das estepes e construtor de catedrais, fazendeiro e cigano, jardineiro e corre-mundo. Os bolos pressupõem um certo grau de sedentarismo (por causa da agricultura), e uma sociedade exclusiva de caçadores e coletores só seria possível depois que a população mundial fosse drasticamente reduzida (a alguns milhões de ibus). Mesmo assim, bolo'bolo devolveria a cada um dos ibus a liberdade de ir e vir livremente pelo planeta inteiro. Não haveria um sedentarismo imposto aos bolos ou bandos nômades, nenhum programa de modernização e industrialização.

Um ibu só se sente confortável quando tem certeza de que pode se mandar a qualquer momento para a Patagônia, o Samarkand, Kamchatka, Zanzibar, Alaska ou Paris. Isso será possível porque todos os bolos estarão aptos a garantir hospitalidade a qualquer viajante (*sila*). Não vai haver perda de tempo (nenhum ibu precisa ter medo de perder dinheiro), então a viagem pode ser bem mais vagarosa. O imenso desperdício de energia atual pode ser reduzido, porque viajar deixará de ser uma questão de chegar mais longe o mais rápido possível. Você não vai precisar de vôos charter para conhecer o Oriente ou a Europa inteira em apenas três semanas. Viajantes não serão turistas estressados.

O sistema bolo'bolo de transportes e viagens vai ser orientado para acabar com o movimento de bens de consumo e de passageiros diários, já que há produção local, e a vida e o trabalho são no mesmo lugar. Trânsito de trabalhadores suburbanos, transporte de massa, turismo, tudo isso vai desaparecer; os melhores meios de locomoção vão ser usados prioritariamente por pessoas que gostam de viajar. Viajar é um prazer em si, e não há substituição possível. Mas um pé de alface dificilmente gosta de viajar do Paraná para Pernambuco.

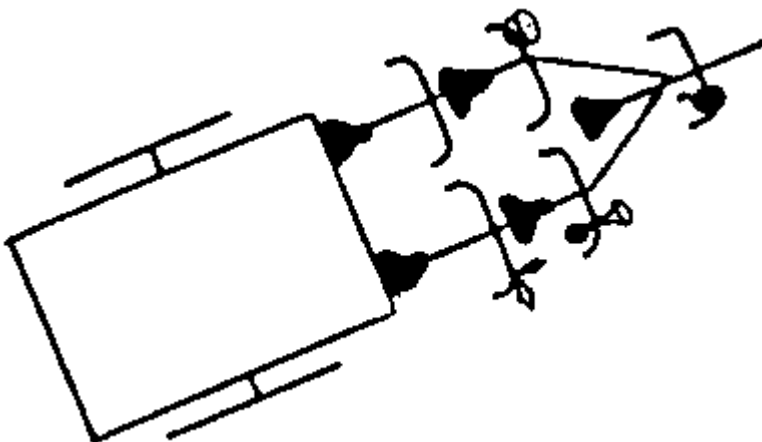
Já que a maior parte das atividades do ibu acontece no bolo ou no bairro, muitos deslocamentos são feitos a pé. Os bairros serão áreas de pedestres com muitas passagens, pontes, arcadas, colunatas, varandas, solários, atalhos, praças e pavilhões. Sem ser incomodado pelos faróis, pelo barulho e pela fumaça de

automóveis, ônibus e caminhões (quase não há tráfego de veículos), o ibu vai andar por aí muito mais à vontade e mais simplesmente do que hoje, e por onde quiser. E acima de tudo, com pouco desgaste.

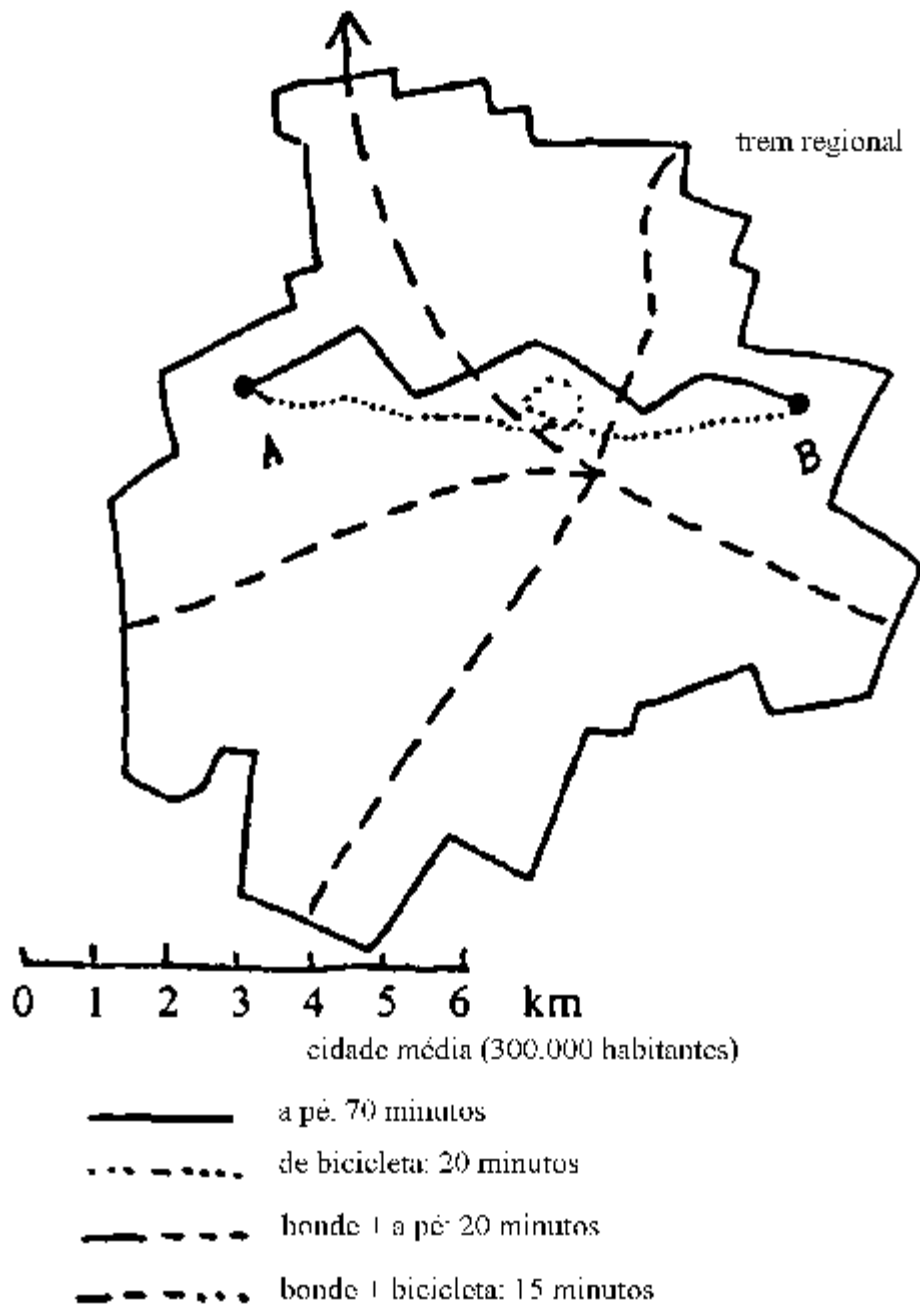
Dentro dos limites da comarca (*vudo*), a bicicleta vai ser o meio de transporte ideal. Pra isso, os distritos ou as cidades podem organizar sistemas de bicicletas circulantes. Combinada com um ibu, uma bicicleta é o meio de transporte mais vantajoso em termos de energia (o combustível já é fornecido ao ibu em forma de comida). E isso já quer dizer um bem bolado sistema de (pequenas) estradas a serem mantidas. Em regiões montanhosas, durante o mau tempo e o inverno, é impraticável. Se houver neve suficiente dá para o ibu circular de esquis.

Nas montanhas e no campo os animais são muito eficientes, particularmente quando seu combustível cresce bem na margem da estrada: cavalos, mulas, jegues, asnos, iaques, pôneis, camelos, cães, bois, elefantes, etc. Também nas cidades os cavalos e as mulas (menos difíceis de alimentar, mas que exigem mais jeito no manejo) podem ser úteis em certas condições. (Especialmente para o transporte entre os prédios da cidade e a base agrícola do bolo, onde já ficariam pastando.) Mas na cidade em si, o ibu (+ bicicleta, + esquis, + skates, + patins, + patinetes, rolimãs, carrinhos, etc.) é o meio ideal de transporte – o automóvel.

A bicicleta também pode ser usada para o transporte de objetos pequenos, particularmente junto com liteiras ou reboques. Um *pentadem* pode transportar cinco pessoas e mais 350 quilos de carga:

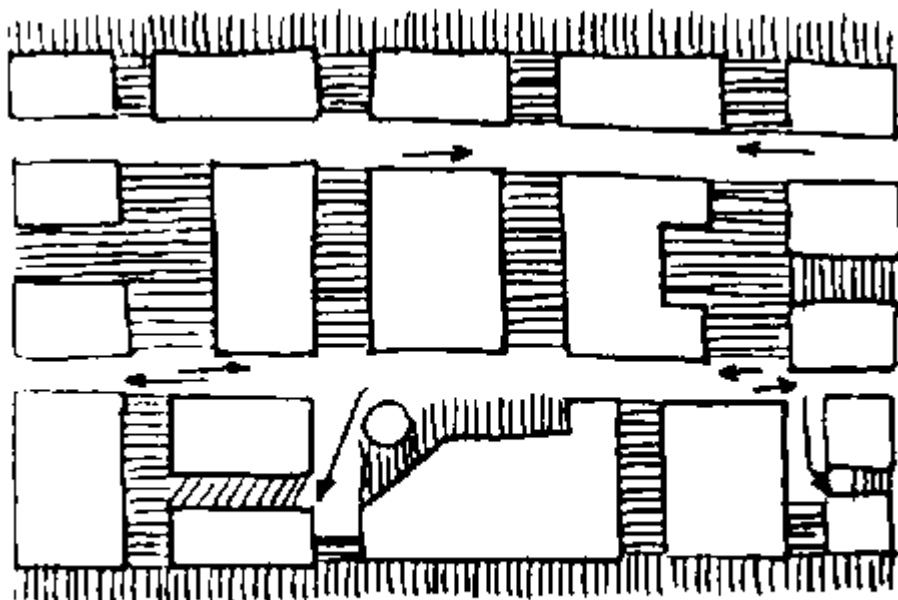



Comparados à bicicleta, mesmo coletivos grandes como os bondes, ônibus elétricos e metrô são relativamente caros, já que precisam de uma sofisticada infra-estrutura (trilhos, cabos, vagões). Mas poderia ainda ser razoável para uma área urbana operar um pequeno circuito, especialmente quando a eletricidade for gerada no local ou na região. Numa cidade de tamanho médio três linhas transversais seriam suficientes, já que você poderia chegar a todos os bolos em quinze minutos, descendo nas paradas e prosseguindo de bicicleta:



O sistema de ruas, cuja manutenção é intensamente trabalhosa (capas de asfalto ou concreto, fixação de paralelepípedos, etc.), pode ser reduzido de forma que só exista uma estrada para todos os bolos ou fazendas. A maioria das vias urbanas será supérflua, e as estradas rurais podem se reduzir a uma ou duas alamedas. O tráfego de veículos restante será pequeno e pouco importante. Ainda haverá alguns caminhões (movidos a biogás, vapor, lenha, gasolina), alguns ônibus, ambulâncias, carros de bombeiros, transportes especiais.



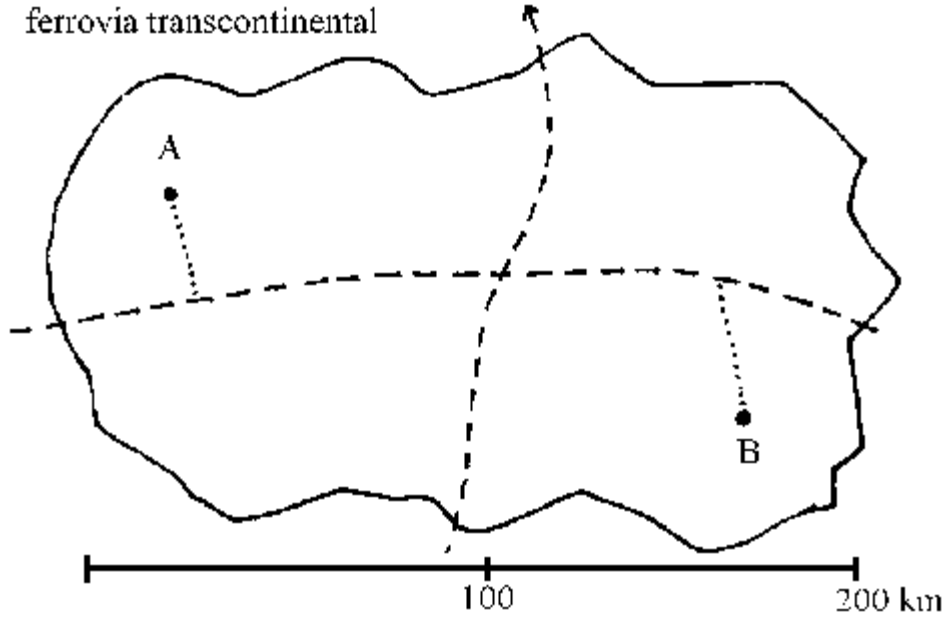


 ruas que não são usadas para tráfego

Algumas rodovias podem virar pistas de corrida para diversão. Uma de 200 quilômetros poderia ser reservada para tal fim. Em ambas as pontas haveria estacionamentos, onde você escolheria um carro-esporte veloz. Sem nenhum limite de velocidade, os motoristas correriam pra lá e pra cá entre os dois extremos. Assim os ibus que adoram dirigir em alta velocidade e que usam o carro como diversão perigosa poderiam continuar fazendo isso. Uma pista assim custaria menos que o tráfego atual de automóveis, apesar das despesas com combustível, ambulâncias, cuidados médicos, manutenção dos carros, etc.

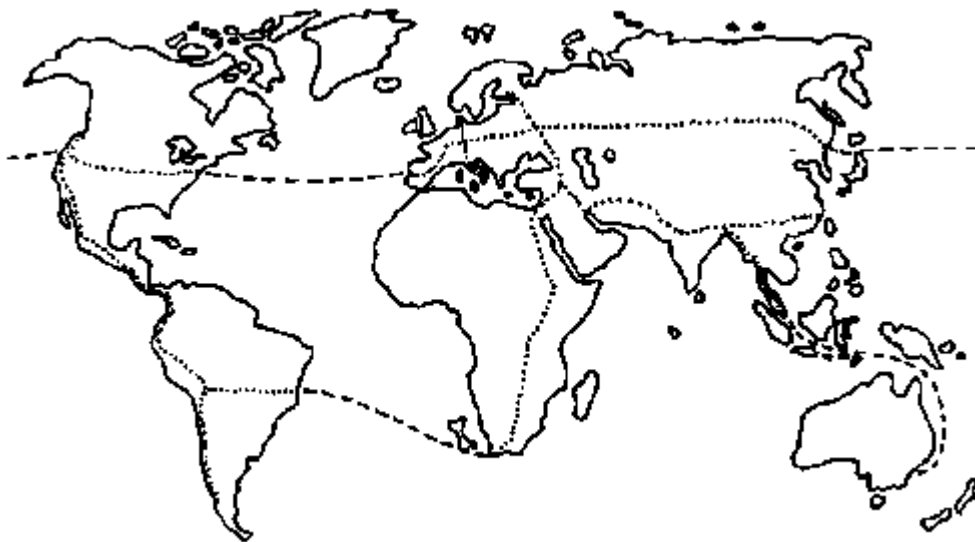
Se quiser, o ibu pode ir de bicicleta do Cairo a Luanda, de Nova York ao México, do Oiapoque ao Chuí. Mas pode também usar os meios de transporte locais e regionais operados pelas comarcas e regiões (*sumi*). Em muitos casos, serão trens lentos (movidos a vapor, eletricidade ou carvão), de horários pouco freqüentes, que param em todas as estações. Também haverá navegação em canais, ao longo das costas. E ônibus. Os tipos de conexão disponíveis vão depender inteiramente das comunidades regionais e das condições geográficas (desertos, montanhas, pântanos). Numa região média, talvez você não encontrasse mais do que duas linhas de transporte público:

ferrovia transcontinental



A – B via trem e bicicleta: 5 horas

Quando um ibu quer viajar para longe, ele vai para a estação mais próxima de uma das ferrovias intercontinentais, que são operadas por uma comissão da assembléia planetária (*asa'dala*) e que formam uma espécie de esqueleto do transporte continental. O sistema ferroviário seria mais ou menos assim:



Essa rede ferroviária transcontinental pode aproveitar as estradas que já existem, com algumas suplementações e adaptações. Para tornar a viagem mais confortável, poderia ser adotada a bitola mais larga das ferrovias russas. Com a estrada transcontinental os viajantes podem ir de leste a oeste e de norte a sul, de Helsinque à Cidade do Cabo, de Lisboa a Vladivostok, de Seattle a Porto Alegre

ou de Porto Velho a Salvador. Onde os trilhos acabam, há linhas oceânicas a vapor (Vladivostok a São Francisco, Lisboa – Santos, etc.). A questão da energia é insignificante para o transporte marítimo: carvão, petróleo, etc. podem ser facilmente transportados pelos próprios navios, e ainda se poderiam usar as velas.

A assembléia planetária e as coalizões regionais também vão operar linhas aéreas de longo curso. Elas são importantes para ilhas distantes, desertos, florestas, regiões polares, etc. Haverá menos necessidade de vôos do que hoje, e afinal a maioria dos vôos é cara demais em termos de combustível e infraestrutura. A redução das viagens aéreas não será realmente uma desvantagem, já que viajar não será mais somente um meio tão-rápido-quanto-possível-de-chegar-lá para virar uma diversão em si. Teremos aviões suficientes para transporte de emergência (ambulâncias, remédios, peças de reposição, funerais, etc.).

Como todos os ibus serão aptos a viajar (não só os ricos, como hoje), estreitas relações pessoais entre bolos distantes vão se desenvolver; novas idéias se espalharão com facilidade; amizades, romances, gestações, projetos, modas e identidades culturais serão os elos de ligação. Apesar da relativa lentidão do tráfego, a troca planetária será mais intensa e generalizada do que hoje. Ibus de continentes diversos vão lidar uns com os outros no mesmo nível; o turismo será invertido: bantus em Berlim, índios quíchuas em Pequim, mongóis em Paris, paraibanos no Pólo Sul, etc. O planeta vai virar um museu antropológico recíproco.

MUSEU

ANTROPOLÓGICO

RECÍPROCO

*yaka*



O ibu tem boa índole, simpática e carente de amor, ou é briguento, fechado, violento? Será que só é agressivo porque o pesadelo do trabalho e da repressão o deixou invejoso, frustrado e irritável? Pode ser que sim. E ainda podem existir também ciúme, orgulho ofendido, destrutividade, antipatia, luxúria e assassinato, megalomania, obstinação, agressividade, explosões de raiva, delírios, Não dá

para deixar de fora essas possibilidades. Por isso a *yaka* é necessária ao bolo'bolo.

A *yaka* torna possíveis as querelas, disputas, lutas e guerras.<sup>19</sup> Tédio, tristes histórias de amor, loucura, misantropia, decepções, conflitos acerca de honra e de estilo de vida e até mesmo o êxtase podem levar a *yakas*. Elas podem acontecer entre:

ibus e bolos

bolos e bolos

tegas e ibus

bolos e vudos

ibus e sumis

vudos e sumis

etc.

Como outras formas de troca (neste caso, de violência física), as *yakas* (lutas) podem ser regulamentadas por certos acordos comuns, de modo a limitar o risco e o perigo. Ajudar os ibus e os bolos a manter o código da *yaka* será uma das tarefas das assembléias de bairro e de comarcas:

um desafio formal deve ocorrer na presença de ao menos duas testemunhas;

um desafio sempre pode ser recusado;

as respectivas assembléias (*yaka*-comitês de bolos, bairros, comarcas, etc.) devem ser convidadas a tentar a reconciliação;

a escolha das armas e da hora do duelo cabe ao desafiado;

o tipo de armadura é parte da arma;

o duelo deve ocorrer na presença de uma delegação dos respectivos comitês;

o respectivo *yaka*-comitê providencia as armas para ambas as partes;

assim que uma das partes se declara vencida, a luta cessa;

armas cujo alcance é maior do que a capacidade de ver o branco do olho do inimigo são proibidas (cerca de 100 jardas);

somente armas mecânicas (o corpo, bastões, maças, espadas, fundas, lanças, flechas, machados, pedras) são permitidas; nada de revólveres, venenos, granadas, fogo, etc.<sup>20</sup>

Os comitês de duelo arrumam as armas e o campo de batalha, organizam árbitros (armados, se preciso), cuidam de transportar e medicar os feridos ou moribundos, protegem os espectadores, animais, plantas, etc.

Se comunidades maiores (bolos, bairros, comarcas, etc.) entram em luta, os respectivos comitês de duelo podem ser obrigados a consideráveis esforços. Os danos causados pelas lutas devem ser reparados pelos desafiantes, mesmo em caso de vitória. Os duelos quase nunca estarão ligados a vantagens materiais para os vencedores, já que são muito caros e as partes são obrigadas a viver juntas depois. Assim, a maioria das motivações para duelos estaria no campo das contradições emocionais, culturais ou pessoais. Eles podem servir para aumentar ou diminuir a reputação de uma pessoa (*munu*). (No caso de prevalecerem as ideologias não-violentas, diminuir.)

É impossível prever quão freqüentes, violentas e extensas serão as yakas. Elas são um fenômeno cultural, uma forma de comunicação e interação. Já que envolvem muitas desvantagens sociais e materiais (feridas, danos, reputações arruinadas), provam que são a exceção. Duelos e lutas não são jogos, e não podem simplesmente significar a representação ou sublimação da agressividade – não podem ser considerados um tipo de terapia; são riscos sérios e reais. É até mesmo possível que certas identidades culturais tenham que morrer sem lutas periódicas ou permanentes. A violência continua, mas não necessariamente a história.

## **Notas:**

<sup>1</sup> O caráter onírico do meu universo (quem conhece outro?) não é somente uma piada filosófica, mas uma das conclusões da moderna física quântica. Não há nenhum mundo aí fora para nos dar uma orientação "real": a realidade é apenas um padrão retórico. Michael Talbot (*Mysticism and the New Physics*, Routledge & Kegan Paul, 1981, p. 135) coloca a coisa assim: "No paradigma da nova física nós sonhamos o mundo. Sonhamos como ele sendo duradouro, misterioso, visível, onipresente no espaço e estável no tempo, mas permitimos tênues e eternos intervalos completamente sem lógica em sua arquitetura para sabermos que ele é falso." Depois de Heisenberg, Schrodinger, Bell, etc., ninguém pode clamar a realidade para si em nome da ciência. Físicos como Fritjof Capra (*O Tao da Física*, Berkeley, 1975) abandonaram o otimismo de Bacon e Descartes e se voltaram para o misticismo oriental. "Realidade" é uma fórmula de bruxaria, assim como "Santíssima Trindade". Os realistas são os últimos adeptos de uma velha religião, charmosa mais ingênua.

<sup>2</sup> Um bolo não é somente uma vizinhança tradicional, nem uma rede de auto-ajuda, nem uma tribo. É verdade que o número de seus habitantes (500) corresponde ao número mínimo de membros da tribo tradicional. Mais ou menos 500 indivíduos formam o menor pool genético possível da espécie humana. Parece que essa unidade social era típica em todos os grupos de coletores/caçadores durante milhões de anos (isto é, bem antes do homo sapiens existir). (Richard E. Leakey and Roger Lewin, *People of the Lake: Mankind and its beginnings*, Avon, 1979, p. 111.) Assim é provável que a gente se sinta confortável em comunidades desse tamanho. E um bolo ainda tem muitas vantagens quanto a agricultura, energia, medicina, identidade cultural, etc.

Para o funcionamento espontâneo de grandes organismos sociais, 500 pessoas parecem ser o limite. Correspondem aos habitantes de bairros antigos em muitos países, a um batalhão de infantaria, à capacidade de um grande salão, ao tamanho médio de uma empresa ou de uma escola, etc. As razões não são puramente genéticas ou tradicionais. O número de 500 pessoas permite um mínimo de variação de idade, sexo, interesses, e uma divisão básica de trabalho. Ao mesmo tempo, a autogestão ainda é possível sem organismos especiais, o anonimato não é necessariamente uma consequência (você ainda pode conhecer pessoalmente todos os membros da comunidade, sem ser obrigado a amizades íntimas). Os grupos etários são grandes o bastante para haver interação social e até a endogamia é possível. Num lugar industrialmente avançado existiriam mais ou menos 200 jovens (1 a 30 anos). 200 pessoas de meia-idade (30 a 60) e 100 mais velhos. As faixas etárias (1 a 9, 10 a 19, etc.) compreenderiam 20 a 40 pessoas (exceto os de mais de 80, evidentemente). No início, em áreas do Terceiro Mundo, esses números seriam diferentes (300 jovens, 150 médios, 50 velhos), mas depois acompanhariam os outros.

É típico da maioria dos teóricos alternativos e utopistas conceber suas comunidades básicas de um ponto de vista administrativo ou puramente técnico/ecológico. Esse também é o caso das teorias sindicalistas ou anarquistas e da maioria das utopias. Thomas More, em 1516, combina 30 casas grandes em unidades de aproximadamente 500 pessoas ("Trinta casas, quinze de cada lado do pavilhão onde cozinham e tomam suas refeições." Utopia, Washington Square Press, 1971, p.59). As comunidades de base dos utopistas do século 19 (Fourier, Saint-Simon, Weitling, Cabet, Owen, etc.) são maiores porque se orientam para a autarquia. Os phalanstères de Fourier são pequenos universos que contêm todas as paixões e ocupações humanas. A maior parte das utopias modernas, na verdade, responde a modelos monoculturais totalitários organizados em torno de trabalho e educação. Ironicamente, alguns elementos utópicos foram usados na concepção de prisões, hospitais e regimes autoritários (fascismo, socialismo, etc.).

Em *A Blueprint for Survival* (The Ecologist, Volume 2, nº 1, 1972, citado por David Dickson em *Alternative Technology*, Fontana, 1974, p.140), as unidades básicas são bairros de aproximadamente 500 pessoas que formam comunidades de 5.000 e regiões de 500.000, que por sua vez são a base para nações. Callebach (*Ecotopia*, Bantam New Age Books, 1975) propõe minicidades de mais ou menos 10.000 pessoas e comunidades de 20 a 30 membros. Num estudo suíço (Binswanger, Geissberger, Ginsburg, *Wege aus der Wohlstandsfalle fischer alternativ*, 1979, p. 233), unidades sociais de mais de 100 pessoas são consideradas "não-transparentes", enquanto os índios Hopi norte-americanos dizem que "um homem não pode ser um homem quando vive numa comunidade com mais de 3.000 pessoas". *Walden Two*, de Skinner (Macmillan, 1948), é populada por 2.000 pessoas, e a maior massa humana de seu sistema tem 200 pessoas. Ver também as comunidades autoconfiantes de Galtung: 10<sup>2</sup>, 10<sup>3</sup>, etc.

A maior parte das utopias é cheia de prescrições gerais em todas as questões básicas (vestuário, carga horária de trabalho, educação, sexualidade, etc.), e postula certos princípios de organização interna. Racionalidade, praticabilidade, harmonia, não-violência, ecologia, eficiência econômica, moralidade, todas são motivações centrais. Mas num bolo definido pela cultura as pessoas vivem juntas e suas motivações não são definidas por um conjunto compulsório de preceitos morais. Cada bolo é diferente. Nem mesmo uma estrutura democrática perfeita pode garantir a expressão e realização dos desejos das pessoas participantes. Essa é também a falha básica de muitas propostas de autogestão (conselhos de quadra, comitês de defesa do bairro, soviets, etc.), especialmente se tais organizações são controladas pelo Estado ou por partidos. Somente a identidade e a diversidade culturais podem garantir um certo grau de independência e "democracia". Isso não é questão de política.

Já que os bolos são relativamente grandes, haverá subdivisões, estruturas e organismos suplementares na maioria deles. Problemas como ter (ou não ter) crianças, educação (ou melhor, nenhuma educação), poligamia, exogamia, relações, etc., tornam-se difíceis de resolver em escala muito ampla. Essas

estruturas serão diferentes em cada bolo (kanas, famílias, casas grandes, bandos, células independentes, dormitórios ou não, totens, etc.).

Por muitas razões, os bolos não são simplesmente tribais – seu tempo passou irremediavelmente. O slogan "Só as tribos sobreviverão" soa lindo e romântico, mas nossa infeliz história mostra que as tribos não sobreviveram na maior parte do mundo, e as que restam tendem a desaparecer. O que conhecemos hoje por tribo é, na maioria dos casos, uma estrutura patriarcal, estropiada, isolada, medrosa e enfraquecida, e já não serve de modelo prático. É verdade que muitas das características de uma tribo ideal podem ser aplicadas ao bolo (identidade cultural + auto-suficiência + tamanho + hospitalidade), mas as tribos reais nos deixaram a confusão em que estamos agora. As tribos (todos nós!) não foram capazes de sustar a emergência da Máquina Planetária do Trabalho. Era uma vez um tempo em que todos fomos bons selvagens, e no entanto cá está o monstro da civilização. Não há razão para supor que as sociedades tribais que sobreviveram teriam feito melhor – elas apenas foram poupadas pelas circunstâncias. Somente agora podemos cuidar de evitar que o erro se repita (todo erro pode acontecer uma vez na história, talvez duas...). A sociedade Era Tribal começa agora.

Organização social sempre significa controle social – mesmo no caso dos flexíveis bolos. Quando o dinheiro desaparece como meio de controle social anônimo, esse controle vai reaparecer na forma de supervisão direta e pessoal, interferente, embaraçosa. De fato, qualquer forma de solidariedade ou ajuda também pode ser considerada uma forma de constrangimento social. Cada bolo terá que lidar com essa inevitável dialética de constrangimento e ajuda à sua maneira. Controle social personalizado é o preço que pagamos pela abolição do dinheiro. Praticamente ninguém poderá se isolar e desaparecer nos interstícios de anonimato como na sociedade de massas atual, exceto nos bolos baseados em anonimato consciente. Sociedade sempre quer dizer polícia, política, repressão, intimidação, oportunismo, hipocrisia. Para muitos de nós a sociedade nunca será suportável, e a "boa sociedade" é nome do nosso pesadelo. Por essa razão bolo'bolo não pode ser um sistema homogêneo para todos – haverá espaço bastante para grupos pequenos, pessoas avulsas, vagabundos, eremitas, etc. Nem todos podem viver em sociedade. (Esse aspecto também está ausente da maior parte das utopias ou ideologias políticas – exceto na velha filosofia liberal. bolo'bolo está mais perto do liberalismo que do socialismo...mas o liberalismo sozinho é tão totalitário quanto o socialismo: a ideologia dos mais fortes.) Tenho medo de bolo'bolo...

<sup>3</sup> A quantidade de terra necessária para alimentar um bolo depende das condições locais e dos métodos utilizados. De acordo com os dados da Food and Agriculture Organization (FAO), 100 metros quadrados por pessoa, ou seja, 12,5 acres por bolo, são suficientes (Yona Friedman, *Alternatives Energetiques*, Editions Dangles, 1982, p. 63). Segundo os dados de John Seymour (*The Complete Book of Self-Sufficiency*, Dorling Kindersley, 1976), precisaríamos de quatro acres para uma família "grande" (10 pessoas?), ou seja, 200 acres para nosso bolo (em clima moderado ou frio). Os números de Seymour parecem mais realistas, mas podem



revelar-se altos por terem sido calculados com base numa fazenda pequena e extremamente diversificada. Mas mesmo com esses dados, a auto-suficiência pode ser alcançada até em condições desfavoráveis, por exemplo num país pequeno como a Suíça, que tem pouca terra arável. (Hoje a Suíça é auto-suficiente em apenas 56% de sua produção de alimentos). Em condições melhores, como as da China, da Coréia do Sul ou de Taiwan, precisa-se de menos terra arável por cabeça (0,32 acres, 0,17 e 0,14 respectivamente). Sob ótimas condições e métodos (é o caso de Taiwan), 74 acres por bolo são suficientes. Considerando que 48 gramas diárias de proteína (animal ou vegetal) e 130 quilos anuais de grãos por pessoa, mais legumes e verduras da época, garantem uma nutrição adequada, todos os países de hoje, exceto a Libéria e o Zaire, são capazes de produzir comida suficiente para seus habitantes. (Frances Moore Lappé, Joseph Collins, *Food First: Beyond the Myth of Scarcity*, Nova York, 1977). Assim, auto-suficiência não é um problema de falta de terras ou superpopulação, mas sim de organização, métodos e controle local dos recursos agrícolas.

<sup>4</sup> A idéia de dinheiro como medida de troca simples e fácil é muito comum entre os teóricos da utopia e da vida alternativa. Alguns deles lamentam apenas excessos como a inflação, o acúmulo de fortunas, o abuso com objetivos capitalistas, e sonham com o restabelecimento do dinheiro como uma medida sólida para o trabalho. É típico que o utopista norte-americano Callembach não pareça estar atento ao fato de que os dólares continuam circulando na sua Ecotopia exatamente como circulavam antes. Não há sentido em propor um sistema de trocas diretas, pessoais e ecológicas e ao mesmo tempo admitir um veículo de circulação anônimo, indireto e centralizado (o dinheiro). Como medida geral de troca, o dinheiro pressupõe produção em massa (só nesse caso é que se pode medir e comparar os produtos), um sistema bancário central, distribuição em massa etc. É exatamente esse anonimato básico e a falta de responsabilidade de todos por tudo que permitem tantos mecanismos de destruição da natureza e das pessoas. Callembach coloca esses mecanismos como um problema moral (respeito à natureza, etc.), então precisa de um (muito simpático, muito democrático, até feminino) Estado Central (A Grande Irmã) para reparar os danos causados pelo sistema através do controle de preços, dos regulamentos, das leis e prisões (naturalmente, estas são só "campos de treinamento"). O que ele permite economicamente tem que proibir politicamente, e abre assim as portas para a moralidade. ("Vocês não devem...") Quanto ao uso limitado de moedas locais, ver *sadi*.

<sup>5</sup> *sila* não é nenhuma novidade, é até um retorno às velhas leis tribais de hospitalidade que vêm funcionando há milhares de anos, há muito mais tempo que o American Express, o Credicard Visa ou o Elo. Na maioria dos países desenvolvidos a hospitalidade está em crise, porque a família nuclear é fraca demais para garantir abrigo a longo prazo. Em suas origens a hospitalidade não era considerada um tipo de filantropia, na verdade nascia mesmo do temor aos estranhos: eles tinham que ser tratados de forma amigável para evitar que o infortúnio se abatesse sobre o clã ou a tribo. Segundo o acordo de *sila*, se o

número de hóspedes ultrapassa certo nível por um período maior de tempo a amabilidade declina e eles são automaticamente reduzidos (a aproximadamente 10%). sila é um processo de trocas auto-regulável e de realimentação constante.

<sup>6</sup> O kana corresponde ao bando de caçadores/coletores que, segundo Leakey, foi a comunidade-padrão da humanidade (mesmo antes do homo sapiens) por milhões de anos (ver nota 2). Considerando que nós (incluindo todo mundo, desde o intelectual-solteiro-Zen-cocaína-neon-metropolitano até o aborígene da Austrália) estivemos perambulando pelos campos em grupos de vinte e cinco durante milhões de anos e que só nos últimos milênios começamos a viver em famílias, vilas, cidades, praticando agri e fabricultura, podemos supor que kana é algo que ainda temos em comum. (Em todo o caso, é mais natural que a família nuclear). Como o bolo, kana é uma forma de sociedade universal, uma base comum através de todas as barreiras culturais.

O kana patriarcal ainda vive em diferentes metamorfoses: salas de aula, pelotões de infantaria, clubes, células partidárias, círculos de amigos íntimos, etc., e assim vai exercendo seu charme paleolítico na sociedade do trabalho. Com bolo e kana vamos buscar muito longe (50.000 anos atrás) a força para esse grande salto. As tradições conscientemente exploradas são a base do futuro poder. (Geralmente as sociedades tradicionais não sabem nem mesmo que têm tradições, e muito menos para que elas servem).

<sup>7</sup> bolos não são primariamente sistemas ecológicos de sobrevivência, pois se você quiser somente sobreviver é provável que não valha a pena. bolos são estruturas apropriadas ao surgimento de todos os tipos de estilo, filosofia, tradições e paixões. bolo'bolo não é um estilo de vida em si, mas apenas um sistema de limites flexíveis (biológicos, técnicos, energéticos, etc.). Para o conhecimento desses limites o material ecológico e alternativo pode ser valioso, mas não deveria jamais servir para determinar o conteúdo dos diferentes estilos de vida. (O fascismo também teve seus elementos bioideológicos...) No âmago de bolo'bolo está nima (identidade cultural), e não a sobrevivência. Por essa mesma razão, o nima não pode ser definido por bolo'bolo, pode somente ser vivido na prática. Nenhuma identidade alternativa em especial (comida natural, roupas de algodão, mitologia da Mãe Terra, etc.) está sendo proposta.

A função decisiva da identidade cultural pode ser bem ilustrada pelo destino dos povos colonizados. Sua miséria atual não começou com a exploração material, mas com a relativamente planejada destruição de suas tradições e religiões pelos missionários cristãos. Muitas dessas nações poderiam estar melhor, mesmo nas condições atuais, só que não sabem mais como nem para quê. A derrocada moral é pior do que a exploração econômica. (É claro que as nações industrializadas foram desmoralizadas da mesma maneira – só que aconteceu há muito mais tempo e já se tornou parte de seus padrões culturais.) Na Samoa ocidental não há fome e quase nenhuma doença, e a intensidade de trabalho é muito baixa. (Isso se deve principalmente ao clima e à relativamente monótona dieta de inhame, frutas e carne de porco.) A Samoa ocidental é um dos 33 países mais pobres do

mundo. Tem uma das taxas de suicídio mais altas do mundo. Na maioria, os que se matam são pessoas jovens. Esses suicídios não se devem à miséria em si (embora não se possa negar que há miséria), mas à quebra moral e à falta de perspectivas. Os missionários cristãos destruíram as velhas religiões, tradições, danças, festivais, etc. As ilhas estão cheias de igrejas e de alcoólatras. O paraíso foi destruído muito antes da chegada de Margaret Mead. A despeito de algumas concepções ordinário-marxistas, cultura é mais importante do que sobrevivência material, e a hierarquia das necessidades básicas não é tão óbvia como parece, e sim etnocêntrica. Comida não são somente calorias, estilos de cozinhar não são apenas luxos, casas não são somente abrigos, roupas são muito mais do que uma proteção para o corpo. Não é de se estranhar que pessoas morrendo de fome lutem por sua religião, sua honra, sua língua e outros "folclores" antes de pedir uma garantia de salário mínimo. É verdade que essas motivações foram manipuladas por facções políticas, mas isso também acontece com as lutas econômicas "razoáveis". O fato é que existem.

De onde viria o nima? Não seria correto procurar identidades culturais exclusivamente em velhas tradições étnicas. O conhecimento e a redescoberta de tais tradições são muito úteis e podem ser inspiradores, mas uma tradição também pode nascer hoje. Por que não inventar novos mitos, linguagens, novas formas de vida comunitária, de moradia, de roupas, etc.? A tradição de um pode tornar-se a utopia de outro. A invenção das identidades culturais foi comercializada e neutralizada em forma de modas, cultos, seitas, ondas e estilos. A proliferação das seitas mostra que muitas pessoas sentem necessidade de ter a vida guiada por um arquétipo ideológico bem definido. O desejo que é desvirtuado nos cultos é aquele de uma unidade entre as idéias e a vida – um novo totalitarismo ("Ora et labora"). Se bolo'bolo for considerado um tipo de totalitarismo pluralista, não será má a definição. Pode-se dizer que nos anos 60 teve início um período de invenção cultural em muitos países, especialmente os industrializados: as tradições orientais, egípcias, folclóricas, mágicas, alquímicas e outras foram revividas. Começou a experiência com estilos de vida utópicos e tradicionais. Após a decepção com as riquezas materiais das sociedades industrializadas, muita gente se voltou para a riqueza cultural.

Já que o nima é o coração do bolo, não pode ser controlado por leis nem regras. Por isso mesmo é impossível haver regulamentos para o trabalho dentro dos bolos. A definição do tempo de trabalho sempre foi a viga-mestra das construções utópicas. Thomas More (1516) garantia seis horas por dia, Weitling três horas por dia, Callembach 20 horas por semana, André Gortz (*Les chemins du Paradis – l'agonie du Capital*, Galilée, 1983) propõe uma vida de vinte mil horas de trabalho. Segundo a pesquisa de Marshall Sahlín, em *Stone Age Economics* (1972), duas ou três horas por dia vencem a corrida. A questão é saber quem deveria fazer cumprir esse horário mínimo de trabalho, e por quê. Tais regras implicam um Estado central ou organismo similar para recompensar ou punir. Já que não há Estado em bolo'bolo, não podem existir regras (mesmo as mais favoráveis) nesse campo. É o contexto cultural de um bolo que define o que é considerado trabalho (=dor) e o que é percebido como lazer (=prazer), ou se essa

distinção faz realmente sentido. Cozinhar pode ser um ritual muito importante num bolo, uma paixão, enquanto em outro é visto como tediosa necessidade. Talvez neste a música seja mais importante, enquanto naquele seria tido como barulho. Ninguém pode saber se um bolo vai usar setenta ou quinze horas semanais de trabalho. Não há estilo de vida obrigatório, nenhuma contabilidade geral de trabalho e lazer; unicamente um fluxo mais ou menos livre de paixões, perversões, aberrações, etc.

<sup>8</sup> Porque não escolher uma língua internacional que já existe, como o inglês ou o espanhol? É impossível, porque essas línguas têm sido os instrumentos do colonialismo cultural e tendem a decompor as tradições e os dialetos locais. A instituição de línguas "nacionais" padronizadas nos séculos 16 e 17 foi um dos primeiros passos da jovem burguesia para dar transparência ao proletariado fabril recém-nascido: você só pode impor regras e leis se elas forem compreendidas. A incompreensão ou fingir-se de bobo foram das primeiras formas de recusa à disciplina industrial. As mesmas línguas "nacionais" se tornaram mais tarde instrumentos de disciplina a nível imperialista. bolo'bolo significa que todo mundo fica bolo de novo...

Mesmo as chamadas línguas internacionais, como o esperanto, são modeladas nas línguas nacionais européias e ligadas às culturas imperialistas.

A única solução é uma língua completamente fortuita, desconectada e artificial, sem ligações culturais. É assim que asa'pili foi sonhada pelo ibu, e nenhuma pesquisa, etimológica ou não, poderá explicar por que um ibu é um ibu, um bolo é um bolo, um taku é um taku, etc.

asa'pili é formada de um grupo de 18 sons (e uma pausa) encontrados nas mais diversas linguagens e pronunciados exatamente como no português. O "l" pode ser pronunciado também como "r". A acentuação é livre.

Os termos de asa'pili podem ser escritos através de sinais; não é necessário um alfabeto. Do mesmo jeito que nesta edição as palavras utilizam caracteres latinos, outros alfabetos (hebraico, árabe, cirílico, grego, etc.) podem ser usados.

A repetição de uma palavra indica o plural orgânico: bolo'bolo = todos os bolos, o sistema de bolos. Graças ao apóstrofo ( ' ), palavras compostas podem ser criadas à vontade. A primeira determina a Segunda (ao contrário do português): asa'pili (linguagem planetária), fasi'ibu (viajante), yalu'gano (restaurante), etc.

Além dessa pequena asa'pili (tem cerca de 30 palavras apenas), pode ser criada outra para intercâmbios científicos, convenções internacionais, etc. Cabe à assembléia planetária definir um dicionário e uma gramática. Esperemos que seja fácil.

<sup>9</sup> A catástrofe atual e permanente da fome planetária é causada pelo fato de que a produção e a distribuição de alimentos não são controladas pelas populações

locais. A fome não decorre de problemas de produção e sim do sistema econômico internacional. Mesmo nas condições atuais existem 3.000 calorias em grãos de cereais por dia para todo mundo, e adicionalmente a mesma quantidade em forma de carne, peixe, feijões, vegetais, leite, etc. O problema é que a grande massa de pobres não tem condições de comprar a comida (depois que suas bases de auto-suficiência foram destruídas).

A monocultura, a indústria agrícola de larga escala e a produção animal mecanizada parecem ser mais eficientes e produtivas, mas a longo prazo levam à erosão do solo e ao desperdício de energia, e usam para a produção de proteína animal muitos alimentos vegetais necessários à nutrição humana. A auto-suficiência local (junto com acordos de troca moderados) é possível em praticamente toda parte, e é também mais segura, já que trata a terra com mais cuidado. É óbvio que isso não significa simplesmente o retorno aos métodos tradicionais (que falharam em muitas regiões). Novas conquistas no campo dos métodos biodinâmicos e uma combinação intensa de muitos fatores (colheitas + animais, animais + produção de metano, plantios alternados, etc.) são completamente indispensáveis para um novo começo.

<sup>10</sup> Esse modelo de três zonas se apoia no trabalho da eco-urbanista alemã Merete Mattern. Uma zona agrícola de 15 quilômetros de largura poderia alimentar uma cidade do tamanho de Munich. Ela propõe a criação de duas zonas florestais (para garantir um microclima favorável) e um sistema intensivo de compostagem. Isso significa que a auto-suficiência agrícola também é possível em áreas densamente povoadas. Mas isso implicaria usar cada metro quadrado, deixando de ter espaços vazios, parques e áreas experimentais. Um sistema mais flexível de três zonas complementadas por fazendas seria mais prático, pois daria para combinar de maneira ótima a distância, a disponibilidade de produtos frescos e o ciclo das colheitas. (Você não vai plantar arroz no quintal ou cultivar salsa fora da cidade...)

<sup>11</sup> Soja, milho, painço e tubérculos podem garantir a ração mínima, mas sozinhos não representam uma alimentação saudável. Têm que ser combinados com carne, vegetais, ovos, gorduras, óleos, queijo, ervas e temperos. A soja contém 33% mais proteína por unidade de superfície do que qualquer outra colheita. Combinada com arroz, milho ou trigo, seu aporte protéico aumenta de 13 a 42%. Ela pode ser usada para produzir uma ampla variedade de alimentos: leite de soja, queijo (tofu), tofu desidratado, okara (fibras), molho de soja (shoyu), massa de soja (misso), farinha de soja, especialidades regionais como tempeh, yuba, nato e um sem-número de outras. Na África, o feijão niebe é quase tão prático quanto o feijão de soja, (Albert Tevoedjre, *La Pauvreté-Richesse des Peuples*, Les Editions Ouvrières, Paris, 1978, p. 85.) Um dos problemas iniciais quanto à auto-suficiência baseada nessas colheitas será reintroduzir o material genético original (sementes) que foi substituído pelos produtos industriais, geralmente instáveis e vulneráveis.

<sup>12</sup> A tecnologia alternativa não tem sentido se for considerada independentemente de estruturas sociais específicas. Uma casa isolada cheia de coletores solares,

moinhos de vento e outros recursos semelhantes é apenas um novo e dispendioso hobby. Tecnologia alternativa sem sociedade alternativa significa a abertura de mais um mercado para grandes indústrias (como já é o caso dos computadores caseiros) e o nascimento de uma nova indústria caseira. bolo'bolo não será high tech, eletrônico, químico e nuclear, porque essas tecnologias não combinam com um sistema fragmentado e irresponsável. Se existirem fábricas, dificilmente terão mais de 500 funcionários. Mas é certamente possível que uma ou duas usinas sobrevivam em cada região ou continente para produzir matéria-prima eletrônica, gasolina, produtos químicos de base, etc.

<sup>13</sup> Agricultura e fabricultura (kodu e sibi) não são mais que dois tipos de energia (pali). O kodu fornece energia concentrada às pessoas, e o sibi energia mais expandida para aplicações secundárias. A possibilidade de realizar bolo'bolo depende das soluções energéticas. Teorias, concepções e tecnologias para produção alternativa de energia foram desenvolvidas profusamente nos últimos quinze ou vinte anos (Lovins, Commoner, Odum, Illich, etc.). A maioria dos teóricos da energia alternativa também insiste no fato de que o suprimento não é um problema meramente técnico, mas relativo ao estilo de vida como um todo. Entretanto, por razões realpolitikas, esses contextos são frequentemente minimizados. É o caso, por exemplo, do estudo de Stobaugh (Stobaugh and Yergin, eds., *Energy Future: Report of the Energy Project at the Harvard Business School*, New York, 1979). Com a ajuda da conservação de energia e do melhor rendimento de máquinas e geradores (co-geradores de calor e eletricidade), os autores prometem uma economia geral de cerca de 40% sem nenhuma mudança no padrão de vida nem nas estruturas econômicas. Visto que as necessidades básicas de energia não são criticadas, diversas medidas técnicas e operacionais são propostas para resolver o problema. Isso acontece também na estratégia de Commoner – biogás junto com energia solar: a proposta é sobretudo técnica (e um pouco política quanto ele se opõe às multinacionais do petróleo) e o sistema energético é concebido independentemente das mudanças sociais. (Commoner queria se eleger presidente em 1980.) Carro individual, indústria grande, casa de família nuclear, etc. não são combatidos. Nos Estados Unidos, 58% de todo o suprimento de energia são usados para aquecer ou refrigerar, 34% para combustão (carros e caminhões) e apenas 8% para aplicações especiais onde a eletricidade é especificamente necessária (Fritjof Capra, *Ponto de Mutação*, 1982). A maior parte da energia é utilizada nos transportes e no duplo ou triplo aquecimento (conseqüência da separação entre os espaços de morar e trabalhar). Nas condições de bolo'bolo seria possível reduzir as necessidades gerais de energia a 30% do gasto atual. (Friedman, citada na nota 3, faz mais ou menos a mesma previsão para a sua civilização de fazendas modernizadas.) A produção de energia reduzida assim pode ser garantida pelas hidroelétricas, pelos coletores solares e geotérmicos, pelo calor de lagos e mares (usando bombas), pelo metano do biogás, hidrogênio das algas, células fotovoltaicas, moinhos de vento, madeira, algum carvão e petróleo. O carvão, embora exista em grande quantidade e tenha sido eficiente durante muitos séculos, tem grandes inconvenientes: o problema do dióxido de carbono (CO<sup>2</sup>), as chuvas ácidas, os riscos na extração das minas, a destruição das paisagens, os custos de transporte, etc. Não vai ser uma "idade do

carvão" ou "idade solar", mas uma rede de circuitos pequenos, diversificados e cuidadosamente ajustados ao local para diminuir o fluxo geral de energia. Mesmo a produção de energia solar em larga escala requer um considerável investimento industrial (metais, sistemas tubulares, coletores, equipamento de armazenagem, instalações elétricas e eletrônicas, etc.) que, por sua vez, só pode ser obtido através de altas despesas energéticas e envolve um controle permanente do trabalho. "Descentralização" não significa necessariamente independência da grande produção industrial – como demonstra o exemplo dos "descentralizados" automóveis em relação às "centralizadas" linhas de trens. Sozinhos, os sistemas de energia alternativa trazem risco de introduzir um novo tipo de indústria caseira descentralizada, como aconteceu no século 19. Mesmo um fluxo de energia alternativa (sem muitos danos ao ambiente) poderia nos forçar a manter vigilância e disciplina permanentes, levando à seleção de controladores e hierarquias. Preservaria a natureza e arruinaria nossos nervos. Não há solução fora de uma absoluta diversificação e redução do fluxo de energia através de novas combinações sociais e estilos de vida.

Seria perverso considerar a redução da demanda de energia como um tipo de renúncia. (Isso é feito por Jeremy Rifkin, *Entropia*, Nova York, 1980.) Usar energia sempre significa consumir trabalho. O alto consumo de energia não reduziu o trabalho, apenas racionalizou o processo e transpôs os esforços para o campo psicossensorial de trabalho. É mínima a fração de energia que substitui os esforços musculares. (E mesmo estes não são desagradáveis em si, mas apenas quando se tornam monótonos e unilaterais. Nos esportes, são tidos como um tipo de prazer.) Com exceção dos transportes, são poucos os prazeres que derivam de um alto gasto de energia não-humana. Por esta razão, os meios de transporte pessoais serão direcionados para propostas prazerosas (ver *fasi*). Muitos ecologistas sofrem imaginando uma civilização sem prazeres energéticos e consideram a redução de energia um tipo de sacrifício (em favor da natureza), uma forma de ascese, punição pelo nosso hedonismo. E isso aconteceria de fato se aceitássemos uma política de restrição energética sem insistir num novo estilo de vida de pouco trabalho e muito prazer. Esses ecologistas se esquecem de que os prazeres mais importantes quase não requerem energia que não seja humana: amar, dançar, cantar, comer, usar drogas, entrar em transe, meditar, deitar na praia, sonhar, conversar, brincar, massagear, nadar, tomar banho de cachoeira, passear... Será que estão fascinados pela cultura da sociedade de consumo, pregando uma era de renúncia de modo a dominar o demônio interior? Realmente, economizar energia se torna um problema moral se as condições sociais não forem modificadas ao mesmo tempo. (Moralidade é tudo aquilo que você está inclinado a fazer, mas não devia.)

O fluxo de energia industrial destrói nossos melhores prazeres porque nos suga o tempo – tempo virou o grande luxo do momento. A energia come o tempo necessário à sua produção, seu uso, seu domínio e controle. Menos energia externa quer dizer mais tempo e energia interna para velhos e novos prazeres, mais namoros durante a tarde, mais sabedoria de viver, mais refinamento e humanidade nos contatos. Os profetas do sacrifício vão se desiludir – não

seremos punidos por nossos "pecados": entraremos no paraíso da baixa energia com as nossas almas (ecologicamente) negras mesmo.

Como o consumo geral para fins mecânicos será muito pequeno, sempre haverá energia suficiente para trabalhos pesados, para a agricultura, para as máquinas. Atualmente a agricultura usa apenas 1 a 3% do suprimento de energia (isto é, a forma atual, mecanizada e industrializada de agricultura). Não vai haver uma idade da escravidão.

<sup>14</sup> Guerra e medicina, violência e doença, morte vinda de fora ou de dentro: estes parecem ser os limites absolutos da nossa existência atual. Temos tanto medo dos "outros" quanto dos nossos próprios corpos. E é por isso que colocamos nossa confiança nas mãos dos respectivos especialistas e cientistas. Já que nos tornamos incapazes de compreender os sinais do corpo (dor, mal-estar, todos os tipos de sintomas), a medicina se tornou a derradeira ciência de legitimidade mais ou menos intacta. Praticamente todos os saltos tecnológicos (com as mais catastróficas implicações) foram justificadas por possíveis usos médicos (energia nuclear, computadores, químicas, aviação, programas espaciais, etc.).

A vida é colocada com um valor absoluto, independente de ideologia e de cultura. Mesmo o mais brutal regime totalitário marca pontos se consegue aumentar a expectativa média de vida. Já que não somos capazes de entender nosso corpo, de lidar com ele apoiados em nossa identidade cultural, ficamos dependentes da ditadura médica, de uma classe de sacerdotes que podem definir virtualmente todos os detalhes da nossa vida. Entre todas as instituições, os hospitais são a mais totalitária, hierárquica, intimidadora. Se a vida (no sentido biomédico) é nosso valor primordial, deveríamos estar construindo imensos complexos médico-hospitalares, instalar equipagem de tratamento intensivo em todos os apartamentos, providenciar bancos de órgãos artificiais, máquinas para prolongar a vida, etc. Esses esforços industriais poderiam drenar inteiramente nosso tempo e nossa energia: seríamos escravos da sobrevivência otimizada. Cultura é também uma forma de lidar com a morte – de construir pirâmides em vez de hospitais (os egípcios não eram exatamente malucos). Cemitérios, mausoléus para os ancestrais, funerais não são mera perda de energia e material: salvam vidas (contra a vida industrializada). Se não somos capazes de aceitar a morte de uma forma ou outra, vamos continuar matando e sendo mortos. (Você não pode ser a favor da vida e contra o holocausto nuclear ao mesmo tempo.)

<sup>15</sup> Em algumas cidades-monstro como Los Angeles, a conversão de carros para bicicletas e a implantação da auto-suficiência em vez da distribuição de massa parece impossível. Mas é menos problemática que a transformação de muitas cidades européias ou brasileiras; ao menos em L.A. a população não é tão densa: há muitas casas, grandes quintais, um monte de ruas (que podem ser usadas para outros fins). Em Los Angeles já existem planos de condensar os bairros, estabelecer centros de suprimento, usar espaços para agricultura, etc. A desurbanização não é um processo que precise ser forçado – já está acontecendo



em muitos países industrializados, e só é contido pela estrutura atual de casa e trabalho distantes um do outro.

O problema é mais difícil de resolver em aglomerações urbanas do Terceiro Mundo como a cidade do México, Lagos, Rio de Janeiro, Bombaim, etc. Elas têm favelas e cortiços densamente povoados, as cidadezinhas do interior são incapazes, no momento, de receber tantas pessoas de volta. A desurbanização dessas regiões deve começar com a modernização do interior para que ele se torne atrativo do ponto de vista cultural, e ao mesmo tempo capaz de alimentar os habitantes. Soluções centralizadas, forçadas pelo Estado, podem resultar facilmente em catástrofes, como no caso de Kampuchea. Uma das condições para a modernização do interior é a melhoria dos sistemas de comunicação. Por outro lado, muito da tecnologia das favelas pode servir de base para a auto-suficiência, especialmente quanto a reciclar e reusar materiais desperdiçados (ver Friedman, nota 3).

<sup>16</sup> Nestes tempos de crescente nacionalismo, parece quase suicida falar na abolição de nações. Como nos foi dito pelos teóricos marxistas da libertação que o nacionalismo é um passo necessário na batalha da independência contra o imperialismo, essa proposta parece encaminhar uma nova estratégia imperialista. Isso seria realmente verdade se somente as nações pequenas abrissem mão de sua existência enquanto as supernações imperialistas continuassem a exercer seu poder. A abolição das nações significa em primeiro lugar a subversão e o desmantelamento dos Estados Unidos e da União Soviética, a anulação dos dois blocos; sem isso, tudo o mais seria pura arte pela arte. Existem tendências centrífugas nas duas superpotências, e essa decomposição precisaria ser conseguida de qualquer jeito. O elemento principal do antinacionalismo não é uma espécie de pálido internacionalismo, mas o fortalecimento da regionalidade e das identidades culturais. Isso também é válido para pequenas nações: quanto mais reprimirem suas minorias culturais em nome da "unidade nacional", mais fracas ficarão e mais centralizados serão os superpoderes. (Precisamos considerar também que deve haver esperança para as minorias oprimidas nas supernações.)

Muitos erros foram cometidos quanto à chamada questão das nações. Os socialistas acreditavam na superação do nacionalismo através do desenvolvimento de uma moderna civilização industrial internacional e consideravam a autonomia cultural como um pretexto para a regressão. Confrontadas com essa "utopia" socialista, a maioria das classes trabalhadoras preferiu um nacionalismo reacionário. Fascistas, partidos burgueses, regimes nacionalistas e outros exploraram o medo que as classes trabalhadoras tinham de um regime socialista mundial que as privasse até de seus pequenos núcleos de tradição étnica. As classes trabalhadoras também compreenderam que o "modernismo" socialista era apenas um nome para uma nova e aperfeiçoada Máquina Planetária do Trabalho.

O problema não é o nacionalismo, mas o estatismo. Não há nada errado em se falar a própria língua, insistir nas tradições, história, culinária, etc. Mas assim que

essas coisas se ligam a um organismo estatal centralizado, hierarquizado, armado, tornam-se motivações perigosas para o chauvinismo, o desprezo pela diversidade, os preconceitos – são elementos da guerra psicológica. Dar ao Estado a tarefa de proteger nossa própria identidade cultural nunca foi um bom negócio: os custos são altos e as mesmas tradições culturais são pervertidas pela sua influência. As culturas étnicas quase sempre foram capazes de conviver em paz enquanto mantiveram os Estados à distância. Comunidades árabes e judias viveram lado a lado sem maiores problemas na Palestina, no Marais (Paris), no Brooklyn (Nova York) e na Rua da Alfândega (Rio de Janeiro), sem jamais tentarem um organização separatista. Claro que não é errado os judeus quererem realizar a idéia de seu próprio Estado; suas comunidades na Alemanha, Polônia, Rússia, etc. foram atacadas por Estados, e eles não tinham escolha senão organizar-se da mesma maneira. O estatismo é como uma doença infecciosa. Após o estabelecimento do Estado de Israel, os palestinos ficaram com o mesmo problema que os judeus tinham na Alemanha. Não é culpa de ninguém – mas o problema permanece. Não adianta perguntar quem começou com isso, nem um Estado judeu ou palestino pode resolver a questão, e não há instrumentos realpolitikos à vista. Algumas regiões autônomas (sumi) incluindo comarcas ou bolos de judeus, árabes, drusos e outros resolveriam o problema, mas só se acontecesse o mesmo no mundo inteiro. Os conflitos do Oriente Próximo podem ocorrer em qualquer lugar a qualquer momento: Beirut é apenas um ensaio preparatório para Nova York, Rio, Paris, Moscou...

<sup>17</sup> feno é um sistema de troca sem circulação de dinheiro. Isso não o livra, necessariamente, de se sujeitar à lógica econômica. Do mesmo modo que os interessados na troca levam em conta a quantidade de trabalho contida nos produtos, feno é completamente econômico e poderia até mesmo ser mais eficiente usando novamente o dinheiro. É por isso que existem nos Estados Unidos (sob o impacto das recessões) firmas de troca computadorizadas fazendo negócios de milhões de dólares (em 1982, quase 20 milhões) sem mexer num só centavo. Além de burlar o fisco, esses sistemas têm muitas vantagens, mas ficam restritos ao campo econômico. Outra maneira de trocar é praticada por algumas pessoas numa pequena região em torno de Santa Rosa, norte de San Francisco: as pessoas trabalham umas para as outras, recebem um cheque pelo tempo trabalhado e podem fazer até 100 horas de "dívidas". Um escritório coordena esses serviços mútuos. Sistemas cooperativados assim são conhecidos desde a Depressão dos anos 30. Embora o dinheiro não circule, a troca permanece totalmente econômica, já que não há mesmo diferença entre escrever num pedaço de papel "um cruzado" ou "uma hora". O sistema de trocas pode reduzir o anonimato e evitar certos excessos da economia monetária, mas não significa sua abolição. O que pode impedir esse sistema de tornar-se um elemento econômico importante é a combinação com valores culturais e o alto grau de auto-suficiência. Em bolo'bolo as trocas vão acontecer sobretudo quando dois bolos tiverem algo em comum a nível cultural: relações, religiões, música, comida, ideologias. Os judeus, por exemplo, compram sua comida somente em lojas judaicas não porque seja melhor ou mais barata, mas porque é kosher. Muitos produtos são determinados culturalmente pela maneira como foram produzidos, e só podem ser

úteis a pessoas que tenham as mesmas preferências culturais. Em bolo'bolo, como não há quase produção de massa, também não há produção nem propaganda de massa. As trocas serão não-econômicas, pessoais, e a comparação do tempo de trabalho investido nos produtos é secundária. Como hoje não existem essas condições, também não existem verdadeiros fenos. A medida de tempo de trabalho necessário será quase impossível, já que o trabalho assalariado terá sido abolido e não haverá nenhuma outra forma adequada de calcular o valor econômico da mão-de-obra. (Como determinar a quantidade de trabalho necessária a um dado processo de produção se ele acontece cada vez de uma forma diferente? Só a grande indústria dá essa medida.) A noção de valor estará sempre presente de alguma forma nas trocas sociais, mas em certas circunstâncias pode se tornar instável, inexata e desimportante.

<sup>18</sup> Em algumas utopias ou concepções alternativas encontramos sistemas monetários ilusórios que supostamente resolveriam o problema dos abusos monetários através de diferentes formas de dinheiro. A chamada moeda-trabalho (tempo de trabalho em vez de cruzados, dólares, francos, etc.) é apenas dinheiro puro (como Marx demonstrou no caso do sistema de Owen). A proibição do lucro, ou a desvalorização automática (conforme proposta do suíço Silvio Gesell), ou a impossibilidade de possuir terras, todas pressupõem um Estado central poderoso para punir, controlar, coordenar, ou seja: a continuidade do anonimato social e da irresponsabilidade básica. O problema não é o dinheiro (ou ouro, ou prata), mas a necessidade ou o desejo de troca econômica num determinado contexto social (ver nota 17). Se a troca é desejável, haverá dinheiro (ou contas eletrônicas, ou vales, ou simplesmente memória). Como a troca econômica é minimizada em bolo'bolo, dinheiro não tem um papel importante. (Não precisará ser proibido; e, de qualquer modo, quem faria isso?)

<sup>19</sup> Desde que o ibu surgiu, ficamos livres do "homem", e, infelizmente, nos livramos ao mesmo tempo de perguntas assim: O homem é violento ou não-violento? É bom ou mau por natureza? (Nos livramos também da "natureza".) Todas essas definições sobre o estranho ser chamado homem – particularmente as humanistas, positivas – sempre tiveram conseqüências catastróficas. Se o homem é bom, o que devemos fazer com aqueles que (excepcionalmente, é claro) são maus? A solução histórica tem sido colocá-los em campos fechados e "reeducá-los". Em caso de não dar certo – afinal, eles tiveram uma chance – o jeito era internar em hospitais psiquiátricos, atirar neles, pôr na câmara de gás ou queimá-los. Thomas More conhecia o homem, mas queria punir o adultério com a pena de morte em sua humanística utopia. Nós preferimos não conhecer. Assim o ibu pode ser violento, pode até sentir prazer em atacar direta e pessoalmente outros ibus. Não existem ibus normais.

É pura demagogia querer explicar o fenômeno das guerras modernas pela existência da violência interpessoal. Nada é mais pacífico, não-violento e delicado que o interior de um exército: os soldados se ajudam uns aos outros, dividem comida, se apoiam emocionalmente, são "bons camaradas". Toda a violência deles é manipulada, focada num inimigo. Mesmo nesse caso, os sentimentos não

são importantes. A guerra se tornou um processo burocrático, industrializado e anônimo de desinfecção em massa. A raiva e a agressividade só serviriam para atrapalhar as modernas técnicas de guerra, poderiam até impedir que ela acontecesse. A guerra não se baseia na lógica da violência, do sentimento, mas na lógica do estatismo, da economia, da organização hierárquica. Sua forma pode ser comparada à medicina: a forma não-emocional de lidar com corpos em disfunção. (Compare a terminologia em comum: operações, intervenções, desinfecções, manobras. E o paralelismo nas hierarquias.)

Mas, se guerra significa violência direta, apaixonada e coletiva, yaka é a forma de torná-la possível novamente. Possível, porque não seria necessária e assim nunca assumiria proporções catastróficas. Talvez por motivos similares Callebach introduz um tipo de ritual guerreiro neolítico estilizado em sua Ecotopia (p. 91). Mas isso acontece fora do cotidiano e é uma espécie de experiência oficial. Guerras reais, como é possível com a yaka, não são compatíveis com a Ecotopia; de que têm medo? E é claro que as mulheres são excluídas desses jogos de guerra, porque não são violentas por natureza. Mais um mito tipicamente machista...

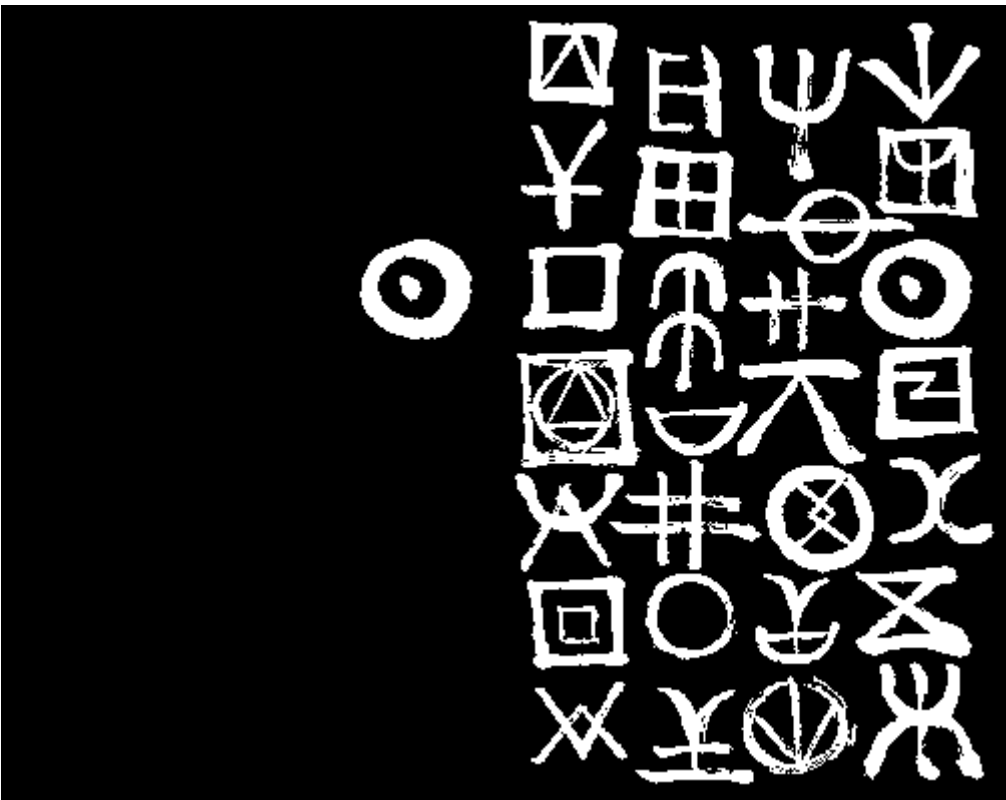
<sup>20</sup> Mas como fazer com que essas regras de guerra sejam respeitadas? Será que a violência não vai simplesmente superar todas as inibições e regras? Esse medo é típico de uma civilização que banuiu a violência direta durante séculos para preservar a burocratizada violência estatal. Como a violência será experimentada no dia-a-dia, as pessoas aprenderão a lidar com ela de maneira racional. (O mesmo vale para sexualidade, fome, música, etc.) A racionalidade é ligada à redundância: eventos que ocorrem raramente levam a reações catastróficas. As regras de guerra funcionavam bem no tempo dos antigos gregos e romanos, na Idade Média, entre os índios norte-americanos e em muitas outras civilizações. Somente em casos de comunicação insuficiente poderiam ocorrer catástrofes como César, Gengis Khan, Cortez, etc. bolo'bolo excluirá tais acidentes históricos: teremos comunicação universal (telefone, redes de computadores, etc.) e as regras serão conhecidas.

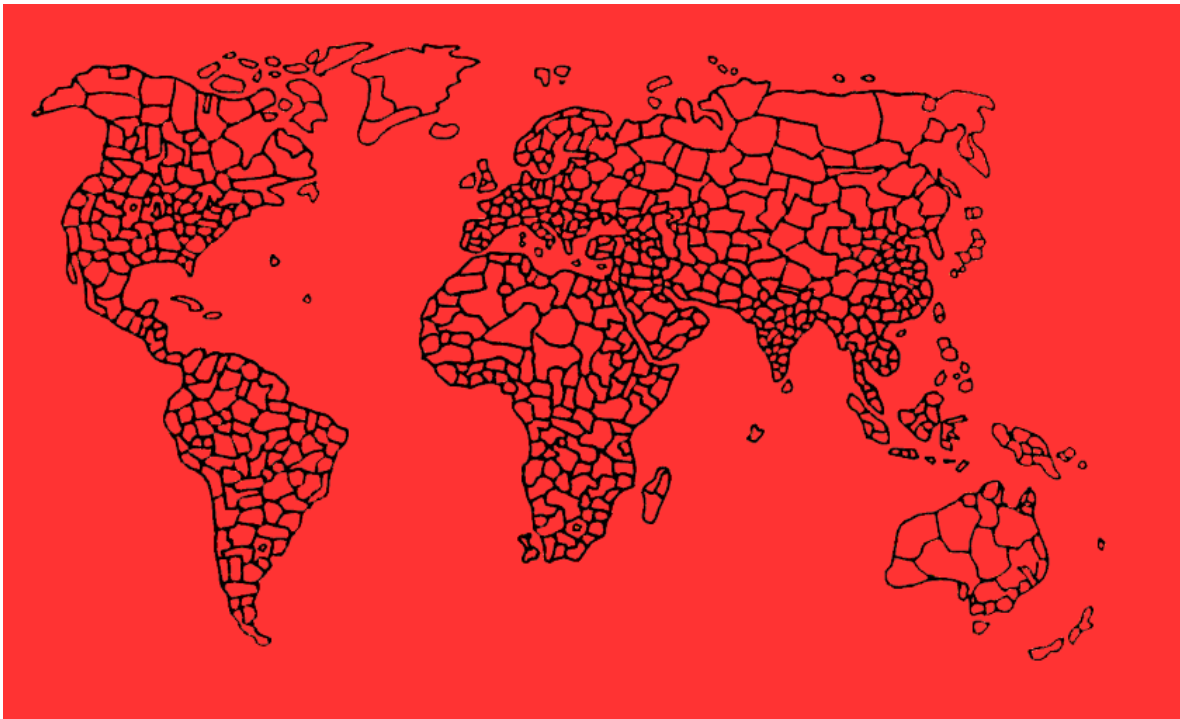
É claro que as complicações são possíveis. A obrigatoriedade de seguir as regras pode levar a milícias provisórias, por exemplo, se um dos lados insistir na transgressão. Essas milícias poderiam desenvolver uma dinâmica interior e virar um tipo de exército, que por sua vez precisaria ser controlado por milícias mais fortes. Mas tal escalada pressupõe um sistema econômico centralizado com recursos adequados e espaços socialmente vazios onde pudesse acontecer. Ambas as condições faltarão.

Também é imaginável que um latoeiro arrebatado e solitário construa uma bomba atômica no porão de uma fábrica deserta e esteja a ponto de destruir um bairro inteiro ou uma comarca segundo seu nima (identidade cultural). Ele teria alguns problemas para conseguir o material necessário sem que ninguém por perto suspeitasse. O controle social espontâneo impediria o pior. Mas mesmo um latoeiro maluco seria menos perigoso que os cientistas e políticos de hoje...

*asa`pili*

	<i>ibu</i> Eu, tu, ela, ele; indivíduo, pessoa, cidadão, homem, mulher, criança, alguém, ninguém		<i>pili</i> Comunicação, linguagem, compreensão, transmissão de conhecimentos, instrução, entretenimento, conversa fiada.
	<i>bolo</i> Comunidade de base, tribo, comuna, vizinhança, quarteirão, comunidade de rua, vila, condomínio		<i>kene</i> Trabalho externo, trabalho obrigatório, trabalho socialmente necessário, corveia, tarefa
	<i>sila</i> Garantia de vida, hospitalidade, tolerância, assistência, lei, existência		<i>tega</i> Redondeza, vizinhança, bairro, vila, aldeia, distrito, vale, ilha
	<i>taku</i> Propriedade, segredo, vida privada, baú, canastra		<i>dala</i> Assembléia, conselho, comitê, associação, parlamento, reunião, governo
	<i>kana</i> Grupo, gangue, clã, bando, turma, círculo de amigos, clube, comunidade		<i>dudî</i> Delegado exterior, espião, fiscal
	<i>nima</i> Identidade cultural, cultura, estilo ou modo de vida, tradição, filosofia, religião, ideologia, personalidade		<i>vudo</i> Condado, comarca, cidade, comuna, pequena região, vale
	<i>kodu</i> Natureza, agricultura, paisagem, nutrição, campo		<i>sumi</i> Região, área geográfica, ilha, região cultural
	<i>yalu</i> Alimentos, cozinha, estilo culinário, gastronomia		<i>asa</i> Terra, planeta, mundo, humanidade
	<i>sibi</i> Arte, artesanato, arquitetura, indústria, produção de objetos e de máquinas		<i>buni</i> Presente, doação
	<i>pali</i> Energia, produção e utilização de energia, combustível, calor		<i>mafã</i> Ajuda mútua, reservas, provisões, recursos básicos
	<i>suvu</i> Água, curso da água, fonte		<i>feno</i> Acordo de troca, contrato de intercâmbio, colaboração, cooperação
	<i>gano</i> Habitação, casa, abrigo, construção, tenda, caverna, alojamento		<i>sadi</i> Mercado, feira, centro de trocas
	<i>bete</i> Saúde, cuidados básicos, medicina, trato do corpo		<i>fasi</i> Viagem, circuito, passeio, transporte, tráfico, vida nômade, turismo, locomoção
	<i>nugo</i> Morte, pílula da morte, suicídio		<i>yaka</i> Batalha, querela, duelo, violência, conflito, guerra, conjunto de regras





***bolo'bolo** foi escrito por autor anônimo e publicado pela primeira vez na Suíça, em 1983, em alemão. Traduzido por Sonia Hirsch da edição em inglês, foi publicado em português pela CorreCotia em 1986. A capa e o projeto gráfico de Newton Montenegro de Lima foram aproveitados por Edemilson Pereira dos Santos, em maio de 2000, para a versão on line.*



## Sumário-----acertar paginas

Uma grande ressaca-----	04
A máquina planetária do trabalho----- 06	
Os três elementos essenciais da máquina-----	08
Três negócios em crise-----	10
Negócio A: decepção na sociedade de consumo-----	11
Negócio B: frustração no socialismo-----	12
Negócio C: desenvolvimento da miséria-----	14
O fim da Realpolitik-----	17
Tudo ou nada-----	19
bolo'bolo-----	22
Substrução----- 23	
Dysco-----	24
Trico-----	30
Cronograma provisório-----	32
ibu-----	34
bolo-----	35
silá-----	39
taku-----	41
kana-----	43
nima-----	44
kodu-----	46

yalu	49
sibi	52
pali	53
suvu	56
gano	58
bete	62
nugo	64
pili	65
kene	69
tega	70
dala	72
dudi	73
vudo	74
sumi	76
asa	78
buni	79
mafa	80
feno	81
sadi	84
fasi	86
yaka	93
Notas	96